

1.



HISTÓRIA BREVE

DO

rotary club de lisboa

1926

1979

História Breve
do Rotary Clube de Lisboa

História Breve do Rotary Clube de Lisboa



do Rotary Clube de Lisboa Edição

Título

História Breve do Rotary Clube de Lisboa

Edição

Rotary Clube de Lisboa

1979

Composto e Impresso

Tipografia Dulmaro

Praceta Luis Reis Santos, 6

2675 ODIVELAS

Índice

	Pág.
ADVERTÊNCIA PRÉVIA	9
PREÂMBULO	11
A génese do mundo rotário	11
O espírito rotário em que nos integramos	18
A FUNDAÇÃO DO ROTARY CLUBE DE LISBOA E OS SEUS PRIMEIROS ANOS DE ACTIVIDADE	24
SEGUNDO DECÊNIO: CONTINUIDADE ENTRE AS TOR- MENTAS	34
DESENVOLVIMENTO E IRRADIAÇÃO NO APÓS-GUERRA	44
CONTEMPORANEIDADE: OS ÚLTIMOS VINTE ANOS	51
PRESIDENTES DO ROTARY CLUBE DE LISBOA DESDE A SUA FUNDAÇÃO	63
COMPANHEIROS DO CLUBE QUE FORAM CONSELHEIROS E GOVERNADORES DE DISTRITO	65
ACTIVIDADES SECTORIAIS DO ROTARY CLUBE DE LISBOA	66
Perspectiva interna	67
Acção filantrópica	72
Contributo para a Fundação Rotária Portuguesa	84
Acção cultural	89
Defesa da posição cívica e ética do Rotary	99
O Rotary Clube de Lisboa e a juventude	105
A convivência internacional	113
CONCLUSÃO	122
BREVE HISTOIRE DU ROTARY CLUB DE LISBONNE	126
BRIEF HISTORY OF THE ROTARY CLUB OF LISBON	130

ADVERTÊNCIA PREVIA

Esta História Breve do Rotary Clube de Lisboa (1925-1979) nasceu de uma convergência de circunstâncias que justifica sumária explicação. Na sequência dos projectos de comemorações do seu 75.^o aniversário, que se celebra em Fevereiro de 1980, manifestou a Presidência do **Rotary International** o desejo de que os Clubes da vastíssima organização, dispersos por cerca de centena e meia de países e regiões geográficas, elaborassem e publicassem a sua história, cada um no âmbito das suas actividades e realizações. Como mais antigo Clube português, precedendo os pioneiros de vários países europeus, não podia o Rotary Clube de Lisboa deixar de acolher com interesse e simpatia a sugestão. Por outro lado, veio ela ao encontro de aspirações que já entre nós se manifestavam, conhecida como era a carência de documentação organizada sobre o passado da nossa agremiação desde que foi fundada em 1925. O tempo foi e vai passando inexorável, as gerações sucedem-se, a memória esvai-se. E o Rotary Clube de Lisboa toma agora esta iniciativa com plena convicção da sua oportunidade, procurando fixar nas páginas que vão seguir-se

o que do seu passado poderá merecer recordação para os que hão-de continuar a missão associativa rotária de cujo facho os Companheiros de hoje são os portadores e os responsáveis. Em 1912 afirmava Paul Harris, fundador do Rotary International, que «a grandeza do Rotary está no seu futuro e não no seu passado». Também nesta modesta parcela que somos da grandiosa organização mundial podemos e devemos pertilhar a declaração promissora de Paul Harris e manifestar a esperança de que o Rotary Clube de Lisboa seja no futuro - para o qual esta História Breve será depoimento e mensagem - maior e mais fecundo em todos os sectores das suas actividades do que o foi nos quase 55 anos decorridos da sua existência pretérita.

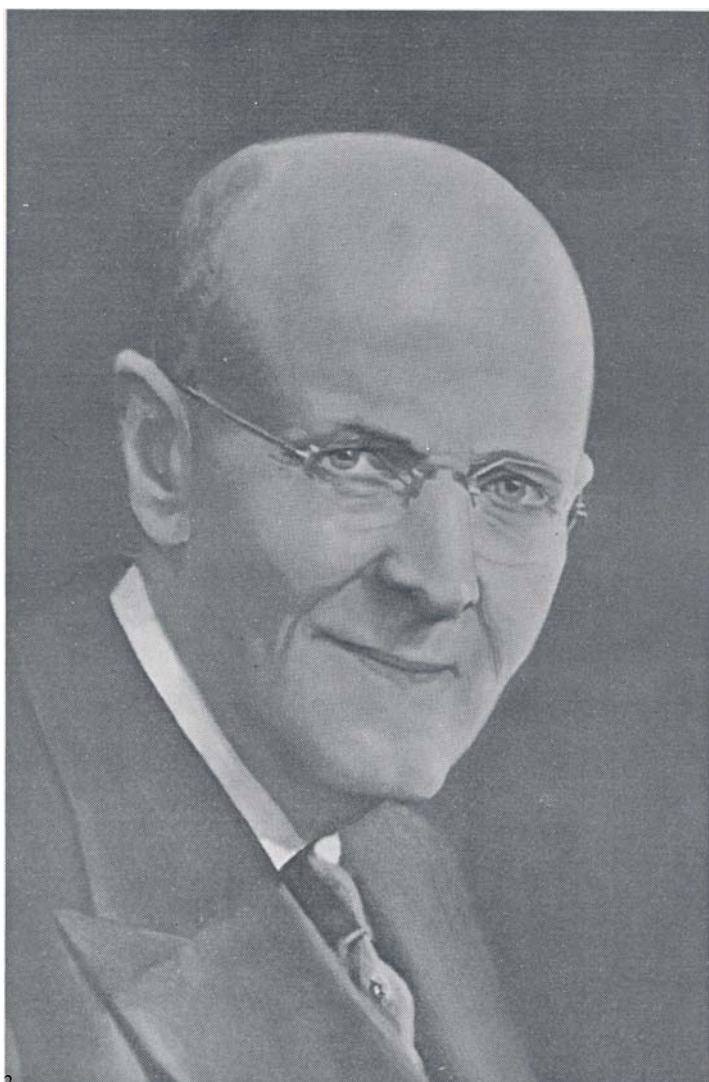
Resta-nos acrescentar que a elaboração desta «memória» não foi fácil e a muitos - como a nós mesmos que a pusemos em marcha - há-de afigurar-se incompleta. Não existem (ou não se conseguiu encontrá-las) referências documentais sobre vários períodos da vida do nosso Clube e, em especial, sobre o seu primeiro decénio. Mas o que se pôde reunir, em pra;ro' relativamente breve, parece-nos bastante para justificar esta edição e, com ela, consagrar o esforço dos que nos precederam, ao mesmo tempo que deixar expresso um incentivo aos que nos seguirem na missão de Servir, que é a de todos os rotários, em Portugal e no mundo.

Resta-nos, finalmente, agradecer a todos os Companheiros que contribuíram para este trabalho com valiosas informações a sua amável colaboração.

Junho de 1979.

A comissão coordenadora desta edição

FAUSTO LOPO DE CARVALHO
ANTERO RAMOS TABORDA
S~RGIO MEDEIROS



PAUL HARRIS
1868-1947 *Fundador*
do Rotary

PREÂMBUIO

A GÉNESE DO MUNDO ROTARIO

O Rotary Clube de Lisboa, como os muitos milhares de agremiações irmãs que existem no mundo, faz parte do **Rotary International**, que é o imenso corpo cosmopolita constituído por essas agremiações. Não será inoportuno nem supérfluo, decerto, que antes de entrarmos na exposição da história do nosso Clube seja aqui esboçada em breve síntese uma panorâmica do vasto conjunto em que estamos integrados e cujo espírito, intenções e aspirações compartilhamos. E, para começar, a evocação das origens do movimento rotário mundial em que veio alinhar, desde 1925, o primeiro Clube português.

Em 2 de Fevereiro de 1905, em Chicago (Estados Unidos), um pequeno grupo de homens de várias profissões entre os quais se mantinham relações de convivência mais ou menos assídua, reuniu-se no escritório de um deles, a pedido e por iniciativa do advogado Paul Harris, para troca de impressões sobre a ideia por

este apresentada da fundação de um novo clube. Na aparência inicial e formal, seria um clube como tantos outros, com o singelo objectivo de que os seus membros se conhecessem melhor uns aos outros e entreajudassem na vida árdua de trabalho e de competição profissional que era a daquela cidade norte-americana. Uma ideia de formulação simples que conteve profundas implicações sociais e morais inspirava aquele grupo de homens e logo atraiu outros: «Cada um de nós se empenharia em pensar no bem-estar dos seus companheiros.» Convivência cordial, simpatia militante, boa vontade humana acima de egoísmos e de tudo o mais que possa diminuir os homens, era o programa que se propunham e aceitavam, por inspiração inicial de Paul Harris, os aderentes do novo Clube. Sob a aparência singela da fórmula, porém, uma vocação essencial de compreensão recíproca - ideal humanista de todos os tempos - congregava o grupo, num ambiente social onde a áspera luta pela vida, pelos interesses egoístas e pelo êxito pessoal sobrepujava todas as intenções generosas que pudessem individualmente perfilhar. Para fixar um critério de organização, logo nas reuniões seguintes ficou assente que no clube só participaria um representante de cada profissão ou ramo de actividade económica e que as reuniões se efectuassem, rotativamente, no escritório ou residência de cada um dos sócios. Surgiu assim a designação de Rotary Club e, com ela, o distintivo da roda a sugerir a ideia clubista originária.

O fundador Paul Harris caracterizou a atmosfera desse primeiro grupo rotário, que veio a germinar em imensa irradiação mundial, nos seguintes termos: «Eles eram amigos e afáveis, cada um representava uma profissão honrosa e reconhecida, diferentes umas das outras. Haviã sido seleccionados sem levar em conta quaisquer diferenças raciais, políticas ou religiosas ...

todos produtos dessa grande manta de retalhos que constitui o povo americano e, como tal, progenitores da instituição internacional que estavam criando». Mas, por outro lado, a associar-se à vocação solidarista de grupo, uma vocação humanitária e social da instituição se afirmou sem demora: em 1907 o Clube Rotário de Chicago lançou com caloroso apoio dos seus membros uma campanha para a criação de serviços sanitários de ajuda à população pobre na Prefeitura daquela cidade. Também aí germinou desde logo um dos objectivos primaciais da novel agremiação: servir a outros, sob uma generosa e altruísta perspectiva social.

A reputação do Clube constituído por Paul Harris e seus amigos e confrades também não tardou a divulgar-se. O segundo clube rotário foi fundado em S. Francisco da Califórnia em 1908. No princípio do ano seguinte, outro surgiu em Oakland. E em 1910 já havia dezasseis Rotary Clubes disseminados nos Estados Unidos, justificando que em Agosto desse ano se reunisse em Chicago a I Convenção Rotária e nela fosse instituída a Associação Nacional de Rotary Clubes. Em 1912, quando se reuniu a II Convenção, eram já cinquenta os clubes existentes e a organização deu um decisivo passo em frente: o ingresso na via internacional pela presença de delegados de clubes canadianos e pelo reconhecimento oficial (e concretamente convencial) de clubes criados na Irlanda e na Grã-Bretanha. Para o conjunto foi então adoptada a designação de Associação Internacional de Rotary Clubes. O ecumenismo passou a ser assim um corolário coerente do humanismo actuante e prático da organização, com o seu espírito necessariamente universalista. E essa expressão universal no culto dos valores ético-sociais traduziu-se pouco depois na adopção de um «Código Rotário de Ética» que passou a reger, estimulando-a, a difusão mundial do rotarismo, como organização e como espírito compartilhado.

Em 1921 registou-se a constituição do Clube número 1000, abrangendo já então numerosos países dos cinco continentes. E nesse ano realizou-se em Edimburgo (Escócia) a primeira Convenção Internacional fora dos Estados Unidos, sob uma legenda que consagrou e prestigiou *ainda* mais largamente os princípios da organização, depois das trágicas provações da 1ª Guerra Mundial: «Viveremos como Homens». Outras legendas foram adoptadas, propagandeadas, glosadas em doutrina e postas em prática na acção rotária: «Estimular o desejo de cada associado rotário de servir os seus semelhantes e a sociedade em geral»; «Dar de si próprio antes de pensar em si próprio»; «Mais se beneficia quem melhor serve os seus semelhantes». Em 1922, na Convenção de Los Angeles, foi adoptada a designação de Rotary International, que hoje perdura. Em 1923 foi fixada em termos precisos a orientação do movimento rotário no domínio primacial ~ pela sua projecção generalizada - dos Serviços à Comunidade, que ficou consagrada na célebre Resolução 34. E logo foi dado testemunho concreto da orientação adoptada no amplo auxílio prestado pelos serviços centrais do **Rotary International** e pelos clubes rotários de todo o mundo às vítimas de um grave terramoto no Japão. Em 1924, confirmando a continuada expansão do movimento, regista-se que atingia 100 000 o número de rotários no mundo. Em 1930 são 150 000. Em 1938 ultrapassam 200000.

A II Guerra Mundial afectou, inevitavelmente, o funcionamento da organização rotária, ao mesmo tempo que deu motivo a incontáveis actos de solidariedade humana e altruísta dos clubes participantes. E, logo que terminou o *conflito*, recomeçou o incremento incessante na criação de novos clubes nos mais diversos países. Em 1957 regista-se a existência de 9507 clubes com cerca de 450 000 associados. Em 1961 ultrapassa

500000 o número de rotários inscritos no mundo. Segundo os dados mais recentes, de Junho de 1979, há no mundo 18 081 clubes com 843 500 associados, em 152 países ou regiões geográficas.

Entretanto foi instalada pelo **Rotary International** uma sede própria para os seus serviços centrais na cidade norte-americana de Evanston, onde são coordenadas e documentalizadas as actividades de todos os clubes integrados na organização mundial.

O órgão administrativo supremo do **Rotary International** é o Conselho Director, constituído por 17 membros, incluindo um presidente, um secretário-geral e um tesoureiro, responsáveis pelas actividades de coordenação do Conselho. Por outro lado, para maior eficiência na administração e orientação do movimento rotário mundial, os clubes são agrupados em Distritos. Segundo o «Manual de Processo», o número de clubes que devem constituir cada distrito não é rígido nem os seus limites territoriais devem necessariamente coincidir com as fronteiras dos países em que existem clubes em funcionamento. E o número de Distritos em cada país depende da densidade rotária que nele se verifique, da extensão da sua área, das características raciais e da língua, das condições políticas e económicas: em suma, das afinidades que possam e devam ser consideradas para o agrupamento de um conjunto de clubes em Distrito.

Para cada Distrito Rotário (existiam no mundo 319 segundo a estatística de Março de 1978) é indkado anualmente pelos clubes do mesmo Distrito um Governador, que é eleito pela Convenção Internacional dos Rotary Clubes e passa a ser o representante responsável do Rotary International perante os clubes que o constituem. Cada Governador de Distrito tAm por função propagar os objectivos do movimento rotário, orientar a organização de novos clubes, promover as relações

de convivência e cooperação entre eles e de todos com o Rotary International. O Governador é indicado pelos clubes do Distrito durante a Conferência Distrital anual. E, para manter a informação rotária inter-clubista e preparar tecnicamente as Direcções eleitas para o ano seguinte, realiza-se, também anualmente, uma Assembleia de presidentes e secretários eleitos de todos os clubes do Distrito, além de outros rotários, sob a presidência do Governador em exercício. É princípio básico da organização rotária à escala mundial que os Rotary Clubes usufruam de ampla autonomia nas suas actividades e iniciativas, mantendo-se embora os condicionalismos estatutários e normativos nas bases necessárias para que sejam preservadas as características específicas e essenciais do movimento rotário.

O Conselho Director do Rotary International no exercício de 1976-77 adoptou como definição aplicável a todos os países e em todas as actuações dos clubes rotários, a seguinte fórmula: «O Rotary é uma organização de homens de negócios e de profissionais, unidos no mundo inteiro, que prestam serviço humanitário, fomentam um elevado padrão de ética em todas as profissões e ajudam a estabelecer a boa vontade e a paz no mundo». Os serviços administrativos do Rotary International, com sede em Evanston, são proporcionadas a todos os Governadores de Distritos e a todos os clubes, à escala do mundo rotário, do modo mais equitativo possível. Esses serviços são assegurados por pessoal internacionalizado do escritório central.

A Rotary Foundation (Fundação Rotária) é uma das instituições complementares fundamentais do Rotary International. Foi em 1917, na Convenção de Atlanta (Estados Unidos) que o presidente da então Associação Internacional dos Clubes Rotários, antecessores do Rotary International, propôs pela primeira vez a criação de um organismo que concentrasse fundos rotários para

o cumprimento de alguns objectivos fundamentais do movimento e, em especial, do intercâmbio de bolsistas para especialização e aperfeiçoamento profissionais. A instituição, porém, só veio a ser aprovada e oficializada em 1928, na Convenção de Minneapolis, logo afluindo fundos consideráveis que permitiram pôr em marcha as suas realizações. Em 1938 os fundos constituídos atingiam dois milhões de dólares. A II Guerra Mundial quase obrigou a paralisar as actividades da Fundação. Mas, logo depois dela, recomeçaram os seus relevantes serviços e em 1947, quando do falecimento de Paul Harris, a celebração da sua memória e da sua obra, ficou assinalada pelo vigoroso impulso que se imprimiu à Fundação. No período de 1948-1958, por exemplo, a Rotary Foundation recebeu donativos superiores a 3,5 milhões de dólares, sendo contemplados nessa década 1075 bolsistas com um dispêndio da ordem de 2,7 milhões de dólares. A Fundação continua em ampla actividade, contribuindo notavelmente para a comunicabilidade e para a projecção internacionais do Rotary.

Outro elemento a considerar na acção universalista do Rotary é a publicação regular da revista *The Rotarian*, com tiragem de centenas de milhar de exemplares, que constitui um órgão de informação e de convivência permanentes, com vasta irradiação, para os rotários de todo o mundo. Faz-se da revista uma edição em espanhol sob o título de *Revista Rotária*.

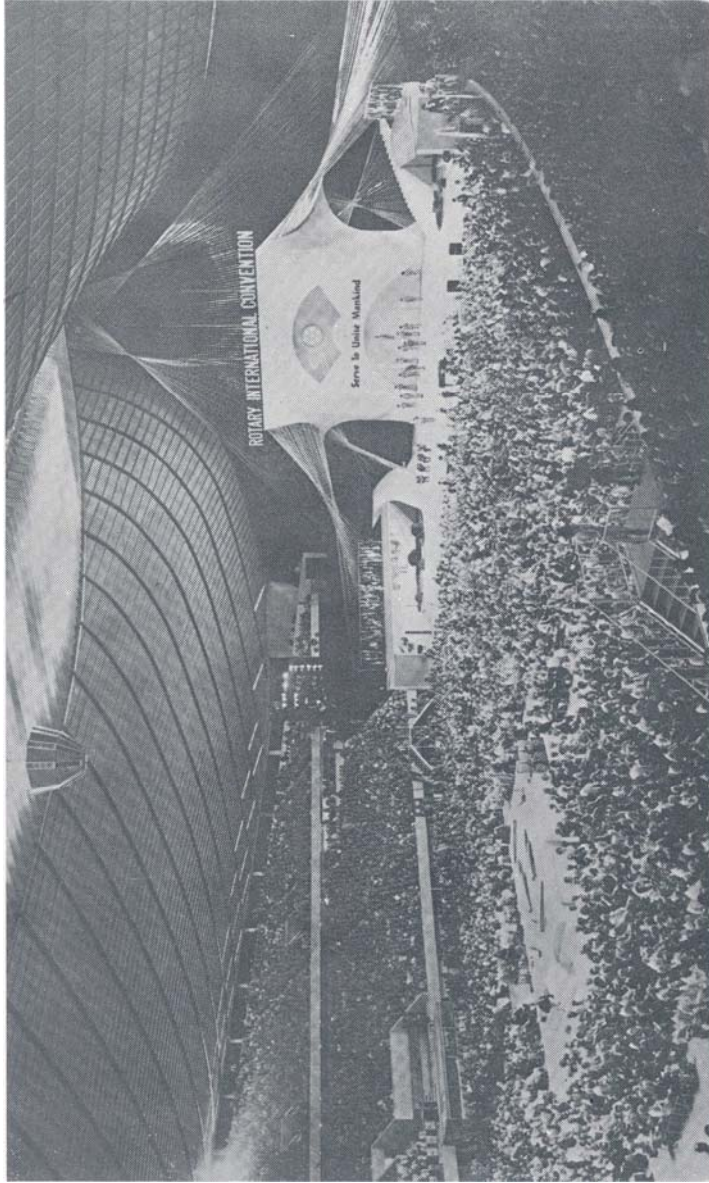
FOI NESTE dilatado mundo humano de boas-vontades, que já abrange perto de um milhão de pessoas em centena e meia de países e regiões geográficas que se integrou em 1926 o Rotary Clube de Lisboa: nele se mantendo com inabalável fidelidade aos seus ideais ao longo dos cinquenta e quatro anos que conta de existência.

O ESPÍRITO ROTARIO EM QUE NOS INTEGRAMOS

O movimento rotário é essencialmente, sob a forma associativa, uma concepção da vida inspirada na reciprocidade das boas-vontades, na rectidão do carácter, na generosidade e compreensão para com o seu semelhante, na intenção de bem servir a humanidade pelas formas mais positivas, na opção da conduta mais digna em todos os aspectos da vida pública e privada. Um Rotary Clube, como se definiu em resolução adoptada na Convenção Intemaciona,1 de 1923, constitui, antes de tudo, um grupo de homens «imbuídos de espírito contagiante que conduz à acção construtiva e faz da boa-vontade um hábito». Os rotários tratam-se por «companheiros» porque os liga ou deve ligar, para além das amizades pessoais, o comum objectivo de se vincularem a uma causa a que livremente aderiram - e essa causa ó a cio servir os interesses gerais, sempre guiados por um elevado espírito de compreensão, tolerância e paz.

Em conformidade com este espírito, o **Rotary International**, como associação dos Rotary Clubes de todo o mundo, inscreve no artigo 3.º dos seus Estatutos: «O objectivo do Rotary é estimular e fomentar o ideal de Servir, como base de todo o empreendimento digno, promovendo e apoiando:

3. O desenvolvimento do companheirismo como factor capaz de proporcionar oportunidades de Servir;
4. O reconhecimento do mérito de toda a ocupação útil e a difusão das normas de ética profissional;
5. A melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e privada;
6. A aprox'mação dos profissionais de todo o mundo, visando a consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre nações.



Aspecto da Convenção do Rotary Internacional que decorreu em Tóquio em Maio de 1978

Estas normas foram transferidas em idênticos termos para o teor obrigatório dos Estatutos de cada Rotary Clube em qualquer parte do mundo, marcando assim, nitidamente, o universalismo humanista da organização rotária onde quer que seja implantada. Há no rotarismo, conseqüentemente, um universalismo que é, na sua essência, uma ética e não uma política indiscriminada mente internacionalista. O «Manual de Processo» do Rotary International associa ao preceito universalista a norma dessa e o reconhecimento da qualidade nacional inalienável de cada um dos seus membros, seja qual for o país a que pertencer: «Espera-se que todo o rotário seja um cidadão leal e servidor do seu próprio país e que todos os Clubes rotários obedçam às leis dos países em que existirem e actuem». Na Convenção de St. Louis foi reiterado esse princípio: «O Rotary International espera que todo o rotário ordene a sua vida quotidiana pessoal e actividades comerciais e profissionais da maneira que seja um cidadão leal e servidor do seu próprio país.»

Entretanto, em sucessivas Convenções e outras reuniões, através de publicações inúmeras que ao longo dos anos foram surgindo em todos os países onde o Rotary International outorgou Cartas Constitucionais a clubes locais, foram fixadas e definidas as quatro **Avenidas** da missão rotária:

- Serviços Internos
- Serviços Profissionais
- Serviços à Comunidade
- Serviços Internacionais

Todos e quaisquer rotários, desde que o queitem ser, lhe integram em todas as Avenidas, adoptando como normas pessoais indeclináveis os deveres que são por elas fixados.

A **Avenida** dos Serviços Internos é a das dedicações pessoais voluntariamente exercidas no funcionamento interno dos Clubes e nas suas diversas actividades associativas. É a primeira obrigação aceite do rotário como tal, respeitando as determinações do regulamento clubista, exercendo cargos, comparecendo pontualmente às reuniões, saldando as contribuições regulamentares nos prazos devidos, cumprindo, em suma, as normas de companheirismo do Clube.

A **Avenida** dos Serviços Profissionais é também um caminho de solidariedade, manifestando-se através da profissão, ajudando através dela os que a ela estiverem ligados, mantendo a dignidade e o valor social da ocupação que cada um exerce, conjugando o seu êxito pessoal com o dos companheiros na prática das actividades. O facto de se basear na profissão a selecção dos membros dos Clubes rotários atesta a importância deste aspecto do procedimento individual e social dos sócios.

A **Avenida** dos Serviços à Comunidade representa a participação activa dos rotários nos vários escalões da sociedade humana de que fazem parte, com interesse actuante no bem-estar e no progresso sociais, com todos se preocupando acima dos seus interesses individuais e instintivos egoísmos. Por essa via, os rotários prestarão a sua adesão e concurso a todas as iniciativas que contribuam para o bem-estar da esfera humana ao seu alcance. O **Rotary International** recomenda expressamente no «Manual de Processo» de 1978 que os Serviços à Comunidade por cada Rotary Clube deverão ser campo de experiências «destinadas a treinar os sócios na arte de Servir».

A **Avenida** dos Serviços Internacionais aponta o rumo sempre desejável do concurso de cada rotário, no âmbito que estiver ao seu alcance, para o incremento da convivência, da compreensão e das boas relações entre os povos, como alicerces da paz e do progresso social.

No livro *A Realização do Ideal de Servir*, editado em 1961 em várias línguas, incluindo o português, pelo Rotary International, insere-se esta mensagem do fundador: «o programa rotário para o fomento de melhor compreensão entre grupos sociais (ou povos e nações) diferentes e entre os crentes de religiões distintas, iniciado auspiciosamente e com simplicidade em 1905, tem tido maior sucesso até agora do que as negociações de diplomatas. Rotary tem sempre acentuado os ideais nas coisas materiais que estejam de acordo em lugar de acentuar as coisas materiais que estejam em desacordo. Rotary tem demonstrado satisfatoriamente que a amizade pode facilmente atravessar as fronteiras nacionais e religiosas». Neste espírito e como sua expressão concreta, se fi liam as incessantes formas de convivência entre os rotários de todo o mundo. como participantes assíduos e muitas vezes numerosos nas reuniões rotárias correntes.

No percurso permanente das Avenidas rotárias se fundamenta a perenidade da organização e a sua progressiva universalidade, consagrada em serviços à Humanidade. Assim as confirmam algumas declarações que é oportuno registrar. como testemunhos vindos dos mais diversos quadrantes. Em Novembro de 1970. ao receber os congressistas de uma reunião rotária internacional, declarou o Papa Paulo VI: «As finalidades do vosso movimento não podem deixar de prender a nossa simpatia». Winston Churchill afirmou: «Todo o homem que pense tem que reconhecer o valor moral e espiritual do Rotary». O rei Gustavo Adolfo. da Suécia, disse em 1955: «Os princípios do Rotary são. sem dúvida, de elevado espírito. Espero que o Rotary International continue a desenvolver-se e a conseguir com tod.o o sucesso o seu ideal. de modo a alcançar as relações que deseja entre os homens e as nações». Pela mesma época afirmava Ichiro Hatoyama. primeiro-ministro do Japão: «O

Rotary International tem desempenhado grande papel na criação da amizade e no melhor entendimento entre nações». Especial relevo é devido às palavras proferidas pelo Papa João Paulo II em 14 de Junho de 1979, em audiência concedida a rotários que tomaram parte na Convenção de Roma desse ano, incluindo uma delegação de dirigentes do Rotary Clube de Lisboa: «Na solidariedade da vossa associação vós encontráis apoio mútuo, encorajamento recíproco e o mesmo propósito de trabalhar para o bem comum. Para quem vos observe com profundo interesse e apurada atenção, é evidente que vós ofereceis, com sinceridade e generosidade, os vossos talentos, os vossos recursos e as vossas energias para o serviço do Homem».

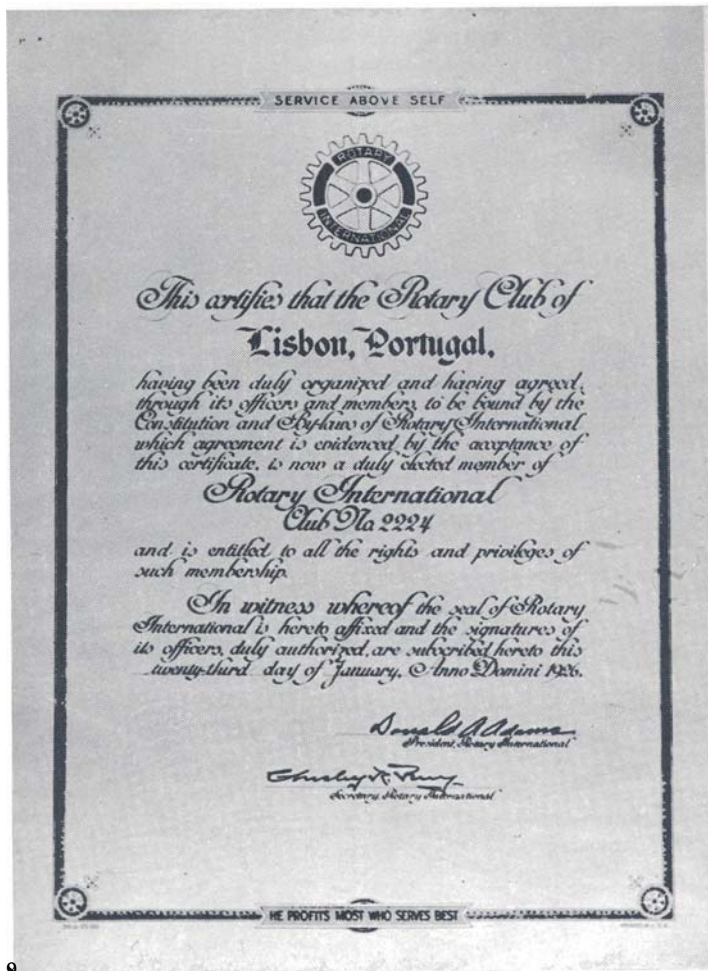
E, para finalizar estes breves depoimentos, que poderiam multiplicar-se ad infinitum, a seguinte frase de um nosso Companheiro que sempre recordamos com veneração e saudade - o ProL. Hernâni Cidade: «Rotary existe porque acredita no entendimento humano».

A EXPERIÊNCIA DO ROTARY CLUBE DE LISBOA
NA ADESÃO AO ESPÍRITO ROTÁRIO, NO CUMPRIMENTO
DOS SEUS SERVIÇOS E NO PERCURSO DAS AVENIDAS
ROTÁRIAS É DOCUMENTADA NESTA HISTÓRIA BREVE COMO
TESTEMUNHO QUE HONHA O SEU PASSADO E LHE APONTA
A CONTINUIDADE DO CAMINHO FUTURO. SEMPRE CONTOU
COM DEDICAÇÕES EXEMPLARES QUE ASSEGURARAM NA
SEQUÊNCIA DOS ANOS O SEU EFICAZ EXERCÍCIO. NEM
PROCURADO MANTER NA COMPOSIÇÃO DOS SEUS
QUADROS UMA EXIGENTE E ÍNTEGRA SELECTIVIDADE. PODE
ORGULHAR-SE DE UMA LONGA E PRESTIGIOSA HISTÓRIA DE
BENEMERÊNCIAS NOS MAIS DIVERSOS DOMÍNIOS, EM
CUMPRIMENTO DAS NORMAS DOS SERVIÇOS À
COMUNIDADE. FOI E CONTINUA SENDO INSTRUMENTO DE
ENCONTRO

INCESSANTE COM HOMENS VINDOS DE TODOS OS
RECOR,INTOS DO GLOBO, EM CALOROSO ESPÍRITO DE
AMIZADE. AO LONGO DE MAIS DE MEI.O SÉCULO TEM-SE
EMPENHADO EM CUMPRIR NO ESPÍRITO E NA PRÁTICA A
MISSÃO QUE ASSUMIU COMO PARTICIPANTE NUM
MOVIMENTO MUNDIAL INSPIRADO EM NOBRES IDEAIS, SEM
DISCRIMINAÇÕES IDEOLÓGICAS OU DE QUALQUER OUTRA
NATUREZA.

A fundação do Rotary Clube de Lisboa e os seus primeiros anos de actividade

As origens do Rotary Clube de Lisboa, embora já falecidos todos os seus fundadores e inexistentes ou ignorados os arquivos que poderiam documentá-las, estão testemunhadas em depoimentos posteriores que tornam possível a sua reconstituição em objectivo esboço. Por meados da década de 20 o movimento rotário internacional tinha atingido uma amplitude e projecção que justificavam o seu eco em Portugal. Segundo informações reunidas no volume **Rotary no Mundo**, editado em 1975 pelo **Rotary International** em cinco línguas, incluindo o português, estavam constituídos por aquela época cerca de 2000 Olubes, distribuídos por três dezenas de países e contando com perto de 120 mil associados. Depois da criação do primeiro clube em Chicago, nos Estados Unidos da América do Norte, em 1905, tinham surgido sucessivamente, além de outros nesse país e no Canadá, agremiações similares na Inglaterra e na Irlanda (1911), em Porto Rico (1913), no Panamá e no Uruguai (1919), nas Filipinas, Argentina e União Indiana (1920), no México, África do Sul, Japão e França (1921), na



Carta Constitucional do Rotary Clube de Lisboa, datada de 23 de Janeiro de 1926.

Noruega, Dinamarca e Peru (1922), no Brasil, Itália, Holanda e Bélgica (1923), na Suíça e no Chile (1924), na Áustria em 1925. Entretanto, em 1920, ocorrera um facto que viria a ser de especial importância para o surto do rotarismo em Portugal: foi fundado nesse ano o Rotary Clube de Madrid (Espanha), o primeiro constituído na Europa continental.

Por alturas de 1924 - recordou em reunião do Rotary Clube de Lisboa de 20 de Outubro de 1949 o eng.^Q Ermete Pires - «o nosso Companheiro já falecido Curado Ribeiro e eu fomos convidados por um amigo comum para um almoço no Rotary Clube de Madrid. Daí nasceu o primeiro entusiasmo rotário em Portugal». Em Lisboa, esses entusiastas pioneiros entraram em contactos com outros virtuais interessados e - recordava Ermete Pires na mesma oportunidade - em 23 de Janeiro de 1925 realizou-se uma reunião para analisar a hipótese da criação de um Rotary Clube português em que participaram, além de Ermete Pires e Curado Ribeiro, o comandante Boaventura Mendes de Almeida, o director inglês da Companhia dos Telefones de Lisboa, Pope, e o eng.^Q Ernesto Santos Bastos. O projecto foi tomando corpo, o grupo promotor estabeleceu contacto com o Rotary International e, em 16 de Dezembro de 1925, teve lugar a reunião constituinte do Rotary Clube de Lisboa, de que ficou acta pormenorizada que se transcreveu no boletim n.^Q 121, de Dezembro de 1954, enquadrada nas palestras evocativas que foram proferidas em 14 daquele mês e ano pelos Companheiros Beirão da Veiga e Ermete Pires.

Na 4.ª-feira, 16 de Dezembro de 1925, pela 1 hora da tarde, realizou-se no Café, Tavares, em Lisboa, o almoço de inauguração do Rotary Clube de Lisboa, sob a amável presidência do sr. James H. Roth, delegado do Rotary International,

de Chicago. Assistiu também o sr. Ferrez Puig, do R. C. de Barcelona.

Estiveram presentes os sócios srs. Mendes de Almeida, Mário Costa, Raul Ribeiro, Teixeira Soares, Robert James, Eduardo Luís Pinto Basto, dl'. Tavares de Carvalho, R. G. Jayne, dr. Beirão da Veiga, José Uno, S. C. Irving, dr. Mário Chagas, dl'. Borges de Sousa, W. Stanley Hollis, Ermete Pires, Ernesto S. Bastos, dr. Azevedo Neves e W. G. T. Pope.

O sr. Roth disse que inaugurava o Rotary Clube de Lisboa com todo o prazer e estava certo que muito havia a esperar da sua colaboração no Rotary International em face da qualidade das pessoas que ele via ali presentes.

Embora ainda não estivessem compenetrados do Ideal Rotário, a verdade é que todos eram já rotários pelos dotes intelectuais e morais que todos possuíam. Terminou afirmando que era uma honra para o Rotary International a inauguração do Rotary Clube de Lisboa.

O sr. Mendes de Almeida que tem sido, com o sr. Raul Ribeiro, um dos mais activos fundadores, lembra a necessidade de serem aprovados provisoriamente os Estatutos do Clube, pois que a sua aprovação definitiva se realizará no próximo almoço, quando se efectuar a sua leitura em íi:>rÜJgués).

a) Foi aprovado: - que a jóia fosse de Esc. 100S00 e a quota mensal de Esc. 20S00; b) que nenhum sócio pudesse desempenhar mais de um cargo; c) que o sócio ausente a um almoço pagará uma multa imposta pela Direcção,

n50 infer~or ao preço desse almoço; d) que o \$úcio apresentado não fosse aprovado quando obtivesse dois votos contra; e) que se agrade-cesse o tele'grama de saudações dirigido ao sr. Mendes de Almeida pelo sr. Calleja, de Bar-celona.

O sr. Mendes de Almeida, como orientador dos trabalhos, pediu 'a cada um dos sócios que organizasse uma lista de 7 nomes, os quais por maioria de votos, e segundo os estatutos, deviam ficar constituindo a Oirecção.

Foram escrutinadores os srs. Ernesto Santos Bastos e Mário Costa, sendo proclamados os srs, dr. João Ulrich, Boaventura Mendes de Almeida, dr. Mário Chagas, R. G. Jayne, S. C. Irving, Riual Ribeiro e dr. Mário Tavares de Carvalho.

logo em seguida se reuniu numa sala a Direcção para entre si distribuir os respectivos cargos. Poucos minutos depois o sr. Mendes de Almeida declarava que a Oirecção ficaria sendo composta pelos senhores:

Presidente	- Dr. João Ulrich
Vice- Presidente	- Boaventura Mendes de Al- meida
Secretário s	- Or. Mário Tavares de Car- valho e R. G. Jayne (rela- ções exteriores)
	- Raul Ribeiro
	- Dr. Mário P. Chagas
Tesoureir o Censor Vogal	- 5, G. Irving .

Oepo~s de aplaudidos estes senhores, o sr. Roth disse estar confiado nas prosperidades do

Rotary Clube de Lisboa. fez os seus agradecimentos e apresentou os seus cumprimentos de despedida.

O sr. Mendes de Almeida agradeceu e brindou à saúde do sr. Roth e pelas prosperidades do Rotary International. e no meio de cordiais saudações terminou o almoço de inauguração do Rotary Clube de Lisboa.

Foi assim dado o passo decisivo da criação do Clube. As diligências do grupo fundador, que era constituído por 23 membros, prosseguiram com rapidez e eficiência. de modo que o **Rotary International** pôde fazer entrega da Carta Constitucional ao seu novo Clube membro em 23 de Janeiro de 1926 - data oficial que demarca a entrada em exercício de pleno direito do Rotary Clube de Lisboa, sendo seu Clube-padrinho o Rotary Clube de Madrid.

O primeiro presidente efectivo a partir dessa data foi o comandante Boaventura Mendes de Almeida. Evocando-o na oportunidade atrás referida. o eng.² Ermete Pires declarou em palavras emocionadas: «Poucos éramos, ao tempo de iniciarse o Clube Rotário de Lisboa ... Não poderei especificar agora referências particulares a todos os rotários de então. Mas não quero fugir ao grato prazer - e com que saudade o faço!de relembrar alguns nomes dos cabouqueiros primários do nosso Clube, a quem, desde a sua aurora, se deve o esforço ingente da respectiva génese. Um é o do saudoso Companheiro Boaventura Mendes de Almeida, orientador dos trabalhos preparatórios ... Deixou-nos ele lídimos exemplos de seu trato fidalgo e legou-nos os primores da sua fé rotária ... Com que finura. elegância e sensibilidade o Companheiro Mendes de Almeida pre-

sidia às nossas reuniões hebdomadárias no velho Café Tavares! Acompanhou-o, ab início, o Companheiro Raul Ribeiro que, cheio de entusiasmo sereno e moço, 'foi agente activo na gestação do rotarismo português ... Logo na primeira reunião, de 16 de Dezembro de 1925, ao elegerem-se os corpos directivos, foi cometido o delicado pelouro da Censura ao eminente jurisconsulto dr. Mário Pinheiro Chagas. O seu espírito brilhante, culto, leve, gracioso e gentilmente irónico, foram qualidades que devem ao seu papel de censor encantamentos gratíssimos».

O dr. João Ulrich, eleito presidente da Direcção provisória e pouco depois substituído por Boaventura Mendes de Almeida, voltou a ser presidente por eleição no ano rotário de 1926-27. E o Companheiro Mendes de Almeida foi também eleito presidente pela segunda vez no ano rotário de 1933-34.

As actividades do novel Clube rotário, sobre cuja sequência em iniciativas e realizações nos primeiros anos as informações disponíveis são escassas, devem ter prosseguido imediatamente após a fundação, em conformidade com as normas dos Estatutos aprovados pelo Rotary Intemational sobre o Estatuto-padrão estabelecido para todos os Clubes rotários. Entretanto, na vida agitada que Portugal atravessava nessa época, a existência de uma instituição deste género deve ter motivado estranhezas e talvez suspeitas. Em 1926 um jornal da tarde de Lisboa dava sob o título «Conspiração?» a notícia de que todas as quartas-feiras se reuniam no Café Tavares determinadas individualidades em almoços que pareciam revestir certo ar de mistério. E citava nomes: dr. Azevedo Neves, Mendes de Almeida, dr .. João Ulrich, Guilherme Pinto Basto, dr. Martinho Nobre de Meio, dr. Eduardo Burnay, dr. Mário Pinheiro Chagas, dr. Beirão da Veiga, Hugo O'Neill, etc. E o jornal acrescen-

tava: «Tratava-se, afinal, duma agremiação que aparecera em vários países com o nome de Rotary Internacional. Livraram-se de boa os nossos Rotários. Se a notícia chegasse à Polícia como chegou a nós, que de complicações não surgiriam!»

Companheirismo, palestras, iniciativas benemerentes, devem ter assinalado desde início a acção do grupo "fundador e dos que a ele se foram juntar sob a aliciante inspração do espírito rotário. Em 1927 ingressou no Clube o eng.² Carlos Garcia Alves, cujo dinamismo e dedicação nas actividades em que se empenhava não devem ter tardado em ser postas à prova. Pode-se apontar como exemplo que em 1927 a Direcção em exercício, decidida a apoiar a organização educativa de juventude Associação Cristã da Mocidade, nomeou uma comissão para se dar seguimento aos auxílios possíveis a prestar a essa agremiação, designadamente no que respeitava à aquisição do terreno onde se encontravam instalados a sede e serviços respectivos. A comissão foi constituída pelos Companheiros Raul Abecassis, Ermete Pires, Godofredo Pope, R. Dilley e eng.^o Carlos Alves. E seria este último, decerto, o principal animador dos intuitos pertilhados pelo Rotary Clube de Lisboa, visto que ao longo da vida esteve sempre estreitamente ligado à Associação Cristã da Mocidade, introdutora em Portugal do escutismo. Há notícia, de facto, de que já em 1929 o Clube prestava importante apoio à Associação, permitindo-lhe alargar as suas actividades educativas e desportivas, não só no âmbito nacional como nos intercâmbios internacionais de juventude.

O Rotary lançou raízes imediatamente profundas e sólidas, atraindo para o seu seio individualidades de relevo em diversos sectores da vida nacional. Em 1930, por exemplo, segundo evocação feita pelo Companheiro Moitinho de Almeida em 1954, já eram sócios do Clube

e tinham nele participação activa figuras como o prof. Francisco Gentil, o importante industrial hoteleiro Alexandre da Almeida, o médico ilustre e rotário devotadíssimo que foi o dr. Carlos Santos, etc. Em 1932 ingressaram no Clube a destacada figura da vida económica que -foi Maxime Vaultier, atraindo consigo, em seguida, para as actividades associativas, numerosos Companheiros franceses e de outras nacionalidades da colónia estrangeira em Lisboa; e o industrial dr. Francisco Cortez Pinto, que até final da vida também trabalhou devotadamente pelo Clube, pugnando com infatigável tenacidade para que se desvanecessem as erradas interpretações que continuavam a envolvê-lo em certos meios e, de alguns modos, lhe suscitavam dificuldades injustas.

Também o Prof. George West, ex-director do Instituto Britânico em Portugal e antigo membro do Clube, em palestra proferida em 1978, recordou que por aquela época os almoços se realizavam no Maxim's, que o Clube tinha um número relativamente reduzido de sócios facto mais de realçar em contraste com a projecção que alcançara e mantinha - e que as palestras apresentadas nas reuniões semanais constituíam valores de cultura apreciáveis. Os palestrantes mais assíduos, entre outros, eram o Prof. Queirós Veiros, que foi presidente nos anos rotários de 1929-30 e de 1942-43, o dr. Carlos Santos, o eng. Carlos Garcia Alves, o dr. Francisco Cortez Pinto, etc. E as iniciativas sociais e filantrópicas do Rotary Clube de Lisboa tinham-se diversificado e ampliado, destacadamente nos apoios sob diversas formas a instituições como o Instituto Português de Oncologia e outras.

O sócio mais antigo do Clube (sócio n.º 1) na data em que se redige esta informação - o Companheiro eng.º António Brito Rato, ingressado em Abril de 1934-

recorda em depoimento que nos prestou expressamente que a atmosfera de companheirismo que se vi, via então era intensa e cordial, imprimindo à convivência rotária um cunho de insuperável simpatia humana. O Rotary Clube de Lisboa já tinha conquistado na época grande prestígio, apesar da persistência de certas suspeições. As reuniões semanais correntes efectuavam-se então no Hotel Avenida Palace e as reuniões festivas especiais no Hotel Aviz. As palestras de Francisco Gentil, Mário Pinheiro Chagas, ProL Marques Guedes, dr. Vicente de Vasconcelos, etc., tiveram na época especial repercussão. E ficou memorável a que foi proferida pelo ProL Queirós Veloso sobre «A Embaixada do Rei D. Manuel I a Roma», pela largueza erudita e o brilho literário que a caracterizaram. A convivência internacional ocupava já lugar relevante na vida do Clube, dando cumprimento ao objectivo rotário da aproximação entre os povos e da superação de diferenças ideológicas, numa época em que nuvens ameaçadoras alastravam já sobre a Europa e o mundo.

,Em 1934 começou a publicar-se um boletim impr,esso sob a forma de pequena revista em que eram registadas as actividades do Clube, inscritos textos de formação ética rotária, reproduzidas no todo ou em parte as palestras proferidas e inseri das informações de interesse para os associados. A dedicação de alguns rotários tornou possível essa realização, que passou a ser um importante vínculo de convivência entre os sócios e de comunicação estimuladora com os restantes Clubes que iam sendo fundados sucessivamente em Portugal. E de tal modo se reconheceu a importância da iniciativa que, em Outubro de 1935, pôde promover-se uma considerável melhoria gráfica e aumento do número de páginas do Boletim, principalmente sob o impulso actuante e mobilizador de vontades do Companheiro ProL Cruz Filipe.

As palestras nas reuniões semanais revestiam já, de facto, uma projecção cultural que pode avaliar-se nas resenhas e transcrições dos boletins existentes da época, abrangendo temas de interesse histórico e literário, técnico, económico, social, etc. Por outro lado, a convivência internacional sob o signo rotário ganhara amplitude e projecção, registando-se com frequência a presença de Embaixadores ou seus representantes convidados para as reuniões, com homenagens às respectivas bandeiras e discursos significativos.

Em Dezembro de 1935, ao perfazerem-se dez anos sobre a primeira reunião preparatória da instituição do Rotary Clube de Lisboa, a agremiação contava 65 sócios, incluindo uma dezena de estrangeiros e representando o seu conjunto um escol altamente representativo da sociedade portuguesa.

Segundo decênio: continuidade entre as tormentas

Dez anos decorridos sobre a sua fundação, o Rotary Clube de Lisboa mantinha-se em plena vitalidade, multiplicava-se em iniciativas altruístas, cumpria pontualmente os seus compromissos estatutários na ordem interna e nas relações com o Rotary International, fazia nascer, apadrinhando-os, outros Clubes rotários em várias cidades do País, como já fizera com o Rotary Clube do Porto, {} segundo a constituir-se. Em editorial do Boletim de Dezembro de 1935 escreve-se justamente: «O rotário é persistente. O seu espírito, irmanado com os desejos mais veementes de bem servir, pode ser forte exemplo de tenacidade. A sua acção dentro do Clube a que pertence, é a parcela dum conjunto harmónico, em que a al'egria se intensifica num companheirismo são e agradável». No mesmo Boletim, em artigo sobre «Actividade Rotária», aponta-se em resenha expressiva a multiplicidade de das iniciativas que fazem irradiar a projecção humanitária do rotarismo.

Janeiro de 1936 é a efeméride do 10,2 aniversário, ao mesmo tempo que se assinalam as «bodas de prata»



10.

Comandante Boaventura Mendes de Almeida, primeiro presidente do Rotary Clube de Lisboa.

do **Rotary International**, «vinte e cinco anos de acção humanitária, de actos generosos, de companheirismo dedicado». O Boletim desse mês (n.º 25) assinala que «foi um grupo de valiosos elementos que se empenhou com a maior dedicação por conseguir levar a bom termo a organização do Clube rotário, acompanhando assim a ideia que tão rapidamente ia tomando expansão por todo o mundo. O acolhimento foi, de facto, dos melhores; mas, como sempre em todas as coisas novas, apareceu então um rumor que pretendia desvirtuar as boas determinações do nosso estatuto e as suas intenções do nosso espírito». Alguns Companheiros fundadores tinham desaparecido para sempre, outros haviam abandonado a agremiação por motivos diversos. Mas a maioria da «velha guarda» rotária permanecia - o presidente para 1935-36, precisamente, era um dos dedicados pioneiros, o dr. Mário Pinheiro Chagas - e muitos mais tinham vindo alinhar no Rotary Clube de Lisboa e serviam devotadamente. Além do companheirismo interno e do intercâmbio internacional e com os demais clubes nacionais, a acção social benemerente da instituição distribuía-se nessa época por variados sectores: prossecução de apoios a outras instituições, como o Instituto Português de Oncologia e a Associação Cristã da Mocidade; auxílios directos a pessoas necessitadas («muitos milhares de escudos têm saído do nosso cofre de beneficência», regista-se na ocasião); subsídios a estudantes universitários e do Liceu Normal, apoio aos cegos, destacando-se especialmente o auxílio assegurado a um invisual para concurso no Conservatório Nacional de Música, onde obteve o 1.º Prémio, etc.

Mas já outros campos de acção despontam para os rotários de Lisboa. No editorial do referido Boletim de Janeiro de 1935 aponta-se que «surgem planos duma vasta influência rotária num dos sectores da actividade nacional que também necessita de carinho, de consi-

deração e de respeito. É a missão sacrossanta e abnegada do professor de ensino primário que vai merecer todo o nosso aplauso, todo o nosso apreço. Chamemos até nós delegados dessa classe, credores dos maiores encómios pela obra gigantesca que realiza. Por seu intermédio, cheguemos com a nossa acção às escolas públicas da capital. Não desistamos desta iniciativa». De facto, em 7 de Abril de 1936 a reunião rotária é consagrada aos professores primários. São convidados 32 professores, um inspector escolar e o Director-Geral do Ensino Primário, proferindo uma palestra alusiva o infatigável e douto conferencista Prof. Queirós Veloso. Em 30 de Junho, na continuidade dos intuitos afirmados, á reunião é apresentada como festa de homenagem à Casa Pia de Lisboa, então com 156 anos de existência, participando alguns «casa pianos» convidados e proferindo uma palestra o antigo aluno Alfredo Soares .

. . O intercâmbio inter-clubista acentua-s'e na época: o dr. Gaspar Baltar vem falar em reunião do Clube de Lisboa representando o do Porto; Almeida Moreira, noutra reunião, toma a palavra em nome do Clube de Viseu;o prof. Cruz Filipe vai a esta última cidade fazer uma palestra sobre «O rotarismo, o seu ambiente e a sua obra»; faz-se no Boletim o relato regular das actividades e iniciativas dos restantes Clubes rotários portugueses; e insiste-se, sobretudo por incentivo de Cruz Filipe, na criação de uma revista intitulada **Portugal Rotário**, que seria organizada pelo Rotary Clube de Lisboa mas como órgão de todos os Clubes rotários portugueses. Por outro lado, é referida a projecção que o Boletim lisboeta tem encontrado em vários meios rotários estrangeiros.

Em Junho de 1936, de 26 a 28, dá-se um acontecimento de importante projecção nos destinos do rotarismo em Portugal : realiza-se na Curia a **I Reunião**

Magna dos Clubes Rotários Portugueses, em cuja organização o Clube de Lisboa teve papel relevante. O Presidente de Honra reunião foi o dr. Mário Pinheiro Chagas, presidente então em exercício do Rotary Clube de Lisboa, e a representação deste foi numerosa e significativa. O **Rotary International** fez-se representar no encontro pelo dr. Paul Baillod. É então anunciado o caminho já percorrido com êxito para a criação em futuro próximo do Distrito Rotário Português. A reunião teve largo eco no País e acentua-se que foi mais uma jornada da «sagrada cruzada de **bem servir**» em que o rotarismo se empenha e consagra, «para que o ambiente criado à nossa volta se impregnasse da beleza da ideia rotária», Foi mais um grande êxito a averbar ao Rotary Clube de Lisboa ao cabo de uma década da sua existência.

Ainda algumas notas circunstanciais que pode haver interesse em fixar: nesse ano de 1936 já o Clube possui, não propriamente uma sede, mas uma instalação de Secretaria que funciona na Rua Garrett, 74, 2.²-01.² Prossegue na época uma campanha interessante que vinha de trás; a recolha de desperdícios de papel oferecidos pelos sócios e suas empresas, cuja venda faz reverter fundos apreciáveis para o Fundo de beneficência do Clube. O proL Raymond Warnier, director do Instituto Francês em Portugal desenvolve notável actividade no âmbito da cooperação do Rotary Clube de Lisboa com Clubes similares franceses. E o «Paris-Rotary», órgão do Rotary Clube de Paris, exalta na sua edição de Julho de 1936 a acção do seu confrade de Lisboa, acentuando em particular a missão que continua a desempenhar na difusão da cultura francesa em Portugal.

Desencadeiam-se, entretanto, as grandes tormentas históricas que vão afectar a humanidade inteira e que

se reflectem, como em todos os demais aspectos da vida social, nas condições de actuação rotária. Em Julho de 1936 inicia-se a Guerra Civil de Espanha, que implicou a dissolução e dispersão do rotarismo espanhol, a que o Clube de Lisboa estivera sempre estreitamente ligado desde a sua fundação, com o Rotary Clube de Madrid como «padrinho». A Guerra Civil no país vizinho só termina em Março de 1939. Mas, logo em Setembro desse ano, dá-se a eclosão da II Guerra Mundial, com todo o seu imenso e trágico cortejo de horrores, de perturbações, de morticínios. Portugal consegue manter-se imune no gigantesco conflito, mas não sem sacrifícios que reflectem os de toda a humanidade sofredora. E o Rotary Clube de Lisboa, apesar das destruições desmesuradas que se acumulam no mundo, das dificuldades de comunicações, designadamente no que lhe respeita, que é o âmbito do Rotary International, das paixões desencadeadas, não abdica da sua missão e prossegue-a com a intenção sempre afirmada e cumprida de Servir. É nessa atmosfera difícil, mas ao mesmo tempo estimuladora de boa-vontade humana onde e quando ela é mais necessária, que decorre a maior parte do segundo decénio da história do Clube, incessantemente cumprindo e servindo.

O prestígio do rotarismo português, iniciado e impulsionado pelo Rotary Clube de Lisboa, tinha sido consolidado em tal escala que o Rotary International decidiu, no Outono de 1936, criar no nosso País o cargo de Consultor Administrativo dos Clubes Rotários Portugueses, começando por exercer esse cargo o Companheiro dr. Vasco Nogueira de Oliveira, do Rotary Clube do Porto, já então representante dos Clubes nacionais na Comissão Consultiva Europeia do Rotary International. Entretanto, no Rotary Clube do Rio de Janeiro foi prestada homenagem a Portugal e ao rotarismo português,

proferindo o discurso de agradecimento o antigo Companheiro e então embaixador no Brasil dr. Martinho Nobre de Meio.

Os corpos gerentes, com as suas secções para a acção internacional, acção profissional, assistência, protecção à árvore, entre outras, desenvolvem intensa actividade de que se reflecte nas iniciativas filantrópicas do Clube, na sequência de palestras sobre os mais variados temas e na convivência interclubista e com outras instituições. É assim que, em Março de 1937, tem lugar uma reunião de confraternização com o Grupo «Os Amigos de Lisboa», com discursos do Prol. Queirós Veloso em nome do Clube e de Gustavo Matos Sequeira pelo Grupo referido. Em Abril é promovida uma recepção especial aos jornalistas correspondentes de guerra dos jornais de Lisboa. E no final de Junho, dando continuidade à iniciativa levada a cabo com êxito notável no ano anterior, realiza-se a II Reunião Magna dos Clubes Rotários Portugueses, presidindo o fundador do Rotary Clube de Lisboa, e então seu sócio n.º 1, eng.º Ernesto Santos Bastos, tendo como secretário-geral o Companheiro prof. Cruz Filipe. O estreitamento das relações inter-clubes saiu mais robustecido desse encontro na Curia. Pouco depois o eng.º Santos Bastos foi designado Consultor Administrativo do Rotary International em Portugal. Recordar-se, a propósito, que alguns anos mais tarde o mesmo membro fundador foi Director do Rotary International, embora sem ter passado pela condição prévia de Governador de Distrito, atendendo à persistência e amplitude dos seus serviços ao movimento rotário.

Todas as actividades internas e externas do Clube foram prosseguindo nesses anos difíceis. Em 1938 a III Conferência dos Clubes Rotários Portugueses efectuou-se em Braga, continuando nos anos seguintes, na

Curia, Viseu, Estoril (esta, em 1944, organizada pelo Clube de Lisboa), Figueira da Foz, etc. Em Dezembro de 1939 o Rotary Clube de Lisboa manifestou expressamente a sua solidariedade com os rotários dos países em guerra, reiterando os seus propósitos de concretizar a vocação rotária de «Servir» sob todas as formas possíveis que estivessem ao seu alcance. Em Fevereiro de 1940 realizou-se a Semana de Expansão Rotária, «destinada a chamar a atenção para a obra social e dedicada à Paz que os rotários se empenham em manter através de todas as dificuldades». E, por essa altura, promove-se a organização de uma Comissão de Senhoras, esposas e filhas de rotários, para suscitar e apoiar iniciativas de bem-fazer, presidindo à primeira Direcção da Comissão a Senhora D. Maria Emília Cortez Pinto, a que muitas outras dedicações vieram somar-se no decorrer dos anos.

Na reunião de 24 de Fevereiro de 1940 recordou o Companheiro eng.^Q Santos Bastos que <mos seus 14 anos de existência o Rotary Clube de Lisboa tem vincado bem o cunho de actividades do Clube, que, desde o seu carinhoso e comovente auxílio prestado a quem já possuiu meios de alegria em vida e que a adversidade entristece, passando pela obra valiosa de cooperação oferecida a estudantes distintos e a contribuição para obras de interesse social, como a dos tuberculosos e a do combate ao cancro, até à magnífica realização da Colónia de Férias, obra do Clube, merece que todos os Companheiros a recordem e se sintam estimulados a mais fazer, por ideal humanitário».

Na mesma data o Companheiro Álvaro de Lacerda proferiu na Emissora Nacional uma palestra ,intitulada «O que é um Clube Rotário», que foi, igualmente, contributo para a persistente e paciente acção desenvolvida desde o início da instituição no sentido de desfazer

desconfianças e erradas ou arbitrárias interpretações que continuavam a manifestar-se relativamente ao rotarismo.

Nem tudo corre bem, por esse tempo como em outros. O Boletim do Rotary Clube de Lisboa, por exemplo, sofre interrupções e falhas que são características das dificuldades da época. Mas o Clube não cessa, em vários sentidos, a sua actuação: em meados de 1940 toma a iniciativa de uma edição em português, inglês e francês onde se divulgam o significado e os vários aspectos da Exposição do Mundo Português, comemorativa do Duplo Centenário da Independência Nacional e da Restauração; promove-se a distribuição do primeiro número da revista Portugal Rotário, órgão havia muito projectado de todos os Clubes do País, mas em cuja realização o Rotary Clube de Lisboa teve papel destacado e dinâmico; faz-se uma edição ampla da palestra do Companheiro Álvaro de Lacerda sobre Da índole Rotária, que é largamente distribuída para esclarecimento dos fins do rotarismo e atracção de novos companheiros. São frequentes as reuniões dedicadas a países estrangeiros, mais geralmente aos que contam sócios no Clube: Inglaterra, França, Bélgica, etc. E promovem-se reuniões de homenagem ao Brasil, aos Estados Unidos e a outros países.

No início de 1941 é feita recomendação expressa - sendo então presidente o Prof. Francisco Gentil para que sejam cumpridas as determinações da Convenção Internacional Rotária de 1940, embora reconhecendo-se, com nítido entendimento das realidades, que «o meio em que o Clube exerce a sua acção pode, de algum modo, influenciar certos hábitos, mais adequados ao temperamento das pessoas que se, agruparam para constituir o Clube». O rigorismo excessivo, sem prejuízo das normas fundamentais, pode tornar-se contraproducente na prática rotária - critério que o Rotary

Clube de Lisboa mantém com equilíbrio e que explica, de algum modo, o seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Alguns factos mais, representativos da época, além dos que são versados em capítulos especiais, mais adiante, nesta «memória» descritiva: em reunião de 27 de Janeiro de 1942 é entregue à historiadora Virgínia Rau o Prémio do Rotary Clube de Lisboa, consagrando o seu notável estudo Dona Catarina de Bragança, augural da vasta obra da que viria a ser notável professora universitária; o Clube assume o encargo de organizar a Conferência Rotária de 1942, no Estoril; as reuniões semanais, por problema surgido com o Avenida Palace, onde vinham a efectuar-se desde há longo tempo, passam a fazer-se numa sala do Café Chave de Ouro; é divulgado através do Clube um trabalho do Prof. Marques Guedes, Companheiro do Clube, em que se dá resposta a um vasto e complexo questionário proposto pelo Rotary International sobre problemas da paz e da guerra, segurança económica e social e liberdade futura do comércio mundial; em 16 de Novembro de 1943 é prestada homenagem à Suíça, por motivo de uma exposição apresentada por esse país em Lisboa, com palestras especiais dos Companheiros Queirós Veloso, Marques Guedes, Francisco Gentil, Cortez Pinto, Santos Bastos, Cruz Filipe e Carlos Santos.

A VII Reunião Magna dos Clubes Rotários Portugueses, realizada em 26/28 de Maio de 1944 no Estoril, de novo em organização do Rotary Clube de Lisboa, dá motivo a que se viva intensamente o espírito de cooperação e de bem-fazer que impulsiona as grandes iniciativas - e são muitas, mas discretamente conduzidas -, que o Clube lisboeta põe em marcha e sustenta, particularmente no auxílio a vítimas da Guerra Mundial. Os resultados do encontro foram considerados parti-

cularmente profícuos nas relações inter-clubes e mais uma vez se reafirmou a aspiração de ver constituído o Distrito Rotário de Portugal, desenvolvendo-se para esse efeito as diligências necessárias.

As palestras semanais continuam a representar papel importante na vida interna do Clube, pelo seu alcance cultural e pelo espírito de companheirismo que as inspira, ao mesmo tempo que põem em equação destacados problemas previsionais dos destinos de Portugal e do mundo para o pós-guerra que se avizinha. É iniciativa de interesse, em 1944, a promoção de uma série de palestras sobre cidades e regiões portuguesas. E uma delas - a do Companheiro ProL. Marques Guedes sobre «O Porto e os Portuenses» - teve larga irradiação para além do âmbito do Clube.

Durante todo o período doloroso da conflagração mundial - e ainda depois do seu termo, em face da enormidade trágica das suas destruições e dos seus dramas - o Rotary Clube de Lisboa não cessou os seus múltiplos apoios às vítimas do conflito. O **Rotary International**, em carta de Março de 1942, havia solicitado que esses auxílios tomassem todas as formas possíveis. O presidente em exercício nessa data, dr. Francisco Cortez Pinto, afirmara então, em reunião de 24 daquele mês, que «muitos dos nossos Companheiros de Lisboa têm cumprido esse dever rotário». A norma seguida de não divulgar a acção desenvolvida nesse domínio torna hoje praticamente impossível fazer dela um balanço, ainda que simplesmente referencial, aproximativo.

Desenvolvimento e irradiação no apos-guerra

O restabelecimento da normalidade no movimento rotário mundial, terminada que foi a sangrenta e devastadora conflagração da 1ª Grande Guerra, teve correspondência pronta e eficaz no Rotary Clube de Lisboa. Relações interrompidas ou dificultadas restabeleceram-se, novas realizações puderam ser postas em marcha - embora, como se viu, nunca tivessem sido interrompidas em inúmeros aspectos no dramático decénio decorrido -, novas vagas de sócios acorreram a prosseguir a acção rotária iniciada em 1926. O movimento rotário internacional ascendeu em flecha vigorosa a partir de 1945-46. O número de Clubes no mundo, que ia pouco além de 5000 em 1945, já alcançava cerca de 8500 dez anos mais tarde, atingiu 12000 em 1965 e subiu para cerca de 16500 em 1975. Paralelamente, o número de rotários filiados, que orçava por 240000 no final da Guerra, aumentou para perto de 550000 no final do decénio seguinte e elevou-se para mais de 770000 em 1975.

Os primeiros anos do após-guerra no Rotary Clube de Lisboa correspondem a um dos períodos menos documentados na história do Clube. Mas os depoimentos

personais ainda actualmente disponíveis sobre a época testemunham que a vida interna da agremiação prosseguia animadamente, que as reuniões e palestras semanais se realizavam com regularidade e que a inscrição de novos sócios progredia de ano para ano, incluindo elementos de comprovado valor imediato na expansão rotária. As relações com o **Rotary International** tomam incremento considerável, confirmado no facto de, antes do final da década de 40, ter sido eleito o Companheiro e fundador do Rotary Clube de Lisboa, eng.² Ernesto Santos Bastos, para Director do **Rotary International**. E no mesmo ambiente de prestígio do Clube se inclui a eleição do Companheiro ProL Salazar Leite para Director do **Rotary International** no ano rotário de 1958-59 e para Vice-Presidente em 1959-60, neste caso em função da hierarquia rotária logo a seguir à do Presidente da organização mundial. O desenvolvimento do rotarismo em Portugal, impulsionado sobretudo pelos Clubes de Lisboa e do Porto, permitia augurar a constituição do Distrito Rotário Português que, de facto, começou a funcionar como tal desde 1946 ou 1947, então com o número 62.

Em Janeiro de 1949 inicia-se nova série do Boletim do Clube, por voluntária e prest,inte incumbência do Companheiro dr. Hermínio Paveia, que durante alguns anos assegura a sua continuidade com excepcional brilhantismo. E, por aquela data, anuncia-se a publicação próxima de um Anuário dos Rotários Portugueses. A III Conferência do Distrito Rotário n.² 62 realizou-se em Maio de 1949, no Luso, com a presença do delegado do **Rotary International**, dr. Edouard Christin. A saudação final do encontro foi feita pe-lo presidente do Rotary Clube de Lisboa, Eduardo Borja de Araújo. E os sócios Jaime Ribeiro e general Pereira Lourenço propuseram nessa oportunidade que se criasse um Ar-

quivo Central do Distrito Rotário - projecto que infelizmente não foi por diante, privando o movimento rotário português de uma fonte de informação histórica que seria de alto valor. Em 1949 estavam em funcionamento em Portugal 9 Clubes: os de Lisboa, Porto, Funchal, Viseu, Figueira da Foz, Setúbal, Braga, Viana do Castelo e Guimarães, com um total de 369 membros. Nota significativa: o Rotary Clube de Lisboa contava nessa data 82 associados.

São representativas da activa conjugação em curso das actividades do Clube com o **Rotary International**, nesse ano, as palestras proferidas em 10 de Maio pelo eng.º Santos Bastos sobre a Fundação Rotária Internacional e em 26 do mesmo mês pelo dr. Édouard Christin sobre «Rotarismo e paz social e internacional». Por outro lado, sucedem-se pela mesma época os apelos para maior incremento das visitas inter-clubes, não só no sentido do companheirismo rotário como da mais positiva unidade do movimento em Portugal. Outro facto digno de registo em 1949 é a proposta apresentada em 20 de Outubro desse ano para a constituição duma Biblioteca do Rotary Clube de Lisboa, sobretudo com base no fundo arquivístico do eng.º Santos Bastos, pouco antes falecido.

Em 1950 a reunião anual do Distrito Rotário realiza-se no Funchal entre fins de Abril e princípio de Maio. O Rotary Clube de Lisboa teve então papel primacial na organização da viagem dos rotários continentais à Madeira, em navio especialmente fretado. O presidente, dr. Fernando Castelo Branco, apresentou no encontro uma importante comunicação e tiveram relevo as propostas então formuladas pelo Companheiro Moitinho de Almeida. As palestras em curso nas reuniões do Clube, sempre atento à evolução mundial e nacional no pós-guerra, têm por temas predominantes

os económicos e técnicos, numa fase em que se considera fundamental a aceleração da industrialização do País.

Em 1953 esteve em Lisboa, sendo recebido com várias manifestações de confraternização, o presidente do Rotary International Joaquim Serratosa Cibils. Em 1954-55 o presidente Herbert Taylor propõe e é adoptada, encontrando imediato eco em Portugal, a Prova Quádrupla: quando se encontre perante um problema e na escolha da solução ou soluções a dar-lhe, o rotário deve fazer quatro interrogações fundamentais: 1) É a verdade?; 2) É justo para todos os interessados?; 3) Criará boas-vontades e melhores amizades?; 4) Será benéfico para todos os interessados? O teste da Prova Quádrupla foi acolhido com grande interesse e em várias ocasiões objecto de palestras e debates no Rotary Clube de Lisboa, que a tem feito figurar entre os seus temas fundamentais, com testemunhos expressivos da sua eficácia.

Em Setembro de 1954 diversos rotários de Lisboa participaram na Conferência Rotária de Ostende (Bélgica), que constituiu notável jornada de solidariedade e fraternidade entre os povos, com larga projecção internacional. Em Outubro desse ano foi comemorada no Clube a Semana do Companheirismo Mundial e Dia das Nações Unidas. Entretanto, a celebração do Jubileu do Rotary International, em 1955, foi assinalada, entre outros actos, com a publicação de uma edição especial do Boletim. O Clube lisboeta fez-se representar nas celebrações realizadas nos Estados Unidos pelo Governador do Distrito, então proposto, que era Moitinho de Almeida. E as representações do Clube nas Conferências e Assembleias anuais do Distrito Português, realizadas nesse ano e nos seguintes, foram sempre consideráveis e, em muitos casos, particularmente influentes, em espe-

cial no que respeita à continuidade da expansão do rotarismo em Portugal, com a criação de novos Clubes e o afluxo de novos adeptos.

São temas de particular atenção por essa época os problemas da valorização profissional, da promoção da juventude, dos serviços à comunidade, tendo especial projecção no País a oferta pelo Rotary Clube de Lisboa da Clínica Infantil de Reeducação de Amblíopes ao Centro Helen Keller, como exemplo apontado de bem servir o interesse público. Na esfera das relações internacionais assinala-se a recepção pelo Clube da numerosa delegação francesa que viera a Portugal em Maio de 1956. E em Junho desse ano promove um «Forum» dos Olubes do Sul, em que foram debatidos e esclarecidos numerosos assuntos de organização clubista interna.

São realizadas, em reuniões no decurso de 1956, sessões especiais de homenagem a Gago Coutinho, que muitas vezes exalçou com a sua presença e com o uso da palavra as reuniões do Clube, e ao Prof. Egas Moniz. Acompanhando o Governador Civil de Lisboa, dr. Mário Madeira, Companheiro no Clube, grupos numerosos de rotários visitam bairros económicos, no propósito de se documentarem sobre acções futuras a realizar em benefício das famílias pobres que os habitam. A festa comemorativa do 31.² aniversário do Clube, em 23 de Fevereiro de 1957, é assinalada por um discurso do Governador do Distrito, Domingos Ferreira, em que enaltece - estando presentes os embaixadores de diversos países - a amplitude e valia das actividades de interesse público desenvolvidas pelo Rotary Clube de Lisboa.

A partir de 1957 o Distrito Rotário Português, que conta então com 17 clubes em funcionamento, passa a ter o número 176, em conformidade com a reorgani-

zação em ampla escala promovida pelo **Rotary International**. No Verão desse ano realiza-se por iniciativa do Rotary Clube de Lisboa um banquete de homenagem ao presidente internacional Charles Tennent Buzz, de visita a Portugal. E, nessa oportunidade, afirma aquela primacial figura do rotarismo mundial: «O **Rotary International** está orgulhoso do progresso do Rotary em Portugal, de tudo o que têm realizado os seus esplêndidos 17 Clubes e, particularmente, do exemplo dado pelo Clube de Lisboa, que tem agora mais de cem membros». Na sequência da sua jornada em Portugal o Presidente Buzz visitou a sede, já então instalada na Rua Tomás Ribeiro e, na oportunidade, gravou uma mensagem que foi posteriormente distribuída a todos os Clubes rotários portugueses.

De 9 a 11 de Maio de 1958 realizou-se em Lisboa a XII Conferência do Distrito Rotário 176, inteiramente organizada pelo Clube, com a presença de Marino Lapenna, delegado do presidente internacional, em que tiveram especial destaque os temas referentes à juventude e à sua promoção cultural e social. Na Assembleia de dirigentes, na Figueira da Foz, em Junho seguinte, analisou-se detidamente o problema da expansão dos efectivos da grande maioria dos Clubes. E, pelo final do ano, em visita oficial do Governador do Distrito, dr. Santos Pardal, ao Rotary Clube de Lisboa, declarou este significativamente: «Um Clube grande, de tal valia, e, muito principalmente, um Clube permanentemente renovado e rejuvenescido como este de Lisboa, é dos que não têm problemas para um Governador de Distrito».

Estava então largamente ultrapassada a centena de associados, as reuniões e palestras sucedem-se com impecável regularidade, as Conferências distritais têm sempre a presença estimuladora do Clube mais antigo

e de maior número de associados no País, alguns dos seus membros (como noutros lugares desta «memória» se menciona) assumem funções de relevo na organização rotária internacional, as acções de benemerência e a favor da juventude multiplicam-se, o ambiente antigo de reservas em certos sectores desanuvia-se. O Rotary Clube de Lisboa está plenamente consolidado e em pleno prestígio para prosseguir a sua trajectória no tempo.

Contemporaneidade: os últimos vinte anos

A continuidade e a expansão, em todas as direcções das actividades rotárias, constituem na sua diversificada essência o programa dos quadros dirigentes que se sucedem no Rotary Clube de Lisboa. As várias formas de convivência internacional, no entanto, preenchem um dos aspectos mais acentuados da vida do Clube, a prosseguir a acção que vinha de trás. Em 1961 é largamente distribuído o ,livro A Realização do Ideal de Servir, editado em língua portuguesa pelo Rotary International - obra em que se faz a história do movimento, se condensa a sùmula da sua organização e se documenta a sua marcha ascendente no mundo. Sucedem-se com maior frequência as sessões dedicadas a vários países, com palestras alusivas, muitas vezes por embaixadores. E os representantes do Rotary International que vêm ao nosso País, geralmente para participarem em Conferências do Distrito, são recebidos em ambiente de calorosa confraternização.

O Boletim do Clube, entretanto, vai, assumindo apresentações diversas: em 1962 é publicado em' maior formato e com maior número de páginas; e em 1963, a partir de Julho, inicia-se a nova série, que tem sido

mantida até ao presente, de Boletins semanais com relatos regulares e colaborações variadas. O Companheiro Mário Gomes tem nesta fase um papel particularmente activo.

Em Outubro de 1963 regista-se a visita do presidente do **Rotary International**, Carl Miller, que divulga uma expressiva mensagem de apelo à paz mundial. Os Clubes rotários de Lisboa promoveram uma reunião conjunta em que Carl Miller proferiu uma conferência, cujo texto foi publicado em tradução portuguesa no Boletim do Clube. Acentua-se, por essa altura, que o Rotary Clube de Lisboa é «contribuinte a 300 % para a Fundação Rotária Internacional». E a Comissão de Acção Profissional anuncia uma série de palestras sobre legislação do trabalho, valorização humana na profissão, selecção profissional, formação nas empresas, etc. Os temas de segurança no trânsito, de turismo, de planeamento económico, da ciência e técnica na economia - além dos que reflectem o espírito e a acção de Rotary - ocupam lugares de relevo nas palestras semanais. Como em alguns Clubes do Distrito há dificuldades em manter regularidade nas palestras, o Rotary Clube de Lisboa presta-lhes, graças à dedicação de vários Companheiros, apoio concreto em deslocações de palestrantes qualificados. As missões de Servir sucedem-se e multiplicam-se. E em 4 de Fevereiro de 1965, quando o Governador do Distrito dr. Rui Clímaco visita oficialmente o Clube, são por ele proferidas estas palavras que justificam registar isto: «O Rotary Clube de Lisboa não é apenas o mais antigo e o maior do Distrito pelo número de sócios e pelo seu quadro social, como é aquele que maiores serviços tem prestado a Rotary, aqui em Portugal. Um Clube que, tendo quase 1'50 sócios, consegue ser o contribuinte a 300 % da **Rotary Foundation**, essa organização admirável do **Rotary Interna-**

tional, um Clube cujo apoio à Fundação Rotária Portuguesa permitiu que ela seja uma obra de que qualquer rotário português se pode orgulhar».

Em Abril de 1965 o Clube organiza um cruzeiro à Ilha da Madeira que deixou memoráveis recordações. A XIX Conferência do Distrito, nas Termas de Monte Real, debate especialmente a questão do alargamento dos quadros dos Clubes Rotários. A importância das actividades das Comissões é por essa altura salientada na reuniões do Rotary Clube de Lisboa. Formaliza-se a decisão de Clube-contacto do Clube com o seu similar de Bruxelas, com idênticas disposições posteriores relativamente aos Clubes franceses de Toulouse, Limoges e Evreux. Ainda em 1955 é editado em português o livro Sete Caminhos da Paz, que o Rotary International publicara anos antes em inglês, e que aponta os caminhos, conjugados no espírito rotário, do Patriotismo, da Conciliação, da Liberdade, do Progresso, da Justiça, do Sacrifício e da Lealdade. Antes do final desse ano, o Clube faz-se representar por dirigentes categorizados na Conferência Internacional da ENAEM (Europa, Norte de África e Mediterrâneo Oriental) em Amsterdam; vem a Lisboa o presidente internacional Richard Evans, que profere uma alocução de homenagem ao Clube; e recomeçam na sede as «reuniões à lareira» que representam valiosa iniciativa de companheirismo de rotários e suas famílias. Em Dezembro é promovida com notável êxito uma reunião conjunta com os Clubes de Almada, Setúbal, Portimão e Faro, na sequência de outras formas de convivência e colaboração em que o Rotary Clube de Lisboa está sempre presente.

Em Maio de 1966, considerada a importância económica e social do desenvolvimento industrial do País inicia-se uma série de palestras, seguidas de debates, sobre a industrialização, em que participam industriais

e economistas e que se prolonga com interesse perdurável. Os «Serões à lareira» passam a ter como objectivo, pelo final desse ano, o convívio e relações de amizade de antigos com jovens rotários. A XXI Conferência do Distrito, em Abril de 1967, é organizada pelo Rotary Clube de Lisboa, sob a presidência do Companheiro dr. Antero Ramos Taborda, revestindo-se de particular significado por nela se integrar o I Encontro Luso-Brasileiro. A delegação vinda de além-Atlântico foi excepcionalmente numerosa e nas reuniões firmaram-se as bases para um intercâmbio mais intensivo e assíduo no âmbito da Comunidade Luso-'Brasileira.

O Clube vai assumindo lemas de acção que traduzem a vontade de actuação dinâmica das sucessivas Direcções. Em Junho de 1967, na transmissão de poderes pelo presidente cessante dr. Ramos Taborda ao presidente eleito dr. Carlos Elias da Costa, afirma este como base do seu programa: «Um Clube rotário realiza-se quando é útil», Na Conferência do Distrito que teve lugar em Ofir e na Assembleia do Luso, antes do fecho do ano rotário de 1967-68, essa legenda é inspiradora de iniciativas e resoluções. Em Junho de 1968, ao assumir o cargo, o novo presidente dr. Cruz Ferreira formula o seu apelo programático: «Companheiros, participem!». Esses intuitos são matéria para debates e propostas no " Fórum de Dirigentes que se realiza em Outubro de 1968 na Figueira da Foz, em conformidade com um plano de acção lançado pelo **Rotary International**. O Clube, entre as actividades correntes e tradicionais, desdobra-se em iniciativas: em Maio de 1969 faz a entrega na Sociedade Nacional de Belas-Artes dos prémios instituídos pelo Clube para concorrentes ao Concurso Internacional do Cartaz ao Serviço da Paz Mundial; em Junho seguinte os rotários de Lisboa visitam a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, efectuan-

do-se a seguir a reunião em que esta instituição é focada pela sua acção benemérita, merecedora do interesse dos rotários; em Setembro celebra-se com destaque o Dia do Brasil em reunião conjunta com sócios do Lyons Clube de Lisboa e do Elos Clube, na qual o embaixador do Brasil salienta a alta missão que o Rotary Clube de Lisboa tem desempenhado na aproximação Luso~Brasileira. Entretanto, a realização em Lisboa da Conferência Anual dos Delegados Nacionais para o Intercâmbio de Jovens da Região ENAEM, de 25 de Setembro a 3 de Outubro de 1969, dá lugar a manifestações diversas que consagram a integração e cooperação intensas do rotarismo português no movimento europeu e mundial. No mesmo espírito se inseriu, em Fevereiro-Março de 1970, a recepção feita ao presidente internacional James Conway, com amplo e acolhedor programa organizado pelo Rotary Clube de Lisboa.

Esta visita, que excepcionalmente se prolongou por cinco dias, constituiu acontecimento de relevo por várias razões, que foram expostas pelo presidente em exercício, Companheiro dr. Ângelo de Almeida Ribeiro - mais uma vez, como em tantas outras, e agora como presidente do Clube, ao serviço das convivências rotárias internacionais - num dos discursos da recepção ao presidente Conway. E uma delas, entre as mais importantes, foi o compromisso tomado pelo presidente do **Rotary International** de cooperar com todos os meios ao seu alcance no restabelecimento do Rotary em Espanha, objectivo em que o Clube de Lisboa vinha já pondo todo o seu empenho mas que só anos mais tarde pôde concretizar-se.

Outro acontecimento de relevo no mesmo ano foi a visita de uma ampla caravana rotária portuguesa ao Brasil, com permanências em Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, em Abril de 1970. A visita

prolongou-se por duas semanas, com a participação significativa de 220 rotários portugueses e acompanhantes. No seu decurso se processou o II Encontro Rotário Luso-Brasileiro, em ambiente de calorosa confraternização. Nesta iniciativa teve papel primacial, como em tantas outras realizações de maior vulto, o Rotary Clube de Lisboa.

Toma renovado incremento, entretanto, a acção do Clube ao serviço da valorização e intercâmbios de juventude, que fora consagrada mas is destacadamente com a fundação do Rotaract Clube de Lisboa em Maio de 1969, como se refere mais adiante. Pelo final de Junho de 1970 efectuou-se uma reunião da Direcção, Comissões e Subcomissões do Rotary de Lisboa com os jovens de vários países em estágio no campo de férias do Centro Ecuménico de Reconciliação, em Buarcos (Figueira da Foz). Em Agosto seguinte foram recebidos como convidados numa reunião semanal do Clube duas dezenas de jovens estrangeiros vindos daquele Centro.

Outro aspecto da irradiação rotária, sempre na primeira linha dos objectivos do Clube: em Novembro de 1970 concretizou-se o seu «apadrinhamento» ao novo Clube rotário de Cascais-Estoril, cujas relações com o Clube-padrinho prosseguiram e têm sido mantidas com especial amplitude. Teve relevo memorável a reunião-festa de celebração conjunta dos aniversários do **Rotary International** e do Rotary Clube de Lisboa no Restaurante Mónaco em 22 de Fevereiro de 1972, com a participação de numerosas individualidades do Corpo Diplomático e outros convidados eminentes, em que foi posta em relevo a brilhante continuidade da acção do Clube. Por essa época são analisadas e debatidas com minúcia nas reuniões correntes do Clube as questões de classificação profissional, composição clubista, categorias de sócios e outros aspectos de organização

interna, em que se destacam as palestras de vários Companheiros. Outros temas de frequentes palestras e propostas são, então, os da poluição e das drogas estupefacientes, do apoio aos emigrantes, da intensificação das convivências rotárias inter-clubistas, etc.

Acontecimentos na sequência do tempo: em 23 de Março de 1973 realiza-se uma reunião festiva com a presença do presidente do Rotary International, Roy Hickman, e do Corpo Diplomático; em 24 de Abril seguinte há outra reunião especial para recepção de mais de uma centena de rotários brasileiros que vêm a Portugal para participarem no III Encontro Luso-Brasileiro, efectuado na Póvoa de Varzim mas organizado por um grupo dos principais clubes, entre os quais o de Lisboa; sucedem-se as reuniões de confraternização colectiva com outros Clubes rotários, estreitando laços que perduram e se traduzem em realizações conjuntas.

Entretanto, dá-se um acontecimento primacial na vida do País: a Revolução de 25 de Abril de 1974. O abalo na sociedade portuguesa foi profundo, sob todos os aspectos. Perante o acontecimento, o Rotary Clube de Lisboa, inflexivelmente alheio a questões e opções políticas, reconhece que o programa do Movimento Militar aceita e pertilha como seu princípio básico a Declaração dos Direitos do Homem, bastando esse facto para que não se verifique qualquer incompatibilidade entre o novo regime e o Rotary. Recordar-se, a propósito, que a Declaração Universal dos Direitos do Homem, no seu texto básico aprovado e proclamado pelo final da II Grande Guerra, foi elaborado por um grupo de rotários a que presidiu o Companheiro francês Prot., René Cassino. No entanto, as circunstâncias conhecidas da complexa evolução do regime fizeram ausentar diversos associados, reduzindo o seu quadro social, que foi posterior-

mente e a pouco e pouco recuperado. O Clube prosseguiu as suas actividades nos mais diversos sentidos, tomando especial relevo diversas iniciativas culturais e mantendo-se a activa convivência internaciona l.

Ainda em 1974 regista-se a recepção de um grupo representativo de rotários de Macau; é adoptado o novo galhardete do Clube - insígnia que se difunde no mundo através das tradicionais permutas com visitantes rotários estrangeiros; e pelo final do ano vem a Lisboa, onde é recebido fraternalmente, o novo presidente eleito do **Rotary International**, o brasileiro dr. Ernesto Imbassahy de Meio. Em 1975 o Governador do Distrito dr. Carlos Estorninho, acompanhado por numerosos consócios do Rotary Clube de Lisboa, fez demorada visita aos arquipélagos da Madeira e Açores, preparando-se as condições requeridas para a criação de novos clubes rotários nessas áreas. Logo a seguir teve lugar a XXIV Conferência do Distrito, em Cascais, que teve por tema dominante «O último quartel do século XX: um desafio para o Rotary» e se desenrolou com grande interesse.

No decurso de 1975 assumiu o Clube diversas iniciativas no âmbito do auxílio a retornados, entre os quais se incluíam numerosos rotários vindos das ex-colónias. Entretanto, num gesto significativo, o Companheiro Luís Santiago deixou em legado ao Rotary Clube de Lisboa, por seu falecimento, uma doação financeiramente avultada, que tornou possível o alargamento da acção social do Clube em vários sectores. Além da instituição de uma bolsa com o nome do doador, numerosas e importantes acções beneméritas foram postas em marcha nos anos seguintes graças às disponibilidades assim constituídas e escrupulosamente administradas.

Em 1976 registam-se como realizações de maior interesse, no diversificado âmbito das actividades do

Clube, a reunião de 3 de Fevereiro em que participaram os membros dos quatro Clubes da zona de Lisboa, com a presença e intervenções dos quatro presidentes respectivos; a organização duma Exposição de Arte Infantil, em cooperação com o Rotary Clube de Lisboa-Oeste e a participação de trabalhos de crianças portuguesas e de outros países; a visita em Junho de uma delegação de Companheiros do Rotary Clube de Toulouse - Clube-contacto com o de Lisboa; a participação nas celebrações do II Centenário da Independência dos Estados Unidos da América do Norte; a reunião de 12 de Outubro com a participação de jovens beneficiários das acções pró-juventude do Clube e palestra alusiva pelo Companheiro Sérgio Medeiros; a visita, em Novembro, ao Museu Gulbenkian e jantar em que o dr. Azeredo Perdigão dissertou sobre a Fundação e a sua história, etc.

Em 1977 o Distrito Rotário Português deixou de ter o número 176 na organização rotária mundial, passando a ser designado pelo número 196. Há reuniões especiais para confraternização com rotários retornados de Angola, para debates de Informação Rotária, para celebração do Dia Internacional da Mulher, novamente para intercâmbio de jovens, para apreciação dos problemas da velhice, etc. A XXXI Conferência do Distrito realizou-se nesse ano em Braga, com a presença excepcional de cerca de 700 rotários e familiares. Uma saudação especial foi dirigida em Julho ao Rotary Clube de Madrid, finalmente reconstituído e que em 1926, como já se anotou, havia sido o «padrinho» do Clube lisboeta.

O ano rotário de 1977-78, sob a presidência do Companheiro dr. Jacinto Simões, foi de notável desenvolvimento do Clube e das suas actividades. Obteve-se o ingresso de considerável número de sócios, restabelecendo e ampliando o quadro social afectado pelas

contingências ria vida política. E teve particular relevo a promoção de palestras proferidas por convidados representativos dos mais variados sectores, entre os quais se apontam, de passagem, os nomes de Norberto Lopes, Mário Neves, Madalena Perdigão, Lima de Freitas, Oavid Mourão-Ferreira, Gonçalo Ribeiro Teles, Veiga Simão, dirigentes das Confederações económicas e embaixadores de diversos países. Registou-se, entretanto, a visita do presidente do **Rotary International**, Jack Oavis, que deu motivo a animados actos sociais de acolhimento e confraternização. Num discurso então proferido, depois de visitar a sede da agremiação, esta alta figura do rotarismo mundial acentuou um relevante louvor ao Rotary Clube de Lisboa pela sua importância e projecção, mais apreciáveis sob a sua expressa perspectiva porque com ele tomava contacto depois de ter visitado os de 44 países. Outro facto importante do ano rotário de 1977-78 foi a elaboração do «Regimento Interno do Rotary Clube de Lisboa», em que teve papel primacial e foi exemplo de dedicação clubista o Companheiro dr. Antero Ramos Taborda. Aprovado na generalidade, o «Regimento» foi ainda debatido na especialidade durante o ano seguinte e ficou aprovado definitivamente. Sob a mesma Oirecção foi ainda aprovado o Regulamento do Prémio Professor Seirão da Veiga, integrado na acção de estímulo pedagógico-profissional do Clube.

O ano rotário de 1978-79 demarca a baliza fixada para a redacção deste relato. No seu decurso foram também desenvolvidas valiosas actividades, entre as quais se destacam pela sua projecção futura a entrada em vigor do «Regimento Interno» já referido e a elaboração, que anteriormente nunca fora textualizada em definitivo, da «Lista de Classificações do Rotary Clube de Lisboa», abrangendo cerca de 500 títulos que são

outras tantas determinações abertas para o ingresso de associados. Desde o início do ano foram requeridas as palestras aos Companheiros mais recentemente admitidos. E, no plano da convivência rotária inter-clubes, justifica referência a excursão iniciada em 5 de Outubro de 1978 para reuniões de contacto com os clubes de Amarante, Lamego, Penafiel e Vila Real de Trás-os-Montes. Outra realização apreciável foi a Festa da Árvore, em Monsanto, a 14 de Março, reatando uma tradição meritória do Clube.

A XXXIII Conferência do Distrito efectuou-se em P. lbufeira, no Algarve, entre 27 e 29 de Abril de 1979. Além das comunicações e debates usuais sobre temas rotários registou-se como acontecimento de realce a presença dum representante de clubes espanhóis, sendo anunciado que o Rotary Clube de Madrid promoverá em 1980 o I Congresso Ibérico do Rotary na capital do país vizinho. Pouco depois teve lugar em Roma a Convenção Rotária Internacional, com cerca de 14 mil participantes, em que o Rotary Clube de Lisboa se fez representar pelos seus presidente e secretário da Direcção, Companheiros Armando Roboredo e Jaime Duarte. Tiveram então notável significado os actos de acolhimento da Igreja Católica: houve cerimónias especiais na Basílica de S. Pedro, celebrados por bispos rotários e o Papa João Paulo II concedeu aos rotários participantes na Convenção uma audiência que se prolongou por cinquenta minutos. Ficou decidido que a próxima Convenção terá lugar em Chicago, berço do movimento rotário internacional.

O fecho do ano rotário de 1978-79 ficou demarcado, além do apadrinhamento dos dois novos clubes de Lisboa-Sul e de Sintra, por uma distribuição de verbas do saldo administrativo do ano que mais uma vez consagrou a vocação benemérita da agremiação. O Rotary

Clube de Lisboa continua assim a apontar do seu passado para o seu futuro uma missão de generosidade múltipla, que se converteu em tradição de companheirismo, de solidariedade social e de indeclinável ideal de Servir.

PRESIDENTES DO ROTARY CLUBE DE LISBOA

DESDE A SUA FUNDAÇÃO

Com. Boaventura M. de Almeida	1925-26
Or. João Ulrich	1926-27
Or. Mário Pinheiro Chagas	1927-28
Or. J. C. Franco Frazão	1928-29
Prof. Or. J. M. Queirós Veloso	1929-30
Or. Mário Tavares de Carvalho	1930-31
Or. Borges de Sousa	1931-32
Or. Gonçalves Teixeira	1932-33
Com. Boaventura M. de Almeida	1933-34
Prof. Or. J. M. Queirós Veloso	1934-35
Or. Mário Pinheiro Chagas	1935-36
José Maria Álvares	1936-37
Ermete Pires	1937 -
Or. Vicente R. de Vasconcelos	38
Eng.º Ernesto Santos Bastos	1938-39
Prof. Or. Francisco Gentil	1939-40
Or. Francisco Cortez Pinto	1 940-
Prof. Or. J. M. Queirós Veloso	41 1 941
Prof. Or. Armando Marques Guedes	-42
Eng.º Ernesto Santos Rocha	'1942-43
	1943-44
	1944-45

Ermete Pires	1945-46
Or. Raul do Carmo e Cunha	1946-47
Eng.º Armando Casquilho	1947-48
Or. Eduardo Borja Araújo	1 948-49
Or. Fernando Castelo Branco	1949-50
Rutilio Tábuas Rodrigues	1950-51
Prof. Or. Augusto Salazar Leite	1951-52
Or. Bernardo M. de Almeida	1952-53
Maxime Vaultier	1953-54
Eng.º Emmanuel Michez	1954-55
Eng.º António José Martins Galvão	1955-56
Augusto Serras	1956-57
José Octávio Rodrigues Vaz	1957-58
Or. Henrique Moutinho	1958-59
Or. Mário da Anunciação Gomes	1959-60
Prof. Or. António Maria Godinho	1960-61
Fernando Vieira Ferreira	1961-62
Wenceslau Álvarez Sarmiento	1962-63
Eng.º Sérgio A. F. Medeiros	1963-64
Prof. Or. José Oias Marques	1964-65
Or. Carlos A. G. Estorninho	1965-66
Or. Antero Ramos Taborda	1966-67
Or. Carlos Elias da Costa	1967-68
Or. Carlos Elias da Costa	1968-69
Prof. Or. F .S. da Cruz Ferreira	1969-70
Or. Ângelo V. de Almeida Ribeiro	1970-71
Or. Ruy Pires Branco	1971-72
Joaquim Ferreira Queimado	1972-73
Eng.º Hélio Paulino Pereira	1973-74
Prof. Or. A. Salazar Leite	1974-75
Or. A. M. Nunes de Oliveira	1975-76
Or. Eduardo E. Ujpétery	1975-76
Eng.º Guimarães Ferreira	1976-77
Or. Jacinto Simões	1977-78
Almirante Armando Roboredo	1978-79

COMPANHEIROS DO CLUBE**QUE FORAM CONSELHEIROS E GOVERNADORES**

Engo ² Ernesto Santos Bastos o o o o o Ermete Pires	1940-41 1
o o o o o o o o o o o o o o o o o o o Oro	941-42
Francisco Cortez Pinto o o o o o o o Ermete Pires	1943-44-45
.... o .. o o o o o o o o o Or. Raul do Carmo e	1947-48
Cunha o o o o o Prof. Or o Augusto Sa lazar Leite o	1951-52-53
o o Oro Bernardo Mo de Almeida .. o .. o	1953-54-55
Augusto Serras o o oo .. o .. o o o o	1957-58
o o	1959-60
Dro Mário Anunciação Gomes José Octávio	1963-64
Rodrigues Vaz Engo ² Sérgio A. Fo Medeiros	1965-66
Prof. Oro José Oias Marques Oro Carlos A.	1970-71
Go Estominho Oro A. Vo de Almeida Ribéiro	1971-72
	1974-75
	1976-77

Actividades sectoriais do Rotary Clube de Lisboa

As actividades de uma agremiação como o Rotary Clube de Lisboa, com as características que foram definidas na primeira parte deste relato e que ficaram documentadas nas páginas em que se evoca abreviadamente a sua história, multiplicam-se em tão variadas direcções e envolvem tão diversificados aspectos que não é possível deixar de dedicar a alguns deles capítulos especiais. E são esses os que se seguem. Neles se testemunha objectivamente, em sùmulas de factos, uma dinâmica clubista que da sua estrutura interna se projecta para numerosos caminhos de acção social, cívica e cultural, à escala do País e das mais assíduas e significativas relações internacionais.

Essa projecção - cumpre anotá-lo desde já começa por traduzir-se na promoção da expansividade do ideal rotário e, conseqüentemente, da constituição de novas agremiações que o perfilhem e pratiquem. Foi com esse pensamento - e na sequênciã das inspirações recebidas do **Rotary International** - que o Rotary

Clube de Lisboa, poucos anos decorridos sobre a sua constituição, impulsionou a criação do segundo Clube rotário português: o Rotary Clube do Porto. Como seu «padrinho», o Clube pioneiro assegurou-lhe desde início todos os apoios e incentivos possíveis. Do Clube portuense vieram a nascer, por seu turno, muitos outros, sobretudo no Norte do País. Mas a acção semeadora do Rotary Clube de Lisboa prosseguiu pelo tempo adiante, vindo a ser o promotor e «padrinho» dos Rotary Clubes de Lisboa-Norte e Lisboa-Oeste, de Vila Franca de Xira (1954), de Alcobaça (que entretanto se extinguiu), de Beja, de Cascais-Estoril (1971), de Sintra (1979) e de Lisboa-Sul (1979).

PERSPECTIVA INTERNA

O Rotary Clube de Lisboa está organizado, como os demais, em conformidade com o Estatuto-padrão e as normas expressas de Processo formuladas e explicitadas ao longo dos últimos 75 anos pelo **Rotary International**. O seu quadro social, como tem sido expresso em conformidade com tais normas «representa um corte transversal da vida profissional da comunidade em que vivemos, sendo constituído por um representante de cada actividade válida. Esta base para a composição do quadro social do movimento rotário foi posta em prática desde a fundação do primeiro clube e tem continuado a ser, no decorrer dos anos, a característica principal da organização. Durante as dezenas de anos de existência do Rotary Clube de Lisboa (que nestas páginas se rememoram), os seus membros - os de ontem, como os de hoje - «têm-se empenhado em servir a comunidade, através quer de obras e actividades cívicas e educativas, benemerentes e sociais, quer na difusão de normas de ética profissional, ao mesmo

tempo que têm procurado estabelecer entre todos os Companheiros do Clube, do Distrito rotário português e de todo o mundo, laços pessoais de amizade que vêm, incontestavelmente, contribuindo para uma melhor compreensão nacional e internacional».

O Clube elege anualmente um Presidente e uma Direcção, constitui Comissões especiais para o exercício das quatro Avenidas rotárias e para outros fins, mantém Comitês para as relações internacionais com países de que haja associados com a nacionalidade respectiva no quadro social do Clube. A principal actividade interna do Clube é a das reuniões semanais, em que se pratica o companheirismo essencial do movimento, ao mesmo tempo que funcionam como assembleias em que são propostas e discutidas as questões de interesse na sequência da vida do Clube e das suas múltiplas actividades. A assiduidade de presenças dos Companheiros é sempre aspecto importante da vida clubista, fazendo-se apelos frequentes para que ela seja o mais densa possível e atribuindo-se distinções aos sócios que mantêm maior assiduidade.

Os locais das reuniões foram diversos no decurso da vida longa do Clube. As primeiras, logo na fundação, realizavam-se no Café-Restaurante Tavares. Posteriormente, com o acréscimo de número de sócios, deslocaram-se para locais com melhores condições, como o Avenida Palace, onde se dispunha de uma sala especial para os encontros. Há notícia de que, por volta de 1949, se efectuaram durante algum tempo numa sala do Café Chave de Ouro, de que em 1953 se faziam no Hotel Metrópole, em várias épocas (19050, 1953-54, etc.) na Casa do Alentejo. Reuniões festivas especiais tiveram lugar no antigo Hotel Aviz e, por vezes, no Restaurante Mónaco. Desde o início da década de

60, com acidentais deslocações por motivos circunstanciais, as reuniões têm sido realizadas quase incessantemente no Hotel Tivoli.

Os serviços de Secretaria e locais de reunião das Direcções funcionaram, em anos iniciais, na Rua Garrett, 74, 2.^o-Dt.^o. Posteriormente foram instalados numa dependência da antiga sede da Associação Industrial Portuguesa, na Avenida da Liberdade, n.^o 242, em condições manifestamente deficientes. Por isso foi aspiração mantida por Direcções sucessivas a de uma instalação própria como sede efectiva do Clube. A aspiração só pôde ser efectuada em meados de 1956, quando os Serviços começaram a funcionar na Rua Tomás Ribeiro, 47, 3.^o-Esq.9 E em 14 de Dezembro desse ano fez-se a inauguração solene da sede no local, havendo um «vinho de honra» com a presença da grande maioria dos associados. O presidente em exercício, Augusto Serras, prestou homenagem, em discurso então proferido, aos Companheiros que mais contribuíram para que se concretizasse tão antiga e importante aspiração do Rotary lisboeta, cuja necessidade se fazia sentir cada vez mais instantemente. E o Companheiro dr. Carlos Santos, como sócio mais antigo presente na reunião, congratulou-se em nome de todos com o acontecimento e homenageou igualmente o esforço dos que tornaram possível a instalação da sede, assegurando com ela não só maior eficiência dos serviços como um mais constante e eficaz companheirismo.

A publicação e distribuição de um Boletim privativo do Rotary Clube de Lisboa tem sido outro aspecto relevante da sua actividade -. como órgão indispensável que é de convivência indirecta mas fecunda, entre todos os membros do Clube e com os seus similares, não só portugueses como estrangeiros. Não são muitos os Clubes rotários que dispõem de recursos materiais para

a elaboração, publicação e distribuição de um boletim permanente, sob quaisquer fórmulas gráficas e variável periodicidade. Há notícia de que em 1934, pelo menos, começou o Rotary Clube de Lisboa a editar um Boletim impresso, com as características de pequena revista mensal. O seu conteúdo abrangia já as mais variadas matérias rotárias de interesse para os sócios, com particular destaque para os textos completos ou resumos de palestras proferidas nas reuniões. O Boletim foi tomando diversas formas e periodicidades, consoante as disponibilidades do Clube em meios materiais e trabalho dos Companheiros a que compete esse árduo encargo. Não será inoportuno, embora correndo o risco de injustas omissões, registar aqui os nomes de Companheiros que foram dando sucessivamente o seu dedicado esforço à elaboração e publicação do Boletim: Cruz Filipe, Martins Galvão, Sérgio Medeiros, Hermínio Pavéia, Saul Ferreira Pires, Guimarães Ferreira, Pires Branco, Nunes de Oliveira, Mário Gomes, Castelo-Branco, entre outros.

As dedicações pessoais, em Rotary, são fundamentais. Sem elas, passando de geração para geração no decorrer dos anos, não haveria movimento nem acção rotários. Participar nas Direcções e nas Comissões é acto de Servir que honra os que o cumprem. Numa informação curiosa datada no Boletim de 7 de Setembro de 1971 assinala-se que, em médias aproximativas mas muito variáveis, o presidente do Clube consagra a essas funções cerca de 9 horas semanais, correspondendo a 416 horas por ano; a contribuição em tempo de trabalho dos vice-presidentes será da ordem de 5 horas semanais e 260 horas-ano; a do secretário, de 200 horas por ano e a do tesoureiro de 160; o principal responsável pelo Boletim despenderá' cerca de 3 a 4 horas de trabalho por semana com essa missão, correspondendo a 180 horas por ano. Mas em inúmeros

períodos, como se pode certificar em depoimentos pessoais sobretudo nos de Direcções mais activas e dinâmicas - aquelas cifras terão sido e são largamente excedidas, traduzindo redobrados sacrifícios e esforços rotários. Na informação atrás referida regista-se que, em conjunto, um Clube como o Rotary de Lisboa exige dos seus dirigentes um somatório de tempo de trabalho superior a 13000 horas por ano.

Anote-se, ainda, que o Rotary Clube de Lisboa tem distinguido com a qualificação de Sócios-Honorários alguns dos seus Companheiros que, por motivos diversos, deixaram o seu nome fundamente gravado na história do Clube. Um caso de peculiar significado é o do glorioso cientista Prof. Egas Moniz, que foi consagrado como Sócio-Honorário pelo Rotary Clube de Lisboa em 1948, vindo a receber no ano seguinte de 1949 o Prémio Nobel de Medicina. Outras figuras ilustres que o Clube enalteceu com esse título foram os Profs. Queirós Velloso, Francisco Gentil e Hernâni Cidade, Almirante Gago Coutinho, dr. Júlio Dantas, o antigo Presidente da República brasileira dr. Café Filho, o dr. Mário Madeira, o embaixador da Suíça, dr. René Naville, o embaixador Mac Veagh, o activo e prestante rotário que foi Italo Rizzetti.

O «Regimento Interno do Rotary Clube de Lisboa», elaborado durante os anos rotários de 1977-78 e 1978-79, em conformidade com os Estatutos vigentes estes, por sua vez, moldados em conformidade com o Estatuto-padrão estabelecido pelo **Rotary International**, com os pequenos aditamentos acidentais, superiormente autorizados, que resultam da caracterização local de cada Clube - constitui actualmente o texto normativo básico da agremiação. A pormenorização e rigor do «Regimento Interno» constituem, na actualidade, instrumento da maior importância para a continuidade e desen-

volvimento do mais antigo Clube rotário português. É seu complemento de considerável significado a «Lista de Classificações do Rotary Clube de Lisboa», abrangendo 500 ramos de actividade que justificam representação de sócios - organizada sob a Direcção em exercício no ano rotário de 1978-79 e que anteriormente não existia, nos precisos e exaustivos termos em que é agora apresentada.

Está assim definida, nos seus elementos essenciais, a estrutura de organização do Rotary Clube de Lisboa, como suporte da sua missão associativa interna sob o signo do Companheirismo e das múltiplas acções externas que se documentam em maior minúcia nos capítulos seguintes deste relato.

ACÇÃO FILANTRÓPICA

Desde os primeiros passos que deu no mundo, o movimento rotário acolheu entre os seus objectivos primaciais a acção altruísta nos mais diversos sentidos que fossem abertos às suas possibilidades. O exemplo veio logo do primeiro Clube rotário, fundado em Chicago em 1905, que, pouco depois da sua criação, lançou uma campanha para a melhoria das condições de vida dos habitantes nos bairros pobres da cidade. E, pelo tempo adiante, todos os Clubes, sem excepções, de uma forma ou de outra, por vias colectivas ou individuais, têm sido instituições beneficentes, ocorrendo com a sua solidariedade e com os seus auxílios concretos aos mais diversos sectores de carências humanas. Lembra-se, a propósito, a declaração do dr. Albert Schweitzer, cientista, artista e benemérito de projecção mundial, quando recebeu o título de sócio-honorário 90 Rotary Clube de Colmar, em Franca e, na mesma oportunidade, lhe foi entregue um importante donativo para a sua obra de assistência social em África:



Edifício da Liga de Profilaxia da Cegueira onde foi inaugurada, em 24 de Fevereiro de 1955, a Clínica Infantil de Reeducação de Amblópes, doação do Rotary Clube de Lisboa.

«Sei que estou no meio de um grupo generoso. Sei que estou entre homens que sinceramente desejam dar à nossa civilização mais espiritualidade, pensamentos mais profundos, ideais humanos e o desejo de salvar o mundo das ruínas. Sou, portanto, um de vocês e acredito na vossa grandiosa e esplêndida meta.»

A **Avenida** dos Serviços à Comunidade, perfilhada pelo movimento rotário à escala mundial, veio formalmente consagrar a missão altruísta do rotarismo, orientada em conformidade com a resolução 34, adoptada em 1923 pela Convenção Internacional de St. Louis.

A fundação do Rotary Clube de Lisboa, em 1926, integrou-se desde início, consequentemente, no espírito, nas intenções e nas práticas do rotarismo mundial. Anos transcorridos, em artigo breve num Boletim de Dezembro de 1935, escrevia-se: «Espalhadas por todo o mundo há actividades rotárias que despertam carinho e apoio franco e decidido. Aqui instalam-se pavilhões destinados a Maternidades; ali, intensifica-se a acção das colónias escolares; mais além forma-se uma nova «gota de leite»; noutro ulgar verifica-se o auxílio às obras da povoação; noutro ainda, médicos rotários examinam desinteressadamente os alunos das escolas; noutros mais estabelecem-se cantinas escolares, criam-se museus, fundam-se asilos, organizam-se e mantêm-se parques infantis, abrem-se Casas para as crianças desvalidas, deficientes, procura-se educar os surdos-mudos e os cegos, dá-se tratamento especial em termos a crianças precisadas, instituem-se escolas e bibliotecas, realizam-se campos de férias - enfim: é uma série ininterrupta de actividades que bem demonstram o benéfico alcance da obra rotária em todo o mundo».

Era e continua sendo esta panorâmica a que define a acção rotária mundial nos serviços à comunidade. O Rotary Clube de Lisboa segue-lhe largamente o exem-

pio, como se intentará documentar, quanto possível, nesta **História Breve**. Mas com uma ressalva a fazer desde já: um dos princípios do espírito rotário é, precisamente, o de não fazer títulos de vanglória das iniciativas e realizações promovidas com intuítos filantrópicos, divulgando-as em propagandas de auto-consagração. Não há resenhas nem registos sistemáticos das acções de bem-fazer. Por isso se apresenta difícil e dispersa a referenciação concreta das actividades do Rotary Clube de Lisboa nesse domínio, em transcurso já dilatado da sua existência. Neste balanço de mais de meio século do primeiro Clube rotário instituído em Portugal apenas se poderá fazer o registo de algumas delas, mais como testemunho de um sentido humano perfi lhado e praticado do que como resenha exaustiva - que, aliás, se fosse possível, se desdobraria em proporções incompatíveis com o espaço desta publicação. Do mesmo modo, não se deverá estranhar que nestas páginas não figurem os nomes de todos os que deram o concurso da sua dedicação altruísta à **Avenida** dos Serviços à Comunidade, em anos sucessivos, apontando-se apenas, circunstancialmente, os que se relacionam com factos positivos que reflectem a história do Clube.

Dos primeiros anos da sua trajectória pouco se sabe, neste domínio como em outros. Há notícia de que em 1927, graças aos esforços de um grupo de Companheiros, o Rotary Clube de Lisboa possibilitou a aquisição de instalações para a Associação Cristã da Mocidade que, além das finalidades educativas, promove auxílios sob diversas formas à juventude. Há depois um longo vazio de documentação. E é de 1º de Novembro de 1936 a referência registada de um agradecimento do Companheiro Prof. Fransisco Gentil ao Clube por motivo de importante donativo efectuado pelo Clube ao Instituto Português de Oncologia. Um agradecimento do

mesmo teor e pelo mesmo motivo é assinalado em Dezembro de 1939. Os apoios à luta contra o cancro sucedem-se pelo tempo adiante, testemunhando a permanência da acção do Clube nesse capítulo, a que o nome do rotário Prof. Gentil ficou indelevelmente ligado.

O Inverno de 1937 foi de dramáticas cheias no Ribatejo. O Rotary Clube de Lisboa organiza, recolhe e distribui auxílios consideráveis às vítimas. Uma campanha idêntica, pelas mesmas razões, é noticiada em Fevereiro de 1946.

O apoio à criança é também, desde longa data, preocupação sistemática do Clube. Entre outras iniciativas, regista-se no Inverno de 1937 uma visita organizada de crianças das escolas do Ensino Primário de Lisboa aos Museus da cidade, a expensas do Clube. E, pelo final desse ano, anuncia-se que está em organização um Campo de Férias, de iniciativa rotária, para receber cerca de uma centena de rapazes de famílias pobres e facultar-lhes bem-estar, contacto com a natureza e recreio feliz.

A protecção da árvore, «grande amiga do Homem», é outra das finalidades de serviço social perfilhadas pela agremiação. Pelos anos 30 esteve em actividade uma Comissão expressamente constituída para impulsionar iniciativas de defesa da árvore e da sua incrementada plantação. E multiplicaram-se as intervenções, quando determinadas circunstâncias as justificaram, nesse sentido, junto de entidades oficiais e privadas a que cumpria servir essa aspiração de interesse público. Nesta atmosfera se inseriu, em reunião clubista de Fevereiro de 1938, a congratulação expressa pela notícia de que iam ser plantadas 500000 árvores no Parque Florestal de Monsanto, então em começo de instalação. Por

outro lado, palestras realizadas nas reuniões do Clube, nessa e em várias épocas, convergem para o mesmo objectivo rotário.

A " Guerra Mundial, como atrás se mencionou, foi motivo para que o Rotary Clube de Lisboa se integrasse decididamente em acções de auxílio multiformes aos que sofriam as suas trágicas consequências. Colectivamente ou em acções individuais de rotários, o esforço desenvolvido deve ter tomado proporções consideráveis, justificando a referência publicada no Boletim de Maio-Junho de 1940: «Nas cidades onde há Clubes rotários a acção de todos os nossos Companheiros tem merecido os maiores encómios pela assistência moral e material que têm dispensado aos refugiados». O Rotary Clube de Lisboa, em página destacada do seu Boletim, faz vibrante apelo para que se alargue essa actuação benemérita por todos os meios e com os recursos possíveis. Quando foi recebida, em Março de 1942, uma carta do **Rotary International** requerendo auxílios às vítimas da guerra, o presidente em exercício, dr. Francisco Cortez Pinto, pôde responder com discreta simplicidade: «Muitos dos nossos Companheiros de Lisboa têm realizado esse dever rotário». O balanço concreto da obra realizada nessa época, em face da dramática conjuntura mundial, constituiria sem dúvida um panorama amplíssimo de realizações.

Mas estas continuam a diversificar-se em múltiplos sentidos. A Comissão de Senhoras das famílias de rotários propõe em **1941** que o Clube apoie os auxílios aos Preventórios Anti-Tuberculosos de Colares e Sintra, que atravessam condições precárias. A solicitação foi aprovada e deu-se-lhe execução prática em várias ocasiões, não só sob a forma de donativos financeiros como pela oferta por rotários de roupas e objectos úteis em anos sucessivos. O Fundo de beneficiência do Clube

continuava por essa época a ser reforçado pela recolha e venda de desperdícios de papel, actividades que determinam trabalhosa dedicação de vários Companheiros. Em editorial do Boletim de Março de 1943 assinala-se a continuidade dos serviços sociais em curso nestes termos significativos: «Cuidados com a higiene e com a saúde das crianças, prémios escolares, agasalhos no Inverno, bolsas de estudo, colónias de férias, camas nos albergues e nos hospitais, vestuário a crianças, enfim, uma série ininterrupta de bem-fazer ilumina a actividade constante dos clubes rotários do nosso País». Na reunião de dirigentes dos Clubes realizada na Figueira da Foz em 2/3 de Maio daquele ano foi a acção beneficente rotária objecto de análise especial, considerando-se muito proveitosos os resultados e directrizes então formulados. O Rotary Clube de Lisboa participou activamente nestes trabalhos, como mais importante Clube português e com mais largo âmbito de realizações.

O registo possível ilustra a multiplicidade e importância das acções em curso: em Janeiro de 1944 faz-se a entrega pessoal por vários rotários de Lisboa de numerosas dádivas ao Preventório de Benfica; em Janeiro de 1951 é distribuído pelo Clube um bodo a 500 pobres, como acto comemorativo do seu 25.^o aniversário; no ano rotário de 1952-53, sendo presidente o dr. Bernardo Mendes de Almeida, filho do fundador e primeiro presidente, o Rotary Clube de Lisboa fez entrega ao Padre Américo da verba para construção de duas Casas da sua obra meritória (em Dezembro de 1956 a Direcção do Clube, sob a presidência do Companheiro Augusto Serras, entregou um donativo de 25 contos destinados à mesma obra); durante o exercício de 1953-54 a Comissão de Senhoras tomou a iniciativa de se criar um Fundo especial para a celebração regular do Natal dos Pobres; em Dezembro de 1954 a congregação das Irmãs

Missionárias do Espírito Santo agradece os donativos rotários destinados a ajudar famílias pobres das zonas lisboetas de Santos e Alcântara; em Janeiro de 1955 a Casa do Alentejo manifesta o seu reconhecimento pela distribuição no Natal antecedend€ de um bodo a cem alentejanos pobres; pela mesma época há notícia de auxílios prestados pelo Rotary Clube de Lisboa à Casa do Ardina.

É um desfiar incessante de iniciativas, muitas das quais são notoriamente omitidas, a testemunhar a continuidade e diversidade de uma acção multiforme do Servir rotário.

Há um sector social, no entanto, que ocupa especial lugar - e constante lugar - na actuação do Rotary Clube de Lisboa: o auxílio aos cegos e às instituições que os ajudam. Esse sector de interesse altruísta vem de longe. Durante anos sucessivos ignora-se desde quando} o Clube promoveu a oferta de bengalas especiais a cegos. Era pormenor curioso de realizações que, entretanto, tomaram amplitude especial e significado expressivo nas actividades da agremiação. De facto, o Clube apoiou desde o seu início - e em proporções que foram consideradas fundamentais pelas entidades responsáveis - o Centro Helen Keller, de auxílio e reabilitação profissional de cegos. Esse apoio foi incessante e vultoso, mobilizando parcela considerável dos recursos do Clube e de donativos particulares dos seus membros.

Nessa sequência benemérita foi acontecimento de grande relevo e projecção pública a inauguração em 24 de Fevereiro de 1955, no ediffcio da Liga' de Profilaxia da Cegueira, da Clínica Infantil de Reeducação de Amblíopes, em doação integral do Rotary Clube de Lisboa a assinalar o Jubileu do Rotary International e o

29.^o aniversário do Clube. Em consequência desse importante contributo, a Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira atribuiu ao Rotary Clube de Lisboa o seu «Título de Honra», comunicando a homenagem em ofício de 26 de Novembro de 1955 nos seguintes termos:

«Na última Assembleia Geral desta Liga foi decidido por aclamação atribuir ao Rotary Clube de Lisboa o título de membro de honra da Liga, ao abrigo do artigo 4.^o dos estatutos, por eminentes serviços prestados à causa da Profilaxia da Cegueira. De facto, a vossa generosa doação, que permitiu a criação do Centro de Recuperação e Reeducação de Amblíopes, o primeiro que se funda em Portugal, representa o início de uma obra de assistência que, sem exagero, se pode classificar de notável e pelo qual ansiava esta Liga há mais de 25 anos sem que até agora tivesse obtido auxílio oficial ou particular que a tornasse realizável. Mais foi decidido nesta Assembleia Geral exprimir ao Rotary Clube de Lisboa o nosso profundo reconhecimento e louvor por tão generoso gesto, pondo à vossa disposição a inscrição para frequência gratuita anual de pelo menos um aluno pobre vosso protegido, nesta instituição que tão justamente se intitula Fundação Rotary Clube de Lisboa. É com o maior prazer que vos faço parte destas decisões, juntando aos votos da Assembleia a expressão do meu mais profundo reconhecimento e admiração pelo vosso elevado sentimento de Servir.»

Na promoção deste notável empreendimento altruísta, como em outros relacionados com o mesmo sector de interesses humanos não pode ser esquecida a acção constante do dedicado Companheiro que foi o dr. Hen-

rique Moutinho. Dos registos sobre realizações em benefício dos cegos - além de várias palestras sobre o tema em diversas reuniões, por vezes com a participação de individualidades representativas da assistência nesse sector - constam, especialmente, estes acontecimentos: em Fevereiro de 1969 realizou-se uma visita de numerosos sócios do Rotary Clube de Lisboa ao Centro Helen Keller, efectuando-se uma «quête» improvisada que rendeu 22 contos, imediatamente entregues à instituição; em Janeiro de 1972 o Clube fez a oferta aos Centros Helen Keller e Ann Sullivan de equipamentos diversos para tratamentos de reabilitação de cegos; em 20 de Junho daquele ano foi inaugurada o Centro de Aprendizagem pelo Tacto para Cegos, cuja instalação se ficou a dever, em grande parte, ao patrocínio do Rotary Clube de Lisboa. Na palestra realizada nessa data em reunião do Clube declarou o Companheiro dr. Henrique Moutinho que «o Centro é mais uma realização do Rotary Clube de Lisboa. Tal como a criação do Centro Helen Keller, esta nova realização foi possível graças ao auxílio financeiro do Rotary Clube de Lisboa, que pôs à nossa disposição todo o material necessário à instalação do Centro e, sobretudo, a parte oficial, onde, sob a forma de trabalhos manuais, se consegue uma motivação que potencializa o efeito desta técnica psico-pedagógica».

Prosseguindo a incessante acção neste domínio assinala-se, ainda, a aprovação em reunião de 9 de Dezembro de 1975 de um donativo de 100 contos para aquisição de uma casa pré-fabricada a instalar no Centro Hellen Keller.

Estas sucessivas realizações benemerentes do Rotary Clube de Lisboa, como tantas outras, tiveram como principal suporte financeiro os donativos de sócios, espontaneamente ou solicitados pelos órgãos responsáveis

da agremiação. Em vários casos os donativos pessoais tomaram certo cunho de originalidade. Por vezes, seguiu-se o sistema de cada sócio aniversariante, na data de uma reunião ou em data próxima, entregar um donativo para fins assistenciais. Em certa reunião de **1956** assinalou-se que o Companheiro Fernando Vieira Ferreira fosse «multado» por ter passado na ocasião a data das suas «bodas de prata» de casamento. Fernando Ferreira fez então entrega de uma verba considerável, com destino ao Fundo Paul Harris, do **Rotary Intemational**. Em diversas ocasiões foram postos em leilão, com receitas avultadas, objectos vários, desde peças de arte e antiguidade a selos raros. Mas os fundos remanescentes da administração de cada ano rotário foram e continuam sendo fonte das mais consideráveis para a continuidade da acção altruísta do Rotary Clube de Lisboa na grande multiplicidade das formas que tem assumido.

Ainda alguns eX7mplos, ao longo dos anos que vão passando: em Janeiro de **1956** foi decidido pagar as propinas de um aluno do Instituto Industrial que estava em risco de interromper o curso por carência de meios; em Junho de 1963 é entregue um donativo avultado ao presidente da Direcção de «A Voz do Operário» para subsidiar um curso de educação de adultos; no ano rotário de 1963-64 atribui-se uma verba apreciável, obtida por dádivas de sócios, à obra de assistência a crianças surdas-mudas; o Rotary Clube de Lisboa custeia a construção de uma casa para pobres no âmbito duma iniciativa da Cruz Vermelha Portuguesa; realiza-se uma subscrição para pagar uma casa para desalojados de um bairro, na Musgueira, por iniciativa de um grupo de estudantes que o Clube apoia; e regista-se ainda nesse ano rotário um donativo importante à Escola-Oficina n.º 1 para auxílio da sua obra educativa, efectuando-se

um 'Visita de rotários à instituição. Em 1964-65 o Clube apoia activamente o movimento de dadores de sangue, recebendo afirmação pública de reconhecimento do Instituto Nacional de Sangue, e colabora na organização de uma Associação de Dadores de Sangue. Entretanto, a Casa da Amizade, das Senhoras dos rotários de Lisboa, fez entrega ao Rotary Clube de Leiria, por ocasião da XIX Conferência do Distrito, realizada naquela cidade em Maio de 1965, de uma verba em dinheiro e enxovais para crianças de Leiria.

No ano de 1966-67 regista-se o agradecimento da Associação Cristã da Mocidade pela instalação de um Gabinete Médico de assistência clínica que teve a «colaboração generosa do Rotary Clube de Lisboa na sua concretização». Além do fornecimento do equipamento, vários médicos que eram Companheiros no Clube oferecem os seus serviços clínicos para funcionamento eficaz do Gabinete. Nesse ano anuncia-se a atribuição de um Prémio pela Direcção do Clube ao bombeiro de Lisboa que mais se tenha distinguido por actos meritórios durante o ano. Os patrocínios ao Centro Helen Keller e à Liga Portuguesa contra o Cancro prosseguem por essa época, havendo notícia de donativos do Clube, acrescidos dos que são oferecidos por membros da Direcção e outros associados. Em Dezembro de 1971 a Casa da Amizade promove uma «venda de caridade» com o objectivo de angariar fundos para obras sociais que são orientadas por Senhoras das famílias de sócios do Clube. Em Dezembro de 1973 dá-se conta da cooperação em curso com o Zonta Clube de Lisboa, então presidido por D. Marta Lima Basto, para fins beneficentes. Por essa altura, a Casa da Amizade, das Senhoras de rotários, engloba já os 3 Clubes existentes em Lisboa, e, como é usual, no final de cada ano rotário faz-se a distribuição de saldos, muitas vezes conside-

ráveis, da administração do Clube no mesmo ano pelas instituições que são por ele protegidas. Em Junho de 1973, por exemplo, a verba assim aplicada é de cem contos.

No ano de 1973-74 dá-se um acontecimento de relevo com especial projecção nas actividades filantrópicas do Clube: um Companheiro do Rotary Clube de Lisboa, Luís Santiago, deixa por falecimento um legado de 1250 contos ao Clube, com a determinação de se instituir um prémio escolar anual com o seu nome e se prosseguirem outras realizações beneméritas na agremiação rotária a que pertencera e a que se devotara. Com parte da verba e rendimentos desse legado, por exemplo, foi adquirida uma ambulância para os Bombeiros Voluntários de Sintra, cuja falta muito se fazia sentir na área das suas actividades.

A partir de 1975 abre-se um novo e imprevisto campo de realizações benemerentes ao Rotary Clube de Lisboa, simultaneamente com outros no País: o auxílio a retomados das ex-colónias e suas famílias. Em Agosto daquele ano, por exemplo, assinalam-se importantes donativos de sócios para ajuda a rotários vindos do antigo Ultramar, que se encontravam em graves dificuldades. Uma Comissão foi então constituída, em que o Rotary Clube de Lisboa ficou representado pelo Companheiro Prof. Salazar Leite. Os auxílios directos e indirectos, em espec'ial a crianças e retornados, sucedem-se nesse período, que se prolonga por demorado tempo. No último ano rotári'o com que se encerra este relato a acção do Clube é continuada, sempre em múltipelas direcções. Em Novembro de 1978 é retomado o sistema, em várias outras épocas posto à prova, de se incentivarem assiduamente os donativos pessoais de Companheiros para fins filantrópicos - e os resultados são logo de início animadores. Por outro lado, como fruto

de uma acção administrativa orientada pelo decidido critério de reduzir encargos e melhorar receitas. foi possível dispor no fecho do ano de um saldo que permitiu distribuir donativos fixados pela Direcção num montante que ultrapassou os 215 contos. Nessa verba foram incluídos um donativo de 100 contos para a ajuda aos sinistrados de calamidades meteorológicas e inundações de Fevereiro anterior. a entrega de um aparelho de electrocardiografia às Irmãzinhas dos Pobres, no valor de quase 60 contos, o contributo de mais 20 contos para o Centro Hellen Keller. etc. A acção altruísta e assistencial do Clube prosseguiu significativamente, na sequência de uma tradição que é das mais honrosas e prestigiantes para o Rotary Clube de Lisboa e que consagra a sua missão na sociedade por-o tuguessa. hoje como no passado. a abrir-se para um futuro que não deixará de se confirmar nas suas múltiplas direcções.

CONTRIBUTO PARA A FUNDAÇÃO ROTÁRIA

PORTUGUESA

A ideia de se constituir um organismo conjunto dos Clubes rotários portugueses para coordenar e impulsionar alguns aspectos primaciais da sua acção altruísta começou a germinar pela década de 50. Houve objecções, dificuldades de lançamento da iniciativa e preocupações quanto às suas possibilidades. Entretanto, na X Conferência do Distrito Rotário Português, realizada nas Caldas da Rainha em Maio de 1956. o projecto de instituição de uma Fundação Rotária Portuguesa foi já objectivamente debatido. E o presidente -do Rotary Clube de Lisboa em- exercício. eng.º António José Martins Galvão. em nome do clube, foi dos participantes que deram imediatamente o seu voto de adesão

ao projecto. Numa reunião do Clube, por essa época, o presidente Martins Galvão acentuou expressamente: «Dispersamos recursos, que convém concentrar. A Fundação Rotária Portuguesa precisa de sair do campo da utopia e entrar em campo aberto das realidades. O Rotary Clube de Lisboa colaborará com toda a alma e recursos na Fundação»-recebendo apoio geral e aplauso dos participantes na reunião. No «Forum» dos Clubes do Sul, promovido pelo Clube em Junho seguinte, o Companheiro Prof. Salazar Leite fez larga dissertação sobre os desígnios a prosseguir pela instituição, demonstrando «a necessidade de se levar por diante tão valiosa obra, que tantos benefícios pode trazer».

Os trabalhos preparatórios foram prosseguindo, sempre com participação destacada do Rotary Clube de Lisboa. E, em 1959, a Fundação estava constituída e com Estatutos oficialmente aprovados, iniciando imediatamente as suas actividades. O objectivo fundamental do novel organismo dos Clubes Rotários portugueses foi, desde início, a constituição de um Fundo através de cujos rendimentos se fizesse a atribuição regular e ordenada de bolsas de estudo para estudantes necessitados e que dessem boas provas. Da eficiência com que foi posta em marcha a organização dá conta o facto de no ano de 1959-60 já terem sido atribuídas 12 bolsas, com um dispêndio de 51 contos. Mas a progressão foi notavelmente rápida nessa acção benemérita, dado que em 1960-61 o número de bolsas concedidas logo duplicou para 24, sendo investidos 64 contos, em 1963-64 já atingia 65 com a aplicação de 187 contos, assim continuando pelos anos adiante. Logo depois de constituída a Fundação, o Governador do Distrito, dr. Mário Anunciação Gomes, Companheiro no Rotary Clube de Lisboa, declarava na sua «carta mensal»: «A Fundação Rotária Portuguesa é a contribuição esforçada

dos rotários de Portugal para a formação duma juventude válida, capaz de vir a assumir as suas responsabilidades com perfeita consciência daquilo que dela se espera. Tem a Fundação de multiplicar-se para que os seus bolseiros sejam centenas».

Em Abril de 1962 realizou-se a Semana da Fundação Rotária Portuguesa para assinalar e divulgar a importância social e cívica da sua obra. E nesse mesmo mês, em reunião do Rotary Clube de Lisboa, o Companheiro ?r. Raul Carmo e Cunha acentuava que «neste terceiro ano de actividades são em número de 32 os jovens seleccionados pela sede da Fundação e muitos outros beneficiam graças a escolhas feitas no Porto e outras cidades. O orçamento para 1962 é de 117 contos, pagos principalmente por quotizações voluntárias dos sócios de Lisboa e dos restantes Clubes. O rendimento da Fundação, cujo capital (nessa data) é de 750 contos, só cobre parte dos encargos». E conclui: «A Fundação é a nossa melhor obra e a que mais pode esclarecer a gente da nossa terra sobre os propósitos de bem comum que nos assinalam».

O Rotary Clube de Lisboa é sempre o mais importante contribuinte e estimulador da obra em curso, apontando-se com frequência os donativos pessoais de Companheiros, muitas vezes anónimos, a realização de «quêtes» e «leilões» nas reuniões do Clube para reunir fundos, o esforço das Direcções em aumentar o montante do capital para rendimento. Em meados de 1963 já esse capital atingia 1000 contos, registando-se a parcela predominante que coube na sua formação ao Rotary Clube de Lisboa. Parte deste, em 1965, o principal esforço na campanha posta em marcha para que o capital se eleve a 2000 contos, podendo assegurar-se com o rendimento dessa verba a concessão de uma centena de bolsas. Já por essa altura o mais cons-

tante e dedicado animador da instituição é o Companheiro Fernando Vieira Ferreira, que até ao último dia de vida fez dessa missão uma dádiva. incessante de acção e de trabalho.

Em Abril de 1969, quando se completa o 10.º aniversário, Mário Gomes profere uma palestra em reunião do Clube, salientando a acção dos Companheiros do Rotary Clube de Lisboa que «com o seu labor e excepcional espírito de doação a **instituíram**: Fernando Ferreira, Augusto Serras, Octávio Vaz, Carmo e Cunha. Salazar Leite e Bernardo Caria, entre outros». E acrescenta: «O dinheiro correu para além do que se imaginava de princípio, embora o número de rotários (em 1959) fosse metade do que é hoje. Todos viram na Fundação Rotária Portuguesa um instrumento válido para dar execução à Resolução da Convenção de St. Louis, todos sentiram que o Movimento rotário passava a ter em Portugal um dispositivo organizado para a prática de um serviço de real interesse para o País: a acessibilidade da escola à juventude desprovida de meios materiais». Graças às dedicações conjugadas, o número de bolsas atribuídas em 1970 elevou-se a 90, com o dispêndio de 304 contos. E em várias intervenções de Companheiros põe-se sempre em relevo a participação decisiva do Rotary Clube de Lisboa no empreendimento.

Em Abril de 1973 foi publicada e discutida uma nova redacção dos Estatutos da Fundação. E o interesse que a sua obra despertava teve eco num artigo publicado na revista «The Rotarian», órgão do **Rotary International** com tiragem de centenas de milhar de exemplares, da autoria do exemplar rotário que foi Saul Pires. A Direcção do Rotary Clube de Lisboa de 1972-73 fez à Fundação uma doação de 105 contos, como base de fundo para financiar um prémio anual a aluno que se distinguisse no ensino médio comercial.

E em Julho de 1975 iniciou-se uma campanha para duplicar o capital básico da instituição, obtendo-se por subscrição 126 contos, dos quais 105 entregues pelo Rotary Clube de Lisboa em conta da bolsa a que ficou ligado o nome de Fernando Vieira Ferreira. Em 1974 a viúva deste devotado rotário e admirador da Fundação fez à instituição um donativo de 100 contos, em memória daquela inesquecível figura do movimento rotário português.

A Fundação tem prosseguido a sua acção benemérita com a continuidade e a amplitude que sempre a caracterizaram desde os primeiros passos. No relatório de 1978, último publicado à data da elaboração deste relato, salienta-se que a sua acção tem sido «uma jornada de certo modo longa, mas durante a qual a nossa Fundação tem prestado à juventude de Portugal um grande serviço, contribuindo - e disso nos orgulhamos - para a promoção cultural e social do nosso País». Regista-se que, desde a sua criação, o número total de bolsas concedidas foi de 1380, implicando um investimento, entre 1959 e 1978, de 4580 contos. O capital inicial, que era de 300 contos, elevava-se no final da última gerência referida a 2997 contos. As contribuições recebidas e aplicadas durante os vinte anos decorridos elevaram-se a 6655 contos. Entretanto, no ano de 1978 foram atribuídas 54 bolsas, abrangendo 10 bolseiros que completaram cursos, dos quais 6 a nível universitário e 4 do magistério primário. Foram distribuídos durante o ano os Prémios, instituídos por doadores, «Fernando Ferreira», «Casal Melich», «Santos Pardal» e «Teixeira Barroca». Os valores constituídos pela Fundação Rotária Portuguesa em carteira de títulos somavam no final de 1978 o montante de 2063 contos e as disponibilidades no final do exercício cifravam-se em 1043 contos.

As bolsas da Fundação têm sido concedidas a alunos de cursos secundários, técnico-profissionais e superiores e, nestes últimos, de diversos ramos dos cursos de Ciências, Letras e Tecnologias. Os bolsheiros são originários das mais diversas regiões do País, sob propostas dos vários Clubes do Distrito Rotário português, sem discriminações. E são de salientar, como testemunho do critério selectivo adoptado, as altas classificações geralmente obtidas pelos bolsheiros da Fundação.

É esta uma acção relevante e vasta de que o Rotary Clube de Lisboa pode orgulhar-se, como seu principal animador e contribuinte no conjunto dos Clubes rotários do País. Em 1978, por exemplo, a contribuição do Clube foi superior a 25 % no conjunto reunido para esta obra de nobre alcance social que honra todos os rotários portugueses.

ACÇÃO CULTURAL

Sendo Rotary um «ideal em acção», na qual se conjuga a experiência «de homens de diferentes crenças, opiniões e nacionalidades, moldando-se em companheirismo onde quer que estejam», não podem deixar de figurar com o maior relevo no quadro do seu comportamento colectivo as actividades culturais. A cultura não é apenas enriquecimento interior e individual. Foi sempre, em todas as épocas e através de todas as circunstâncias da inquieta e agitada história da Humanidade, uma força de convivência, de aproximação e de solidariedade entre os homens. A autêntica cultura é compreensão do mundo e da vida, é tolerância, é fraternidade em espírito. O ideal rotário em acção inspira-se, precisa e expressamente, nestas aspirações e finalidades. E nelas se integrou desde os seus primeiros passos, nelas se tem mantido indefectivelmente, o Rotary Clube

de Lisboa desde que um grupo de homens de boa-vontade lançou as raízes do movimento rotário em Portugal no ano que já hoje se afigura distante de 1925.

A principal, a mais constante e efectiva acção de cultura do Clube, tem sido a das palestras nas suas reuniões semanais. Com raras excepções, há nelas um ou mais Companheiros que trazem aos seus confrades, em palavras concisas no tempo condicionado, a contribuição da sua experiência, do seu saber, do seu interesse pelos valores multiformes da vida. Em mais de meio século de acção cultural continuada, contam-se por alguns milhares as palestras proferidas nas reuniões do Rotary Clube de Lisboa. A sua resenha integral seria impossível, obviamente, não só pelo espaço incomportável que ocuparia, como pelas omissões injustas que a sua ordenação implicaria. De facto, sobretudo no primeiro decénio da existência do Clube, não se dispõe de documentação de arquivo que permita registar as palestras realizadas nesse período pioneiro em que o «espírito rotário» se difundiu e enraizou. E, como todos os fundadores já deixaram este mundo, não se pode recorrer à sua memória para recolher recordações de tão importante actividade nessa fase. Além disso, há períodos vários da história posterior do Clube em que à inexistência de boletins e relatos de reuniões implica vazios na sequência das palestras proferidas. Mas dos períodos - e são muito longos - em que a documentação conservada está disponível, é impressionante, pela sua sucessão e características, este aspecto fundamental da vida rotária.

Em depoimento que nos prestou para este relato, o que é na presente data Sócio n.º 1 e mais antigo do Clube, o Companheiro António Brito Rato: acentuou que lhe deixaram recordações perenes, pelo seu elevado nível, as palestras proferidas por volta de 1934

por individualidades como o Prof. Francisco Gentil, o dr. Mário Pinheiro Chagas - que foi o primeiro «censor» na primeira Direcção do Clube, em 1926-, o Prof. Queirós Veloso, o Prof. Marques Guedes. Pela sua actualidade económico-social ou técnica, além de inspiradas muitas vezes em finalidades cívicas, sobretudo de apoio a organismos de juventude, tiveram eco, que se manteve por largos anos em sucessivas intervenções, as palestras dos Companheiros eng.² Carlos Garcia Alves, dr. Francisco Cortez Pinto e outros representantes de sectores importantes do trabalho nacional. Os grandes fastos da história portuguesa, a assistência social, o desenvolvimento das indústrias, a divulgação da vida e aspectos vários de outros países como testemunho do universalismo do espírito rotário, a arte e a sua história, as questões de intercâmbio cultural, os problemas da saúde pública e das instituições que a servem, entre muitos outros, foram temas continuamente versados nas reuniões rotárias ao longo de sucessivos decénios. Houve palestrantes particularmente assíduos, como os Companheiros Prof. Hernâni Cidade, Prof. Beirão da Veiga, Dr. Carmo e Cunha, eng.² Emmanuel Michez, eng.² Martins Galvão, com José Cabral quantos mais que poderiam prolongar a honrosa lista.

Uma das preocupações constantes na organização e ordenação das palestras foi a de que cada palestrante trouxesse às reuniões o testemunho da sua especialidade, sempre em linguagem acessível, de modo a abrir o leque dos interesses culturais e dos conhecimentos aos mais diversos quadrantes da cultura humana, das ciências, das técnicas, dos problemas sociais e económicos. Sob a mesma inspiração foram frequentes os convites a individualidades qualificadas de diversos ramos para trazerem aos encontros do Rotary Clube de Lisboa o seu contributo especialmente autorizado nas mais várias matérias. Recordem-se, a título de

exemplos entre muitos, as presenças de Gago Coutinho, grande cientista e herói da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Em 8 de Março de 1949 proferiu ele um discurso em reunião do Clube e, logo depois, uma conferência sobre «Os Descobrimentos dos Portugueses». Pouco antes estivera perante auditório atento o ProL Barahoné. Fernandes, que falou sobre «Higiene Mental no Entendimento dos Povos». Em 3 de Março de 1959 foi prestada homenagem, com discursos de vários Companheiros, à memória de Gago Coutinho, pouco antes falecido, cuja última conferência pública fora proferida no Rotary Clube de Lisboa. Outra grande figura da ciência portuguesa, o ProL Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina, falou em reunião do Clube de 20 de Fevereiro de 1951. Júlio Dantas, escritor consagrado e presidente da Academia das Ciências de Lisboa, que foi Companheiro do Clube e depois seu sócio honorário, tomou a palavra várias vezes nas reuniões semanais.

Uma das finalidades sempre mantidas na sequência das palestras foi a de acompanhar, como forma de participação cultural do Clube, a celebração de grandes vultos da história e da literatura portuguesas, como nos centenários do Infante D. Henrique (palestra notável de Jaime Cortesão), Gil Vicente, Garrett (Carlos Estorninho), Bocage (Vitorino Nemésio), Camões (Carlos Estorninho, Hernâni Cidade), etc. Os interesses vitais do país têm sido versados, nas ocasiões convenientes, em séries de palestras com temas determinados, de que se pode apontar como exemplo a que se realizou em 1963 sobre a integração económica nacional com intervenções dos drs. Silva Lopes, Ramos Pereira e Ramos Taborda.

Nesses, como em vários outros casos, os convites a individualidades alheias ao Clube são de tradição assiduamente prosseguida. Na década de 50, por exemplo, entre outros palestrantes convidados justificam refe-

rência o eminente professor espanhol Júlio Palácios, o escritor brasileiro e diplomata distinto Cyro dos Anjos, a historiadora Virgínia Rau, anteriormente premiada pelo Clube, o diplomata e escritor Augusto de Castro, o notável escritor e historiador Walter Starkie, o Prof. e agrónomo Sousa da Câmara, etc. Pelos anos 60 foram palestrantes assíduos e sempre escutados com interesse o embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa «sin» Archibald Ross e o embaixador da Suíça, dr. René Naville, escritor de mérito. Homens de letras em destaque, como Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires e outros, acorreram a convites do Clube para falarem sobre temas literários. Vitorino Nemésio foi um dos mais assíduos colaboradores nesta acção cultural, fazendo várias palestras, a última das quais em 8 de Novembro de 1977, pouco antes do seu internamento numa clínica e a algumas semanas do seu falecimento. Escritores brasileiros em funções oficiais em Lisboa, como Odylo Costa Filho e Gladstone Chaves de Meio, franceses como Raymond Warnier e Robert Bréchon, italianos como Ricardo Averini, director do Instituto Italiano em Portugal, trouxeram em várias épocas o seu contributo às jornadas de cultura no Clube. Em anos recentes, o historiador Oliveira Marques, a relevante figura da colónia portuguesa no Brasil e escritor João Sarmiento Pimentel, o dr. Mário Neves, embaixador de Portugal na URSS, o ilustre jornalista Norberto Lapes, o prof. Paulo Pitta e Cunha, o antigo director do Instituto Britânico em Lisboa, Prof. George West, entre outros, fizeram palestras que tiveram repercussão extensa. Em 30 de Julho de 1974 o Prof. Vitorino Magalhães Godinho, então Ministro da Educação e Cultura, participou como orador numa sessão de homenagem póstuma prestada' pelo Clube a Ferreira de Castro. E em 3 de Janeiro de 1978 o Secretário de Estado da Cultura, dr. Oavid Mourão-Ferreira, veio ao Rotary Clube de Lisboa para falar

sobre «Defesa e Valorização do Património Cultural Português».

Esta resenha tem apenas significado indicativo, com inevitáveis omissões injustas. Falou-se atrás das frequentes palestras dos embaixadores Ross e Naville. Mas foram em grande número, nas últimas décadas, os embaixadores e outros membros do Corpo Diplomático acreditado em Portugal que trouxeram ao Rotary Clube de Lisboa, em intervenções sempre oportunas e sugestivas, a sua participação meritória. Estas colaborações culturais de estrangeiros categorizados têm sido, aliás, uma das constantes da política de convivência internacional do Clube, em cumprimento das directrizes do movimento rotário mundial.

Em várias épocas, as palestras, quer de Companheiros quer de convidados, foram organizadas com objectivos de divulgação ampla de interesses gerais. Em 1944, por exemplo, organizou-se e cumpriu-se uma série de palestras sobre regiões e cidades portuguesas, que motivaram largo eco para além do âmbito do Clube, incluindo-se entre os conferencistas o Prof. Marques Guedes, seu associado, e o grande pintor Almada Negreiros, convidado. Outras séries que despertaram interesse significativo foram as realizadas em 1965 sobre Segurança e Rede Rodoviária, em que teve notável destaque a participação do Companheiro general Flávio dos Santos, e, a seguir, sobre Autobiografias Rotárias, com expressivos depoimentos. Em 1977 desenvolveu-se outra série de palestras sobre Conhecimentos Especializados em Problemas de Segurança. Em 1978 estiveram presentes em reuniões do Clube os presidentes de várias organizações de actividades económicas para trazerem os seus testemunhos sobre as questões mais candentes dos respectivos ramos. E, pelo final do ano, teve início uma série de palestras, promovidas pelo presidente em

exercício, almirante Armando Roboredo, sobre actividades literárias e artísticas de Companheiros do Clube.

Ainda em matéria de colaborações internacionais não se deve deixar de fazer menção de rotários estrangeiros representativos que vieram ao Rotary Clube de Lisboa, no decurso das dezenas de anos transcorridas, alimentar o espírito de confraternização e de amizade que é intrínseco ao movimento. A sua menção seria praticamente interminável e, designadamente no que respeita às intervenções de altos dirigentes do **Rotary International**, são-lhes feitas referências em outros passos apropriados deste livro. Por outro lado, tem constituído preocupação mantida ao longo dos anos pelos dirigentes do Rotary Clube de Lisboa o intercâmbio de palestrantes entre Clubes rotários portugueses, que é promovido assiduamente e que tem representado factor primordial de convivência no âmbito do Distrito em que se integram.

Será certamente de interesse, antes de encerrar esta panorâmica tão condensada quanto foi possível do significado cultural das palestras rotárias, recordar as palavras com que as caracterizou, numa reunião em 12 de Julho de 1949, o jornalista e escritor Luís Teixeira, acentuando: «Segundo tenho observado, as condições que definem as palestras são, essencialmente, a **clareza**, a **objectividade** e a síntese. Nada mais idêntico" ao que julgo serem as características ideais da expressão literária nos tempos que correm. Foram-se os enfados declamatórios duma literatura opulenta de embaraços nas galas do estilo e eriçada de caprichosos espinhos idiomáticos ... E poderia dizer-se que o pensamento orientador de um programa de acção para os produtos literários surgiu, de alguma maneira, da evidente lógia deste conceito de Eça de Queirós: «O homem, mentalmente, pensa em resumo e com simplicidade, nos termos banais e usuais». A acção cultural das palestras rotárias tem sido

assim inspirada incessantemente (ressalvadas as inevitáveis infracções) ao longo da sua história. Já em **1963** o Companheiro Carlos Elias da Costa, em apelo aos consócios, insistia em que as palestras não deveriam alongar-se, salvo casos muito excepcionais, para além de 15 minutos, com um período breve seguinte de perguntas e respostas. E acentuou também, na mesma oportunidade, que o sector das palestras «é vital em Rotary». O consenso tem sido unânime neste critério - e as palestras rotárias prosseguem com meritória continuidade a apontar um caminho que é, ao mesmo tempo, de cultura e de companheirismo.

Não se tem circunscrito a este aspecto, aliás primordial, a acção do Rotary Clube de Lisboa nos domínios culturais. As visitas de estudo, de vários géneros e em várias ocasiões, de grupos numerosos de Companheiros, por vezes acompanhados de familiares, constituem também capítulo de interesse. Apenas alguns exemplos servirão para o documentar. Em 1944 houve colaboração do Clube, nesse sentido, com o Grupo «Os Amigos de Lisboa», sendo animadores destacados, por parte dos rotários, o Prof. Queirós Veloso, e pelo Grupo referido o olissipógrafo Gustavo de Matos Sequeira. E em Novembro de 1974 realizou-se, a título de início de uma série prevista, uma visita cultural a Setúbal e Azeitão, centrada em particular no estudo da arte do azulejo, proferindo uma palestra ilustrativa sobre História da Azulejaria em Portugal o prof. Rafael Calado.

Como em outros domínios, a acção do Rotary Clube de Lisboa multiplica-se em várias direcções nos assuntos culturais. O registo de dezenas de anos vai colhendo aqui e ali exemplos representativos. Em 1964, correspondendo a uma iniciativa do Rotary Clube de Viseu - região donde o escritor era natural - os Companheiros de Lisboa deram o seu concurso para a aquisição de um

busto de Aquilino Ribeiro. «que foi glória das letras portuguesas», destinado a ser colocado na casa de campo da Soutosa, onde Aquilino viveu parte da sua vida e escreveu alguns dos seus livros. Em 1967 o Rotary Clube de Lisboa ofereceu ao Instituto Brasileiro de Estudos Portugueses, de Brasília, uma edição completa e dispendiosa do Dicionário de Francisco Inocêncio da Silva. No ano seguinte, por intervenção do Clube, o Instituto de Alta Cultura enviou vários livros e outras publicações para o Rotary Clube de Luederitz, no Sudoeste Africano, como fundo de leitura para centenas de emigrantes portugueses ali residentes. Em 1969 foram atribuídos pelo Rotary Clube de Lisboa prémios apreciáveis a concorrentes portugueses ao Concurso Mundial de Arte do Cartaz.

Em 1976 obteve grande êxito uma Exposição de Arte Infantil em que tomou parte fundamental de iniciativa e organização o Rotary Clube de Lisboa, então sob a presidência do eng. Guimarães Ferreira, e que, como exposição itinerante, foi acolhida e apoiada por diversos Clubes do Distrito Rotário português. Pelo findar daquele ano iniciam-se as diligências do Clube para a colocação de uma lápide, com legendas em português e japonês, na casa onde nasceu o escritor Wenceslau de Moraes, em Lisboa. É dedicada ao escritor lusonipónico a reunião de 24 de Maio de 1977, em jantar com a presença de senhoras envergando os tradicionais «kimonos». Depois de se ter efectuado nesse dia a colocação da lápide. Em 1977-78, sob a presidência do Companheiro dr. Jacinto Simões, o Clube participou activamente na campanha destinada a reunir livros para ofertas às centros de convívio e escolas portuguesas para emigrantes, em vários países, tendo sido reunidos para esse efeito mais de três mil volumes.

As reuniões especiais de homenagem a grandes figuras contemporâneas da cultura portuguesa têm constituído outro aspecto significativo da acção do Rotary Clube de Lisboa neste capítulo. Assim se fez com figuras relevantes como as de Gago Coutinho, Egas Moniz, Francisco Gentil, Hernâni Cidade - alguns deles Companheiros dedicados em vida nas actividades do Clube. Em 1966, quando se celebrava o Cinquentenário de Vida Literária de Ferreira de Castro, o presidente em exercício, dr. Carlos Estorninho, proferiu uma reunião de homenagem ao escritor, que foi recebido calorosamente pelos rotários, tendo declarado então o presidente: «A simpatia humana, a universalidade, que são características dos princípios rotários, estão plenamente exemplificados na vida e na obra de Ferreira de Castro». E pouco antes, em reunião do Distrito de Ofir, afirmara Hernâni Cidade: «Não há entre os escritores portugueses e não sei que possa encontrar-se entre os escritores do mundo, quem melhor do que Ferreira de Castro exemplifique o ideal rotário que nos une». Na reunião de 2 de Julho de 1974, em que foi proclamado Sócio Honorário, o Companheiro Prof. Hernâni Cidade, depois de acentuar a sua fidelidade ao ideal rotário, falou da «perda recente» (falecera em 29 de Junho anterior) «do grande homem e escritor que se chamou Ferreira de Castro, exaltando a sua obra «plena de humanidade». Foi então guardado um minuto de silêncio em homenagem à sua memória. Ainda em 30 de Julho do mesmo ano realizou-se, como já foi atrás assinalado, uma reunião especial de evocação do escritor em que usaram da palavra, entre outras pessoas, o então Ministro da Educação e Cultura, Vitorino Magalhães Godinho e a filha de Ferreira de Castro.

Outras reuniões de homenagem a valores nacionais da cultura que deixaram eco foram as que o Rotary Clube

de Lisboa prestou a Vitorino Nemésio em 25 de Maio de 1967, com a sua presença, e a António Sérgio em 28 de Janeiro de 1969, poucos dias depois do falecimento do grande ensaísta e pedagogo, proferindo um discurso evocativo o Companheiro Hernâni Cidade. E virá ainda a propósito lembrar que na alongada sucessão das palestras semanais do Clube foram muitas vezes evocadas na sua projecção o benefício da Humanidade grandes figuras universais como Einstein, Edison, Baden-Powell e muitas outras.

O inventário foi breve e mais exemplificativo do que exaustivo. Mas talvez dele fique uma imagem sumária do que tem sido a acção do Rotary Clube de Lisboa no domínio dos valores culturais como elemento fundamental de aproximação e entendimento entre os homens naquilo que mais altamente os dignifica.

DEFESA DA POSIÇÃO ÉTICA E CÍVICA.1.1 DO ROTARY

É facto bem conhecido e documentado que o Rotary Clube de Lisboa, como pioneiro do movimento rotário em Portugal, encontrou desde os seus primeiros passos incompreensões, restrições e desconfianças. A ignorância dos objectivos e práticas do movimento e os facciosismos de diversos signos conjugaram-se ao longo dos anos para o envolverem numa atmosfera que, em certos sectores, foi de franca hostilidade. E nem o exemplo continuado da experiência vivida, nem as afirmações reiteradas do espírito e da acção rotárias, nem a índole bem conhecida geralmente das individualidades que aderiram ao Clube desde o seu início conseguiram apaziguar, no decurso do tempo, essa atmosfera de incompreensão. O ambiente modificou-se nas últimas décadas, mas a prova suportada durante prolongados períodos constitui um aspecto da história do Clube que merece ser aqui lembrado.

O movimento rotário foi fundado - seria até escusado repeti-lo - sob o signo da amizade, dos valores morais, da boa-vontade social e humana «sem levar em conta as diferenças raciais, políticas ou religiosas», como acentuou Paul Harris pouco depois da fundação do primeiro Clube. As premissas do acordo na tolerância e na vontade de Servir e da «aceitação incondicional do homem como um **homem** e não como membro de um grupo específico», foram e são - como tem sido acentuado pelo **Rotary International** - «carne e sangue da história do Rotary».

Foi com este espírito que se fundou o Rotary Clube de Lisboa e, intransigentemente, esse espírito tem sido mantido. No entanto, os começos do Clube foram logo envolvidos em suspeitas que se manifestaram em alusões de certas entidades e em obstáculos, não declarados mas latentes, ao seu exercício associativo. Há memória testemunhada de que altas hierarquias religiosas punham objecções à adesão rotária e de que a aprovação de Estatutos, em certas ocasiões, sem encontrar franca recusa, também não obtinha explícita resposta de simpatia. Por volta de 1935 ou 1936 um cónego de Braga publicou um opúsculo sobre Rotary e suas fantasiadas ligações maçónicas. O jornalista e publicista João Paulo Freire, que usava o pseudónimo de «Mário», embora não fosse n»tário mas conhecendo bem a sua orientação, deu-lhe resposta em outro opúsculo que repunha nitidamente a verdade. Pela mesma época ou pouco tempo depois, numa revista de ordem religiosa, desenvolveu-se viva campanha contra o rotarismo. A orientação adoptada pelo Rotary Clube de Lisboa foi sempre a de não dar resposta directa a campanhas inteiramente injustificáveis desse género. A resposta cabal eram o espírito e a acção do próprio Clube, como dos demais que foram entretanto constituídos, bem como a da menção assídua do que ia

ocorrendo pelo mundo rotário em relação a controvérsias desse estilo. Os exemplos são inúmeros: a cada passo se refere nos Boletins do Rotary Clube de Lisboa a lição expressa de altas figuras da Igreja Católica que, nos mais diversos países, manifestavam a sua compreensão nítida e franca da natureza do ideal rotário.

É oportuno citar um exemplo significativo. O Boletim de Janeiro-Junho de 1944 regista a entrevista que o Rotary Clube de Viana do Castelo promoveu com o Padre Joaquim Alves Correia sobre a questão. O eminente autor de *A Largueza do Reino de Deus* era então director e professor do Seminário das Missões do Espírito Santo naquela cidade minhota. As suas declarações foram notavelmente expressivas: «Sei que (o Rotary) é uma associação de confraternização humana, o que é uma bela e nobre aspiração, pois que os homens são de facto irmãos; e se um padre católico dissesse que não, não seria um cristão, e então era difícil saber o que seria o seu catolicismo». E à pergunta: «Acha que não é proibido a um católico ser rotário?», respondeu: «Não acho nada. Sei que há católicos rotários e que não os iria condenar sem provas. Ouvi, com gosto, a notícia de bênção pelo Papa do casamento de um seu sobrinho rotário com uma noiva filha de rotário. E gostei de ler o nobre discurso de Monsenhor Baudrillart, a dizer aos rotários que do coração estava com eles, porque fomentam a paz no mundo com as amizades cultivadas e que ajudam a religião, sem serem uma religião, pelo facto de propagarem duas grandes virtudes que a religião prega: respeito do dever e honra profissional». O Rotary Clube de Lisboa, nessa oportunidade, congratulou-se com tais declarações, que eram por si mesmas uma resposta à campanha movida contra o rotarismo. E não faltaram, nessas e noutras ocasiões, as atitudes pessoais de rotá-

rios a tomarem a posição justa e oportuna perante o delicado problema.

Por essa época havia Estatutos impressos que não podiam deixar dúvidas sobre a índole e os fins do movimento. Entretanto, foram elaborados novos Estatutos, sobretudo com a participação do jurista e Companheiro dr. Fernando Castelo Branco, que foram presentes às estâncias oficiais por outro Companheiro de comprovada dedicação ao Clube: o dr. Mário Madeira, governador-civil de Lisboa durante largos anos.

A campanha anti-rotária, porém, estava longe de extinguir-se. No editorial do boletim de Novembro de 1953, sob o título «Os Católicos e o Rotary» escreveu-se: «Este título tem sido assunto para muitas interrogações e para se lançarem opiniões e interpretações, algumas vezes levianas e até desvirtuando a realidade, chegando-se a admitir uma incompatibilidade espiritual entre a Igreja Católica e o Rotary, incompatibilidade que só pode ser fruto da fantasia ou da mentalidade de homens que não têm espírito rotário nem são católicos. Só o desconhecimento dos objectivos, quer de uns quer de outros, pode admitir uma incompatibilidade onde há tantos pontos de contacto doutrinares». As referências à questão continuaram assíduas nas publicações do Rotary Clube de Lisboa, sobretudo citando palavras e participações de figuras categorizadas da Igreja em actos rotários no estrangeiro.

Por sua vez, na sua «carta mensal» de Governador do Distrito Rotário em Setembro de 1954 o Companheiro ProL Augusto Salazar Leite, então no exercício daquelas funções, dá aos vários Clubes portugueses a notícia de que na Conferência Rotária de Ostende (Bélgica) se realizou uma missa e que o sacerdote católico oficiante fez o elogio da obra e finalidade do Rotary, acrescen-

tando: «Momento de emoção 'foi esse, que nos recompensou do esforço que temos feito para provar a inconsistência de tantos ataques de que temos sido vítimas». Meses depois, em informação sobre a visita de rotários portugueses ao sul da França, assinala-se que o bispo de Tarbes e Lourdes declarou nessa oportunidade: «O Rotary põe em prática a doutrina evangélica». Em Fevereiro de 1956 o Companheiro dr. Carlos Santos proferiu em reunião do Clube uma palestra sobre a posição do Rotary perante a Igreja, citando dezenas de publicações rotárias onde se regista a presença de prelados dos mais diversos países em reuniões rotárias. E, na ocasião, reafirma um convite expresso para que sacerdotes participem nas reuniões do Clube.

O tempo passa mas o tema subsiste. O Boletim de Abril de 1964 reproduz na capa a foto de uma reunião do Rotary Clube do Rio de Janeiro que foi presidida pelo Cardeal D. Jaime Câmara e transcreve a alocução do Cardeal em que este evoca o facto de o Cardeal Montini, então arcebispo de Milão e depois Papa Paulo VI, ter manifestado aos rotários a sua simpatia pelo ideal e pela acção que perfilhavam. A posição do Rotary Clube de Lisboa de não entrar em polémica sobre as erradas interpretações de que o rotarismo era alvo é explicitada no Boletim de Novembro d 1964: «O Boletim, ao transcrever alguns recortes do que se passa noutros países acerca das relações entre Rotary e a Igreja, a evidenciam um clima de dignidade e respeitosa compreensão, limita as suas aspirações a trazer à consciência de quem nos ler a tranquilidade e a certeza do caminho que nós, rotários, pisamos. Que não se ve'ja nisto qualquer espírito de combate: apenas a afirmação, que queremos digna, da nossa atitude».

Ainda um facto significativo: em Dezembro de 1966 o Companheiro Carlos Estorninho informa em reunião do

Clube que o bispo de Macau participou num encontro do Rotary Clube daquela cidade, fazendo na mesma ocasião uma palestra sobre o Concílio Ecuménico Vaticano II em que acentuou a necessidade de «um novo humanismo», indo assim ao encontro do ideal rotário.

A questão, porém, não estava ainda esgotada. No ano rotário de 1967-68, sendo presidente o Companheiro dr. Carlos Elias da Costa, foi admitido como membro, em reunião do Rotary Clube de Lisboa, um sacerdote protestante, Frederik Bronkema, norte-americano de nacionalidade, que dirigia o Campo de Férias de Conciliação Ecuménica, na Figueira da Foz. O presidente lembrou então a conveniência de serem admitidos como sócios do Clube, em conformidade com o seu critério de classificação, um sacerdote católico e um judaico. O próprio presidente procurou e convidou para esse efeito o Padre Leitão, nessa época com funções dirigentes na Juventude Católica, que se mostrou disposto a aceitar o convite. A hierarquia católica, porém não deu a autorização requerida. O mal-entendido subsistia.

No entanto, em 1968 ingressou no Rotary Clube de Lisboa como associado o eminente historiador Padre Silva Rego, proposto e apresentado pelo Companheiro Prof. Hernâni Cidade. E, pouco depois, realizou-se uma palestra em reunião do Clube versando o tema «A Juventude na obra de reconciliação». A velha desconfiança esfumava-se. Mas, efectivamente, só se pôde considerar extinta quando o Papa Paulo VI, pelo final de 1970, recebeu os congressistas do VIII Congresso da ENAEM - área rotária europeia e mediterrânica em que se integra o Distrito Rotário português e em cuja reunião participou nessa data o respectivo Governador, Companheiro eng. Sérgio Medeiros - declarando então;> o Sumo Pontífice em mensagem aos visitantes: «As finalidades do vosso movimento não podem deixar de prender a nossa simpatia».

Citem-se, por fim, dois factos eloquentes da evolução que ao longo do tempo se tinha processado: na reunião de 2 de Maio de 1978 do Rotary Clube de Lisboa dá-se notícia de que, pela primeira vez, um prelado português participou em Portugal num encontro rotário: o arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, esteve presente numa reunião do Clube rotário dessa cidade, proferindo a palestra regulamentar o cónego dr. António Luís Vazo E ainda: que o Bispo de Nampula é rotário inscrito.

Pode-se considerar assim encerrada uma longa de história que foi aspecto relevante na vida do Rotary Clube -de Lisboa.

O ROTARY CLUBE DE LISBOA E A JUVENTUDE

O movimento rotário, desde os seus primórdios e em obediência ao seu ideal humanístico, testemunhou interesse e preocupação constantes com a infância e a juventude. A aspiração de Servir, que o inspira em todos os sentidos, não poderia deixar de voltar-se indeclinavelmente para a melhoria de condições de vida e futuro de vida, sob todos os aspectos, das gerações que serão as portadoras da continuidade do género humano na esperança intérmina da sua melhoria. Na excelente edição **Rotary no Mundo**, publicada em várias línguas (incluindo o português), pelo **Rotary International** em 1975, escreve-se significativamente: «O Rotary tem sempre auxiliado a geração seguinte. Os Rotary Clubes patrocinam o escutismo para meninos e meninas, mantêm AGM, clubes de meninos, clubes de jovens, acampamentos de Verão, parques de diversão, piscinas e parques; concedem empréstimos e bolsas de estudo a estudantes e para treinamento técnico, proporcionam orientação sobre carreira profissional, concursos de com-

posição e exposição de arte para incentivar jovens talentosos. Milhares de estudantes secundários cruzam as fronteiras internacionais, anualmente, para excursão ou estudo no estrangeiro, sob os auspícios do Rotary. Por vários anos, milhares de estudantes têm continuado seus estudos superiores no estrangeiro, graças à Fundação Rotária, a qual recentemente estendeu o seu programa para incluir actividades não-acadêmicas, visando aumentar a compreensão internacional». E acrescenta mais adiante, depois de acentuar a missão dos **Interacts** (organizações de patrocínio rotário para jovens do ensino secundário) e dos **Rotaracts** (para jovens dos 18 aos 28 anos):

«Todas estas actividades contribuem para a unção de rotários e jovens, de maneira que a frase «Serviço Pró-Juventude», frequentemente usada hoje em dia, pode ser substituída por «Serviços com a Juventude», que é especialmente apropriada para as décadas dos anos 70 e 80. Esta nova expressão identifica-se com algumas das características da nossa época: a crescente sensibilidade dos jovens para com a injustiça, a dor, os valores desumanos do seu mundo; a sua compaixão e prontidão para agir, a sua própria vulnerabilidade para com as influências do mal e a pressão dos impactos opressivos; e a exigência de participar no planeamento de um mundo melhor».

A extensão dos trechos transcritos foi deliberada: estas considerações põem em devido relevo a importância da missão dos clubes rotários nos serviços à juventude, no inquieto século XX e em acelerada transformação do mundo. Conviver com a juventude, ouvi-la, ajudá-la nas suas aspirações, aproveitar os seus valores, auxiliar as suas instituições, estimular o seu idealismo e generosidade - são imperativos rotários universalmente aceites e praticados sob formas inúmeras.

O Rotary Clube de Lisboa, desde a sua fundação, integrou-se plenamente neste espírito e nestas intenções do rotarismo mundial e tem actuado em conformidade. sob as modalidades mais diversas. Nos capítulos desta História breve referentes à acção filantrópica, à acção cultural e ao contributo bás'co para a Fundação Rotária Portuguesa encontram-se alusões diversas às actividades em prol da infância e da juventude - e, com frequência, também, no esboço da história geral do Clube. Mas há mais - e irrecusavelmente importante - a mencionar nas páginas condensadas deste livro.

Cumprirá referir, em primeiro lugar. a colaboração prestada pelo Clube à Rotary Foundation (Fundação Rotária Internaciona I) cujos fundamentos foram lançados em 1917, na Convenção de Atlanta (Estados Unidos), que tomou incremento activo e organizado a partir de 1928 e que recebeu impulso mundial poderoso desde 1947. quando foi posto em marcha um vasto programa para estudos de pós-graduação em homenagem à memória de Paul Harris. fundador do movimento rotário. O Rotary Clube de Lisboa tem contribuído para os fundos da instituição com verbas consideráveis, cuja proporção tem merecido repetidos louvores do organismo central; e foram em número apreciável os jovens portugueses que beneficiaram das bolsas e apoios da prestimosa instituição rotária internacional, contando-se entre eles figuras destacadas, que o vieram a ser profissionalmente, na sociedade portuguesa. No entanto, não deve deixar de ser assinalado - como foi em várias circunstâncias por Companheiros devotadamente consagrados a este sector da acção do Clube, justificando particular destaque, nesta perspectiva, para o Companheiro ~ng. Sérgio Medeiros - que as possibilidades oferecidas a jovens portugueses pela Rotary Foundation não têm sido muitas vezes devidamente aproveitadas, apesar do esforço de-

envolvido nesse sentido. As possibilidades são amplas e a utilização delas poderá constituir aspecto importante da acção em constante crescimento dos Clubes rotários portugueses.

Também os intercâmbios convivenciais de jovens no plano internacional têm constituído campo de actividade incessante do Rotary Clube de Lisboa, afirmando-se nele a boa-vontade e muitas vezes o sacrifício de tempo e trabalho de alguns Companheiros. O exemplo, aliás, vinha de longe: desde que em 1927 o Clube iniciou, por incentivo principal do eng. Carlos Garcia Alves, o seu apoio à Associação Cristã da Mocidade, várias iniciativas foram postas em marcha e realizadas com êxito no intercâmbio de jovens. Os empreendimentos do género sucederam-se ao longo dos anos e só foram interrompidos ou, em certos casos, mais dificultados, pelas graves perturbações internacionais que assinalaram o decénio de 1936 a 1945. Regista-se, entretanto, que na Carta Mensal do Governador do Distrito Rotário português de 15 de Abril de 1955 é assinalado o incremento das «trocas de juventude» que continuavam a processar-se: os 'jovens estrangeiros em casas de famílias de rotários portugueses e vice-versa. Em Setembro do mesmo ano foi proposto que a Direcção do Clube organizasse no ano seguinte um campo de férias para filhos de rotários estrangeiros. E, na mesma reunião, um participante português na Reunião de Juventude efectuada pouco antes, em Cheltenham, na Inglaterra, proferiu uma palestra sobre as impressões de admirável camaradagem ali colhidas, acentuando: «Iniciativas como esta contribuem para a boa colaboração internacional e para o melhor conhecimento do nosso País no estrangeiro»,

A organização dos intercâmbios juvenis progrediu por essa época, como se confirma, a título de exemplo, na Comunicação dirigida em 22 de Março de 1956 pelo

Companheiro dr. Bernardo Mendes de Almeida, então presidente da Comissão de Juventude do Distrito, aos presidentes, secretários e encarregados de trocas de juventude dos Clubes rotários portugueses, em que apresenta extenso relato das ofertas de outros Distritos no estrangeiro para acolherem jovens portugueses. Estas comunicações, de certa altura em diante, tomam carácter de continuada regularidade, com evidentes benefícios.

É sobre membros do Rotary Clube de Lisboa que tem recaído mais frequentemente a escolha para as funções de presidente da Comissão Distrital de Auxílio à Juventude, cujas actividades se têm desenvolvido principalmente no fomento do intercâmbio internacional de jovens entre o Distrito rotário português e os restantes países da Região rotária ENAEM (Europa, Norte de África e Mediterrâneo Oriental). Há, pelo menos, cerca de uma década e meia que essa missão tem competido a Companheiros do Clube de Lisboa: prof. dr. Pierre Laurent, prof. dr. Salazar Leite, eng. Sérgio Medeiros, dr. Mário Gomes e, de novo, eng. Sérgio Medeiros. E, efectivamente, para além dos cruzeiros de férias organizados pelo Comité Franco-Português, é durante o já longo período de actuação do Companheiro eng. Sérgio Medeiros que este intercâmbio se tem processado com maior regularidade, quer pela participação sistemática de vinte, trinta ou mais jovens portugueses em Campos ou Cruzeiros de Férias de outros países da ENAEM, quer pela realização de Campos e Cruzeiros em Portugal. Nestes últimos têm participado anualmente cerca de vinte jovens dos vários países da Região, em atmosfera de acolhimento e confraternização cujos resultados para o prestígio do nosso país não precisam de ser encar'ecidos.

Por outro lado, pode-se dizer que é também por forma sistemática que o presidente da Comissão do Distrito rotário português para a juventude tem compa-

recido e cooperado nas Conferências anuais dos Delegados Nacionais para o Intercâmbio de jovens da referida Região rotária, que vão sendo realizadas sucessivamente nos países que a constituem. Esta colaboração fecunda com os Delegados Nacionais mencionados consolidou-se, em especial, a partir da realização em Lisboa, de 25 de Setembro a 3 de Outubro de 1969, da sua Conferência anual, a que já se fez atrás passageira referência. A Conferência foi organizada pelo eng. Sérgio Medeiros, que teve na oportunidade a valiosa ajuda dos Companheiros prof. dr. Augusto Salazar Leite e dr. Mário Gomes, concentrando assim em membros do Rotary Clube de Lisboa o cumprimento da importante missão assumida. No decurso do encontro teve lugar uma reunião magna num dos hotéis de Lisboa, com a presença de senhoras, participando nela, além dos Delegados estrangeiros vindos de **15** países, Companheiros de vários clubes do Distrito rotário português e, designadamente, dos Rotary Clubes de Lisboa, Lisboa-Norte e Lisboa-Oeste.

Anote-se, ainda, que o Rotary Clube de Lisboa fez em Janeiro de 1972 a aquisição de «Títulos de Férias» dos Clubes de Campo da Associação Cristã da Mocidade, pelos quais passou a dispor da prerrogativa de proporcionar **15** dias de férias em cada ano a mais de uma dezena de jovens que não tenham outros meios para gozar delas.

Sará altura de fazer menção do Rotaract. O primeiro clube do género em Portugal, agrupando jovens entre os 18 e os 28 anos, quer estudantes de cursos superiores, quer revelados em qualidades morais e profissionais noutras actividades, foi constituído em Matosinhos. Pelos anos 60, o Rotary Clube de Lisboa tomou a iniciativa de promover a constituição de um clube desse género em Lisboa, apadrinhando-o conjuntamente

com outros Rotary Clubes já existentes na capital. Feitas as diligências necessárias, o Rotaract Clube de Lisboa foi reconhecido oficialmente pelo Rotary Internacional e recebeu a Carta oficial de reconhecimento em Maio de 1969. O clube rotário de jovens tem dado provas de companheirismo e de acção cívica em muitas circunstâncias. Entre vários factos significativos cite-se o de um grupo de jovens rotaractistas se ter alistado espontaneamente nos Bombeiros Voluntários de Lisboa, com o objectivo de prestar através desta instituição de consagrada utilidade pública mais directos serviços à comunidade, em cumprimento do ideal rotário. Anote-se, por fim, que em 4 de Maio de 1979 se realizou com brilhantismo a festa comemorativa do 10.^o aniversário do Rotaract Clube de Lisboa, que o Rotary Clube de Lisboa continua a apadrinhar, estando presente uma representação significativa deste último em que se incluiu o presidente em exercício, almirante Armando Roboredo.

Os auxílios à infância proporcionados desde o seu início pelo Rotary Clube de Lisboa estão documentados no capítulo específico consagrado à acção assistencial, bem como no relato sumário da história do Clube. No mesmo modo, os apoios à juventude, designada mente através da concessão larga de bolsas de estudo, tiveram já referências pormenorizadas em outros capítulos deste livro - e, especialmente, a partir de 1959, no que é consagrado à Fundação Rotária Portuguesa. Vem de muito antes, todavia, a acção do Clube nesse domínio, como se sabe por testemunhos pessoais evocativos respeitantes aos primeiros decénios do seu passado, além de que outras realizações beneméritas foram promovidas à margem nas actividades da Fundação. Recordar-se, a propósito, que em palestra proferida na reunião de 9 de Agosto de 1949, o Companheiro dr. Raul Carmo e Cunha, que no ano de 1946-47 exercera as funções

de presidente do Clube, dissertou largamente sobre a acção rotária internacional no domínio das bolsas de estudo para jovens, formulando um apelo que encontrou largo aplauso: «Que todos os rotários que sejam patrões de gente moça, na oficina, na fábrica, nos escritórios, se constituam seus amigos e conselheiros».

Foi com esse espírito que o movimento de apoio do Clube aos jovens em todos os aspectos e, sobretudo, no das bolsas de estudo escolares, foi tomando crescente amplitude. Em Dezembro de 1950 o Rotary Clube de Lisboa concedeu pela primeira vez um prémio em dinheiro ao aluno mais altamente classificado do Instituto Superior Técnico. Em Maio de 1951 foi entregue também um prémio a aluno qualificado da Faculdade de Direito de Lisboa. E as iniciativas sucederam-se nesse capítulo, quer por decisão colectiva do Clube quer por iniciativa pessoal e muitas vezes anónima dos seus membros. Em Julho de 1963, por exemplo, um Companheiro que quis conservar o anonimato fez um donativo especial de 5 contos para ser distribuído por estudantes pobres. Em Dezembro de 1964 fez-se a entrega de prémios instituídos pelo Clube a estudantes das escolas de «A Voz do Operário» melhor classificados. Em Julho de 1972 o presidente em exercício, Companheiro eng.^o Hélio Paulino Pereira, anunciou no programa da sua Direcção a criação de bolsas no valor de alguns milhares de escudos cada uma para serem atribuídas a alunos finalistas da Universidade de Lisboa, propondo que a tais prémios fossem dados os nomes de antigos Companheiros que se distinguiram na vida do Clube e do País: Prémio de Medicina Dr. Edmundo Lima Basto; Prémio de Engenharia 'Eng.^o Carlos Garcia Alves; Prémio de Economia Dr. Beirão da Veiga; Prémio de Direito Dr. Fernando Castelo Branco; Prémio de Letras Dr. Quei-

rês Veloso; e ainda outro, de idêntico valor, para o melhor desportista do ano tendo como patrono Carlos Gonçalves.

Regista-se ainda, como significativa, a oferta de três bolsas de 5 contos cada uma por três Companheiros do Clube, em homenagem ao Prof. Lima Basto. E, em AbrH de 1975, a entrega de um donativo do Clube ao presidente da Sociedade Promotora de Escolas-Oficinas n.º 1, com destino a prémios que seriam concedidos a alunos melhor classificados e necessitados daquela instituição.

Entretanto, a ideia da Fundação Rotária Portuguesa seguiu o seu curso, historiado em outro capítulo, dando forma organizada e sistemática, com o concurso facultativo de todos os Clubes rotários do País mas com participação sempre predominante do Rotary Clube de Lisboa, à distribuição de bolsas rotárias. Quando se realizou a XII Conferência do Distrito Rotário 176, em Lisboa, de 9 a 11 de Maio de 1958, em organização integral do Rotary Clube de Lisboa, uma das sessões de trabalhos tomou a designação de «Forum» sobre o auxílio à juventude escolar no Distrito Rotário Português. A análise então realizada do tema e as conclusões adoptadas contribuíram para que se concretizasse, no ano seguinte, a instauração da Fundação Rotária Portuguesa, cuja obra é testemunho eloquente, entre os mais - mas com notável relevo - da acção desenvolvida e sustentada nestas matérias pelo Rotary Clube de Lisboa.

A CONVIVÊNCIA INTERNACIONAL

É da essência do espírito rotário não só a convivência entre homens de todos os países, raças e crenças, como o cultivo da amizade, da compreensão e da soli-

riedade à mais larga escala humana. O rotarismo não é internacionalista por doutrina, no sentido de repúdio da adesão de cada homem à nação a que pertence, como geralmente tal doutrina é entendida, mas é um movimento essencialmente internacional e, no plano das relações humanas directas, francamente cosmopolita. Nada disso exclui, evidentemente, a fidelidade nacional e patriótica de cada rotário ao seu país. O Manual do Processo, publicado pelo Rotary International em 1978 e editado, além de outras línguas, em português, acentua expressamente esta declaração de princípios formulada na Convenção Internacional de St. Louis: «O Rotary International espera que todo rotário ordene sua vida quotidiana pessoal e actividades comerciais e profissionais de maneira que seja um cidadão leal e servidor do seu próprio país». Mas, em outro passo, o Manual

(que é o guia-padrão das organizações e comportamentos rotários, individuais e colectivos) esclarece nitidamente: «Como rotário de mentalidade universal, os seus interesses irão além do patriotismo nacional e compartilhará a responsabilidade para o desenvolvimento da compreensão, da boa-vontade e da paz internacionais; resistirá a qualquer tendência para agir em termos de superioridade nacional ou racial; procurará encontrar e desenvolver bases comuns para chegar a acordo com os povos de outras nações» (pp. 210-211). Por outro lado, na edição Sete Caminhos da Paz, de 1959, escreve-se também, expressivamente: «O caminho do patriotismo, para o rotário, longe de ser um obstáculo, constitui base para os serviços internacionais. Conduz a uma amizade mais ampla, cimentada no respeito e estima mútuos. O rotário acredita não haver contradição entre o patriotismo e o conceito internacionalista, do mesmo modo que ser um bom pai de família e um digno cidadão da sua comunidade».

Estes os princípios e este o «espírito» no Rotary.

As incompreensões que por vezes o têm atingido, não só em Portugal como em muitos outros países, não afectam a sua inflexível essência. E a prática histórica, ao longo de 75 anos de movimento rotário, não alteram nem deformam a sua fisionomia. Cada um dos 18081 Clubes rotários e cada um dos seus 843 500 associados - que tantos eram os registados na estatística de Junho de 1979, abrangendo 152 países e regiões geográficas - por imperativo a mentalização e a prática nestes conceitos basilares do rotarismo.

O Rotary Clube de Lisboa testemunhou desde os primeiros passos a compenetração plena de tais princípios e por eles tem norteado uma acção e uma presença vivas na sociedade portuguesa. Na sua reunião preparatória em 16 de Dezembro de 1925, no acto de entrega pelo Rotary **Int6rnational** da sua Carta Constitucional, na sua primeira Direcção incluíram-se logo cidadãos estrangeiros residentes em Lisboa. Muitos outros, contando-se certamente por algumas centenas no decurso dos decénios transcorridos, integraram-se no seu seio e cumpriram exemplarmente como continuam a cumprir, a missão rotária.

São numerosos e significativos os aspectos da actividade do Clube - como dos demais - em que se afirma o sentido de convivência e de amizade internacionais que o Rotary pertilha. O primeiro é o já referido da participação de numerosos estrangeiros na comunidade dos Companheiros. Em vários casos, têm sido presidentes eleitos do Clube, como foi o caso do cidadão francês Maxime Vaultier no ano rotário de 1953-54, o do cidadão belga eng.º Emmanuel Michez no de 1954-55 e o do cidadão alemão Hermann Umbreit no de 1979-80. Muito deve o Rotary Clube de Lisboa - e, através dele, o nosso País, nas suas

actividades de projecção social e cultural - a esses Companheiros oriundos dos mais diversos quadrantes do mundo. É um mínimo dever que se cumpre prestando-lhes aqui esta homenagem que, de algum modo, representa uma homenagem de Portugal.

Durante sucessivas décadas, o Rotary Clube de Lisboa tem mantido a tradição de dedicar as suas reuniões, com frequência, aos Dias Nacionais dos países dos quais haja associados entre os Companheiros. A sua resenha seria incomportável no espaço desta publicação. Cabe assinalar, apenas, que quase sempre tais reuniões consagradas a este ou aquele país têm contado com a presença dos Embaixadores ou outros altos representantes diplomáticos dos países homenageados, que na maioria dos casos proferem palestras sobre as suas perspectivas nacionais e, assiduamente, sobre as relações deles com Portugal. Muitas das reuniões desse género tiveram ampla repercussão, contribuindo valiosamente para a projecção de Portugal no mundo. Não se deve deixar sem referência especial a assiduidade dos encontros rotários dedicados ao Brasil, como país-irmão da comunidade lusitana.

Outro aspecto de grande relevo na vida rotária é a presença nas reuniões de Companheiros rotários vindos de outros países e de passagem em Lisboa, que assim traduzem a permanência da confraternização essencial no movimento. Em 1966, num discurso do presidente Carlos Estorninho alusivo à Semana da Compreensão Mundial promovida à escala do mundo rotário pelo **Rotary International**, foi acentuado que, anualmente, são em média de três a quatro centenas os visitantes estrangeiros que participam nas reuniões do Rotary Clube de Lisboa e com os quais, por via de regra, são trocados galardões dos Clubes respectivos. A troca de galardões constitui, habitualmente, um dos momentos de maior

interesse e significado nas reuniões do Clube, motivando manifestações de cordialidade universalista. Contam-se por milhares, consequentemente, essas permutas de insígnias clubistas, em mais de meio século de existência da agremiação.

No âmbito da cooperação com o **Rotary International**, com a organização da Região ENAEM (Europa, Norte de África e Mediterrâneo Oriental) e com Distritos ou Clubes estrangeiros, o relato condensado nestas páginas dedica-lhes as referências devidas em vários passos da história geral do Clube. Alguns aspectos e casos, no entanto, justificam menção especial neste breve capítulo. Um deles é o da acção excepcional desenvolvida na sucessão de muitos anos pelo Comité Franco-Português, promovendo as mais diversas formas de convivência e cooperação. As permutas de visitas colectivas de rotários portugueses a França e franceses a Portugal, os intercâmbios de jovens, entre outras, foram formas concretas de confraternização que se tem ficado a dever ao Comité. Em Dezembro de 1972, por exemplo, a revista «Le Rotarien» publicou uma edição especial comemorativa do desenvolvimento das relações entre os dois países, com colaborações de rotários portugueses e franceses. Na reunião do Rotary Clube de Lisboa de 15 de Novembro de 1977 foi anunciado que os rotários franceses, no âmbito da acção do Comité Franco-Português, estão interessados em colaborar em planos concretos de interesse público para Portugal, incluindo ofertas de equipamentos médicos, medicamentos especiais, material didáctico, etc., bem como na organização de estágios profissionais para quadros e especialização de pessoal técnico português. Entretanto, o Distrito francês 170 ofereceu ao Rotary Clube de Lisboa um microscópio com fluorescência, que por este foi entregue ao Hospital de Santa Cruz, onde a sua utilização será de alto interesse.

Outros Comités para relações externas têm prestado, igualmente, serviços de realce na cooperação rotária. Regista-se, a propósito, que no exercício de 1978-79 o Rotary Clube de Lisboa mantinha em funcionamento 11 Comités desse género: além do Luso-Francês já mencionado, um Comité Luso-Brasileiro, um Luso-Italiano, um Luso-Espanhol, um Luso-Alemão, um Luso-Suíço, um Luso-Holandês, um Luso-Britânico, um Luso-Belga, um Luso-Americano e um Luso-Sueco. A esses órgãos de cooperação internacional vão sendo devidas variadas iniciativas e uma continuidade de relações que tendem a dilatar-se em sentidos úteis para a convivência rotária.

Nos contactos do Rotary Clube de Lisboa, a mais alto nível, com o **Rotary International** não se pode deixar de salientar a acção continuada e prestigiosa de alguns Companheiros que a essa missão têm dedicado o melhor esforço. Nos primeiros decénios da vida do Clube foi notável, nesse sector, o papel do eng.^o Ernesto Santos Bastos, que em dada altura lhe mereceu (como se registou atrás) a designação para as funções de Director da organização internacional. Prosseguiu-o o Companheiro prof. dr. Augusto Salazar Leite, que em 1953-54, como já atrás ficou também assinalado, foi eleito para o cargo de Director do **Rotary International** e em 1954-55 para o de Vice-Presidente, sendo designado em várias ocasiões representante do Presidente em reuniões rotárias internacionais. Idênticas representações foram confiadas, em diversas épocas da vida do Clube a outros Companheiros, como o dr. Bernardo Mendes de Almeida, Augusto Serras, Sérgio Medeiros, etc. E é de acentuar em especial, igualmente, a acção do Companheiro dr. Carlos Estorninho que, depois de ter exercido diversas funções de projecção internacional, exerce actualmente as de membro da Comissão de Expansão do **Rotary International**, monitor do Grupo de Governadores indicados de língua portuguesa na assembleia internacional rotária

e «leader» do Grupo de língua inglesa da reunião conjunta regional dos Distritos das Ilhas Britânicas e da ENAEM. Graças a esses e, em várias épocas, a outros devotados Companheiros, tem o Rotary Clube de Lisboa, continuamente, mantido e robustecido um crescente prestígio à escala do mundo rotário internacional. Uma das suas representações mais significativas tem sido a visita a Lisboa, em repetidas ocasiões, de altos dirigentes do Rotary International, como se documenta ao longo desta História Breve.

As contribuições regulares para o Rotary International, para a Rotary Foundation e para acções diversas que, no decorrer dos anos, têm sido promovidas à sua larga escala mundial, ultrapassando desde há muito o mínimo requerido pela adesão simples do Clube ao movimento, constituem igualmente motivos de prestígio para o primeiro Clube rotário português nas suas actividades de mais de meio século. Do mesmo modo, nunca tem sido descuidado o esforço de expansão em Portugal da revista «The Rotarian», órgão mundial do Rotary. Diversas palestras - em que se destacam, pela frequência, as do Companheiro dr. Carlos Estorninho têm posto em relevo o significado da difusão ampla da revista, como expoente de convivência e cooperação internacionais. Em 1970 numa das referidas palestras, lembrava aquele Companheiro que «The Rotarian», então com uma tiragem da ordem dos 700 000 exemplar-es, deveria ser lida ou compulsada por cerca de 120 milhões de pessoas em todo o mundo. Lembra-se, a propósito, que na sua edição de Outubro de 1976 «The Rotarian» publicou uma crónica sobre o Rotary Clube de Lisboa, enaltecendo os seus serviços e, na ocasião, em especial, a organização da Exposição' de Trabalhos de Intercâmbio de Arte Infantil, realizada pelo Clube em colaboração com o Rotary Clube de Lisboa-Oeste.

Um caso muito especial da actuação do Rotary Clube de Lisboa no plano internacional foi o do esforço empenhado na ressurreição do Rotary em Espanha, destruído em consequência da Guerra Civil e mantido em banimento depois dela. Durante anos sucederam-se as diligências junto das entidades oficiais do país vizinho para que fosse autorizada a reconstituição do rotarismo espanhol e, particularmente, do Rotary Clube de Madrid, que foi o «padrinho» do Rotary Clube de Lisboa no ano distante de 1926. Em Junho de 1977, finalmente, ressurgiu o Clube madrilenho, então com 30 membros, dos quais apenas 3 sobreviventes dos últimos Clubes rotários que existiam em Espanha antes da guerra.

Nesta acção de mérito, que teve considerável repercussão internacional, desempenharam, desde os primeiros passos, papel de primacial relevo alguns membros, do Rotary Clube de Lisboa. Mais de 20 Companheiros portugueses estiveram presentes no Acto de entrega da nova Carta Constitucional ao reconstruído Rotary Clube de Madrid. Na reunião do Rotary Clube de Lisboa de 31 de Janeiro de 1978 esteve presente Gerd Scheffel, representante do Clube madrilenho, que descreveu as condições em que pôde concretizar-se a sua reabertura, prestou homenagem aos esforços despendidos pelos companheiros portugueses com esse objectivo e convidou os Companheiros do Clube lisboeta a visitarem em ampla embaixada - e sempre que possível a título individual ou de grupo - o Clube rotário de Madrid.

Os «emparceiramentos» com outros Clubes rotários estrangeiros, as visitas assíduas de bolseiros estrangeiros da **Rotary Foundation** que trouxeram os seus depoimentos p-essoais em palestras sempre escutadas com interesse, as representações prestigiadas em Cónvenções e outras reuniões do **Rotary International** no estrangeiro, o acolhimento a individualidades representativas do

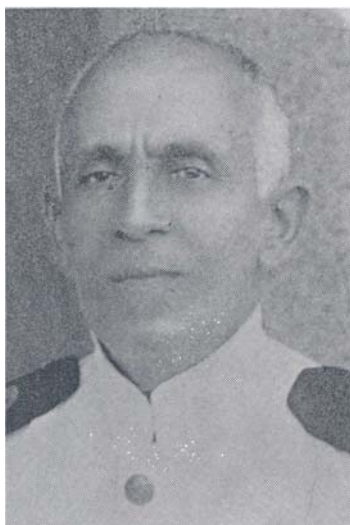
mundo rotário e a grupos, muitas vezes numerosos, de rotários de outros países em excursão, além de múltiplos aspectos que se documentam em diversas passagens deste relato, testemunham a constância e a largueza da acção do Rotary Clube de Lisboa no âmbito das relações internacionais. O voto formulado por Paul Harris, fundador do movimento - «o Rotary tem demonstrado satisfatoriamente que a amizade pode facilmente atravessar as fronteiras nacionais» - tem exemplo que o consagra na história semi-secular do Rotary Clube de Lisboa.

Conclusão

No final do ano rotário de 1978-79 o movimento está em plena expansão no mundo, com o caminho à vista para atingir duas dezenas de milhar de Clubes e um milhão de associados. É a vitória expressa em números de uma ideia generosa que rompeu a marcha há 75 anos a partir de um pequeno grupo de homens de boa-vontade e irradiou universalmente porque continha os germes da adesão aberta a outros homens de boa-vontade, sem distinções de raças, de credos e de interesses. A escala mundial, Rotary registou em 1978-79 o ingresso de 365 novos Clubes em 47 países e regiões geográficas diferentes, como vaga que se avoluma pela amplitude e coerência do seu próprio movimento. Paul Harris, o fundador do Rotary que veio a germinar em universalidade, ao plantar as primeiras «Árvores da Amizade», proclamou a sua esperança de que as sementes dessas árvores fossem levadas pelo vento a solo fértil e pudessem no futuro servir a Humanidade com os seus frutos, com o cerne da sua madeira, com a sua sombra protectora.

12.

*Almirante
Gago Coutinho*



*Professor
Egas Moniz*

-sócios honorários do Rotary Clube de Lisboa.

Portugal foi, desde 1925-26, um desses terrenos férteis em que o movimento rotário lançou raízes fecundas, dando forma positiva à aspiração de futuro sob cujo signo nascera. Os fundadores do Rotary Clube de Lisboa, primeira agremiação portuguesa no quadro do movimento, se ainda continuassem na vida, e os que continuaram ao longo dos anos a sua mensagem, podem orgulhar-se da sua sementeira: pouco mais de meio século decorrido sobre a decisão pioneira, estão constituídos em Portugal 52 Clubes rotários, contando mais de 1500 associados. Durante o ano rotário de 1978-79 foram criados mais 9 Clubes e algumas centenas de novos rotários vieram alinhar no movimento, a consagrar a sua continuidade numa expansão que não cessa.

O relato que se desenrolou nas páginas precedentes, a documentar a evolução e a história do mais antigo Clube rotário português, contém implícita a justificação dessa força ascendente que conduz o rotarismo, em Portugal como no mundo, a um crescimento tão auspiciosamente prosseguido. Aqui se condensou a súpula duma experiência humana progressivamente dilatada que, a partir do Companheirismo de um grupo, se projectou em múltiplas direcções de solidariedade e de acção nos mais diversos domínios, desde os sociais aos culturais, desde a ajuda na doença e na velhice ao largo estímulo assegurado a gerações sucessivas de jovens. Há largos anos, num editorial não assinado do boletim do Rotary Clube de Lisboa datado de Dezembro de 1936, escrevia-se:

«São variadas as opiniões sobre se a nossa actuação deve apenas incidir na forma, no desejo e na constância duma convivência amiga, deferente e amável, ou se mais eficientemente deve juntar a esse belo desígnio o esforço de que seremos capazes num conjunto

esplêndido de acção pronta, imediata e útil em favor duma ideia que eduque e nobilite, em benefício duma obra que marque discretamente o nosso apego à benemerência, em holocausto à ambição louvável de conseguir melhor ordem na vida, para que a disciplina voluntária seja o mais perfeito espírito de solidariedade (3 de paz entre os homens».

Foi este segundo rumo, mais largo e mais generoso, como se deixou amplamente testemunhado, o que o rotarismo português, na esteira do movimento mundial, perfilhou e continuou. A amizade como condição para melhor Servir; a aplicação desse ideal a um largo âmbito de altruísmo em cujo esforço humanitário se integram, por voluntário voto, todos os que aderem ao movimento; a passagem do individual ao universal, numa cadeia que vai do comportamento de cada um, na esfera pública e privada, ao de uma comunidade que já abrange no mundo perto de um milhão de pessoas - é o depoimento de experiência vivida que se desvenda nestas páginas. O Rotary Clube de Lisboa é o elo de uma cadeia que se alonga pelo mundo e cujos frutos se multiplicam indefinidamente. Recorda-se que um antigo presidente do **Rotary International**, que foi um dos seus mais notáveis dirigentes, declarou em mensagem divulgada no exercício dessas funções: «O indivíduo fica obrigado ao ideal de Servir quando se torna membro de um Clube rotário; o Clube é obrigado pelo mesmo ideal quando se torna membro do **Rotary International**; e o **Rotary International**, por sua vez, fica obrigado a cumprir um idêntico ideal de Servir quando aceita um Clube como seu membro, dando a este, assim como aos seus sócios, todo o auxílio de que possam vir a precisar».

Integrado neste espírito, cumprindo-o com a maior largueza que os seus meios lhe consentem, difundindo

os seus serviços à comunidade humana de que faz parte, o Rotary Clube de Lisboa, hoje como em 1925-26, assume um pensamento e uma vontade de missão, na certeza de que ela será prosseguida pelo tempo adiante e que o seu futuro será a melhor consagração do seu passado.

Breve histoire du Rotary Club de Lisbonne

Le mouvement rotarien mondial, fondé en 1905 à Chicago (Hats Unis d'Amérique du Nord), conquiert au cours des années suivantes une large extension qui s'accrut puissamment dès la fin de la 1^{ère} Guerre Mondiale. En 1921, lorsque fut enregistrée la constitution du Club n^o 1000, la première société du genre en Europe continentale avait déjà été organisée à Madrid. À son exemple et sous le patronnage de ce Club, se firent, en 1925, les premiers pas pour l'introduction du mouvement au Portugal. Le Rotary Club de Lisbonne fut constitué le 23 janvier 1926 par un groupe de 23 membres fondateurs et reçu l'agrément (la carte constitutionnelle); il entra immédiatement en fonction selon les Statuts-modèles établis pour tous les clubs, par le Rotary International. Le compagnonnage, les réunions hebdomadaires, les causeries amicales et de diffusion culturelle se conjuguèrent, sitôt après, avec une action qui alla s'amplifiant en activités sociales d'intérêt philanthropique et en multiples contacts internationaux.

Ce fut dans une ambiance parfois difficile, marquée par l'incompréhension de ses buts et de l'esprit qui l'animait, que le Rotary Club de Lisbonne élargit son

cadre social. Il encouragea et patronna la création de plusieurs autres clubs au Portugal - notamment celui de Porto qui fut le deuxième -, traversa les années difficiles de la Guerre Civile d'Espagne et, tout de suite après, celles de la II^e Guerre Mondiale, sans interrompre ses activités locales ainsi que ses réalisations culturelles et de bienfaisance qui se multiplièrent dans les directions les plus diverses. Ce fait que le Portugal se tint en dehors du conflit mondial, l'activité déployée par le Club fut particulièrement importante en faveur des réfugiés qui affluèrent dans le pays. Dès la fin de la guerre les contacts internationaux du Club se rétablirent et prirent un essor considérable qui se manifesta, notamment, dans les actions en faveur de la jeunesse et en stimula les échanges par l'accueil continu à Lisbonne de personnalités et de groupes rotariens étrangers, de même que par les missions de rotariens portugais en divers pays. L'assistance prêtée par le Club se fit tout particulièrement sentir par l'appui aux institutions en faveur des aveugles (fondation et développement du Centre Helen Keller), par la lutte contre le cancer, par l'action au profit des enfants, des colonies de vacances et sous forme de subsides et de bourses destinés aux étudiants, etc ... Le Rotary Club de Lisbonne maintint, en permanence presque continue, un bulletin qui a été l'instrument de diffusion et de promotion de l'idée rotarienne, de contact avec d'autres groupes nationaux et étrangers et d'appui à sa disponibilité au service de la communauté.

En 1946 fut constitué le District Rotarien Portugais portant le n^o 62, dans l'organisation et le développement futurs duquel se distingua toujours le Club pionnier de Lisbonne. Le District prit le n^o 176; il comptait à ce moment, soit en 1957, 17 clubs en activité dans tout le pays, et en 1977, ayant changé une fois de plus,

il prit le n^o 196. Entretemps, le Rotary Club de Lisbonne continua à développer progressivement ses activités sociétales, culturelles et philanthropiques. En 1959, toujours grâce à l'impulsion et à l'appui financier prédominants du Rotary Club de Lisbonne, tous les clubs rotariens portugais se réunirent librement et la Fondation Rotarienne Portugaise fut créée; elle joue un rôle important dans la distribution de bourses d'études scolaires à différents niveaux avec grands investissements de capitaux et appui de dons personnels ainsi que ceux des clubs.

Simultanément, le Club a maintenu, dépassant largement la limite établie par les statuts, sa contribution à la «Rotary Foundation», et des boursiers portugais ont bénéficié de l'activité de cet organisme rotarien à l'échelle mondiale. Des présidents du Rotary International ont fréquemment souligné, à l'occasion de visites aux clubs du District Portugais, la participation active du plus ancien et du plus important Club du pays dans l'universalité du mouvement rotarien. La participation du Rotary Club de Lisbonne aux activités dans la région ENAEM (Europe, Afrique du Nord et Méditerranée Orientale) a également été précieuse et marquante en même temps que ses Comités de contacts internationaux, actuellement au nombre de onze, maintiennent des relations agissantes.

Ces dernières années l'action du Club a été considérable en raison de sa coopération interclub (neuf nouveaux clubs ont été patronnés en 1978-79), de l'appui au Rotaract Club de Lisbonne fondé en 1969 et de l'élargissement constant des activités des «avenues» rotariennes. Au terme de l'année rotarienne 1978-79, il y a au Portugal 52 clubs rotariens en activité, avec un ensemble de plus de 1500 membres, y compris les 9 nouveaux clubs qui furent fondés cette année.

L'administration judicieuse des ressources du Club et les contributions successives de ses membres ont permis l'extension notable de réalisations de bienfaisance et d'appui à la jeunesse, en maintenant un niveau de compagnonnage local et international qui ne cesse de se manifester sous des formes les plus diverses.

Le Rotary Club de Lisbonne, qui s'associe avec la publication de cette brève histoire au 75^e anniversaire du Rotary International, est une société qui jouit d'un précieux et prestigieux passé. Fort de son action de 54 ans d'existence, marqué d'heureuses réalisations dans les domaines les plus variés, le Rotary Club de Lisbonne conserve une large ouverture sur l'avenir.

Brief history of the Rotary Club of Lisbon

The world rotarian movement which had begun in Chicago (United States of America) in 1905, suffered in the following years, a great increase which was strongly stressed shortly after World War I. In 1921, when Club No. 1.000 was founded, in Madrid the first association of its kind in continental Europe had already been constituted. And it was under its inspiration and protected by that Club, that in 1925, the first steps for the instauration of the movement in Portugal were given. On the 23rd January 1926, with a founder's group of 23 members, the Rotary Club of Lisbon was constituted and received its Constitution and Charter; it immediately started functioning based on the Statute-pattern established by the Rotary International for all the Clubs. Companionship, weekly meetings, convivium and cultural diffusion links, joined shortly after with an action which was gradually widening into social activities of philanthropic interest, and in growing international contacts.

In a sometimes difficult atmosphere, marked by a misunderstanding of the aim and spirit which inspired it, the Rotary Club of Lisbon widened its social staff,

fostered and protected the installation of several other Clubs in Portugal - namely the one in Oporto, which was the second to constitute itself - and went through the difficult decennium of Spain's Civil War and shortly after World War II, without interrupting its internal activities and its cultural and well-deserving achievements, which multiplied themselves in the most diverse directions. The action developed by the Club in the help to refugees who flowed into the country, was particularly important, given the circumstance that Portugal kept itself immune to the world conflagration. Once the war was over, the Club's international social-meetings resumed and was greatly increased, showing itself, among other aspects, in the fostering and achievement of youth's interchange, in the frequent reception in Lisbon of foreign rotarian groups and individualities, and in the tasks of Portuguese rotarians in several countries. **The** Club's assisting action was specially relevant in the help to blind aid institutions (foundation and development of the Helen Keller Centre), in the fight against cancer, the help to children, in holiday camps, in aid and scholarships to students, etc. The Rotary Club of Lisbon kept, with an almost continual permanency, a Bulletin which has been an instrument of diffusion and stimulation of the rotarian ideas, of contact with other national and foreign associations, and of support to rotarian initiatives of services to the Community

In 1946 the Portuguese Rotarian District with No. 62 was founded, in whose organization and future development the pioneer Club of Lisbon always played a relevant part. The District took No. 176, then with 17 Clubs in exercise in the country in 1957, the number of the District having changed to 196 in 1971. Meanwhile, the Rotary Club of Lisbon was gradually increasing its associative activities, as well as cultural and philan-

tropic. In 1959, voluntarily grouping all the Portuguese Rotarian Clubs, but always with a dynamical action and financial support predominantly from the Rotary Club of Lisbon, the Portuguese Rotarian Foundation was born; it has played a relevant part in the distribution of scholarships at various levels, with a bulky capital investment and the help of personal and club donations.

Simultaneously, the Club has kept its contribution to the «Rotary Foundation», largely exceeding the statute's established amount, and Portuguese scholars have benefited from the action of this world-wide rotarian organization. Presidents of Rotary International, who at various opportunities visited the Clubs of the Portuguese District, have frequently stressed this and other aspects of the participation of the oldest and most important Club of this country, in the universality of the rotarian movement. The participation of the Rotary Club of Lisbon in the activities of the ENAEM region (Europe, North Africa, Eastern Mediterranean) has also been equally valuable and significant, and at the same time its international contact Committees, which are eleven at the moment, keep a constant sociability which consecrates itself in successive achievements.

In the latest years, the Club's action has been considerable in Portugal's inter-clubs cooperation (nine new clubs were sponsored in 1978-79), in the assistance to the Rotaract Club of Lisbon founded in 1969, and in the constant enlargement of the activities of rotarian «avenues». In Portugal, there are, at the end of the rotarian year of 1978-79, ineffectively functioning 52 rotarian Clubs, with a total of over 1.500 members, including the 9 new Clubs which were founded that year. The meticulous administration of the Club's funds and the successive contributions from its members, have

enabled the remarkable enlargement of welfare actions as well as those of protection to youth, keeping up a level of internal and international companionship which does not cease to show itself under the most various aspects. The Rotary Club of Lisbon, associating itself, with the publishing of this Brief History, to the 75th anniversary of Rotary International, is an association with a valuable and eminent past. and it continues open to the future with the largeness of its actions in 54 years of existence, marked by honourable achievements in the most various grounds.

